
ÉDIPO
EM
COLONO
DE
SÓFOCLES
TRAJANO VIEIRA


ÉDIPO
EM
COLONO
DE
SÓFOCLES
TRAJANO VIEIRA

ÉDIPO EM COLONO
DE SÓFOCLES

COLEÇÃO SIGNOS

Dirigida por Augusto de Campos

Equipe de realização:
Supervisão editorial: J. Guinsburg
Capa e projeto gráfico: Sergio Kon
Revisão de provas: Lilian Miyoko Kumai
Produção: Ricardo Neves, Sergio Kon e Lia N. Marques

ÉDIPO EM COLONO DE SÓFOCLES

TRAJANO VIEIRA

PERSPECTIVA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

V719e
Vieira, Trajano
Édipo em Colono de Sófocles [recurso eletrônico] / [texto e tradução] Trajano Vieira. — 1. ed. — São Paulo: Perspectiva, 2019

recurso digital (Signos ; 41)

Tradução de: ΟἰΔΙΠΟΥΣ ΕΠΙ ΚΟΛΩΝΩΙ
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-273-1219-6 (recurso eletrônico)

1. Teatro grego (Tragédia). 2. Livros eletrônicos. I. Título II. Série.

19-61790

CDD: 882
CDU: 82-2(38)

Índices para catálogo sistemático:
1. Tragédia : História e crítica : Literatura grega antiga 882.0109

2ª reimpressão da 1ª ediçao

Direitos reservados à
EDITORA PERSPECTIVA S.A.
Av. Brigadeiro Luís Antônio, 3025
01401-000 São Paulo SP Brasil
Telefax (11) 3885-8388
www.editoraperspectiva.com.br
2016

SUMÁRIO

O RÉQUIEM DE SÓFOCLES

ÉDIPO EM COLONO, DE SÓFOCLES

ΟΙΔΙΠΟΥΣ ΈΠΙ ΚΟΛΩΝΩΙ

O RÉQUIEM DE SÓFOCLES (por Trajano Vieira)

Costumamos nos referir às tragédias que perfazem a saga de Édipo e sua família com o título de *Trilogia Tebana*. Ao contrário do que normalmente se poderia pensar, os três dramas não foram escritos em ordem cronológica: em lugar da seqüência previsível (*Édipo Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígone*), Sófocles compôs *Antígone* em 441 a. C., *Édipo Rei* em 429 (425?) a. C. e *Édipo em Colono* em 406 a. C., pouco antes de morrer. Quase vinte anos separam o *Édipo Rei* do *Édipo em Colono*, e, para que se tenha uma idéia do significado desse período na história de Atenas, basta lembrar que, em 431 a. C., começa a guerra do Peloponeso, concluída em 404 a. C., com a capitulação da cidade. Também no que concerne aos acontecimentos das duas peças, verifica-se uma distância temporal considerável. No drama traduzido a seguir, deparamo-nos com um herói idoso que, depois de errar longamente como mendigo, amparado por Antígone, repousa num bosque sagrado, em Colono, nas cercanias de Atenas. Sua saída de Tebas não se dá logo após o esclarecimento dos episódios catastróficos de sua vida, mas quando, tempos depois, ao reavaliar seus atos, conclui ser inocente. Ao rememorar esses episódios, Édipo faz uso da argumentação jurídica, no estilo forense, tão apreciado pelos atenienses:

> Responde a uma pergunta apenas: se
> alguém agora viesse te matar,
> a ti, tão justo, indagarias se é teu
> pai o assassino, ou no ato o punirias?
> Se tens amor à vida – penso –, o vil
> punirias, sem o exame do direito.
> Foi como eu me meti num mal assim,
> numes à frente. Se a ânima do pai
> vivesse – creio –, não contestaria.
>
> (*vv.* 991-999)

Esse tom oratório é recorrente nos diálogos da peça. Creonte baseia sua tentativa de levar Édipo de volta a Tebas num pressuposto falso, que

ele apresenta como aparentemente óbvio: segundo afirma, imaginava que o tribunal do Areópago proibiria a permanência de um parricida em Atenas. O que está por trás desse raciocínio caviloso é uma crítica ao próprio Teseu, que teria acolhido o ex-monarca tebano ao arrepio da lei. Contra a colocação de Creonte, duas objeções poderiam ser formuladas: se as leis vigentes impediam Atenas de acolher Édipo, não haveria motivo para ele tentar resgatá-lo à força; por outro lado, seria necessário demonstrar o caráter criminoso dos atos praticados por Édipo. O rei exilado defende-se com base no segundo argumento, como se vê no trecho citado acima e no que menciono a seguir, antecedido pela peroração de Creonte:

> CREONTE:
> A um matador-do-pai, um maculado
> – pensei –, alguém cujo himeneu mostrou-se
> tão impuro, jamais acolheriam.
> No pico de Ares – sei – o sábio Areópago,
> em conselho, não deixa a um vagabundo
> morar qual fora cidadão, na pólis.
> Fiando-me nisso, pus as mãos na presa.
>
> (*vv*. 944-950)
>
> ÉDIPO:
> Responde: o oráculo
> previu ao pai que o filho o mataria;
> como vens censurar-me justamente,
> se a semente vital máter-paterna
> não existia e eu era um não-nato?
> Se vim à luz qual vim, alguém sem sorte,
> e às vias de fato com meu pai, matei-o,
> nada sabendo contra quem agia,
> reprovar-me por ato involuntário
> é razoável?
>
> (*vv*. 969-978)

A expulsão de Tebas explica o rancor de Édipo contra Creonte e Polinices. A agressividade do diálogo que o herói mantém com esses dois personagens revela que o tempo transcorrido não esmoreceu sua têmpera. O mesmo personagem voluntarioso do *Édipo Rei* vai se manifestando à medida que ele se dá conta da dimensão exata de seu novo poder, o tutelar. Logo no começo da peça, Édipo cita a previsão do oráculo, segundo a qual ele protegeria o local em que morresse. No diálogo com

Ismene, esse informe torna-se mais preciso: segundo consultores délficos recentes, a cidade em que Édipo fosse enterrado ficaria livre do ataque inimigo, e, por esse motivo, Creonte e Polinices tentariam levá-lo, não a Tebas, que o condenara por parricídio, mas às cercanias da cidade, onde seria sepultado.

A peça se estrutura ao redor de diálogos, e não propriamente de ações. No âmbito dos acontecimentos, praticamente o único (excluída a tentativa frustrada de seqüestro por parte de Creonte) é o referido pelo mensageiro, a cena extraordinária em que o segredo da morte de Édipo – sua transformação em herói propiciador da região ática – é revelado exclusivamente a Teseu, que, desde o início, protegera o ex-rei tebano. É curioso notar o aspecto da biografia de Édipo que motiva inicialmente o apoio de Teseu, pois ele nos dá uma idéia clara da dimensão cosmopolita da cultura ateniense. Segundo observa o filho de Egeu, foi o fato de Édipo ter enfrentado as vicissitudes da vida no estrangeiro que despertou sua simpatia. Em certo sentido, Sófocles, em sua última peça, idealiza o perfil aberto e receptivo de Atenas, que agonizava àquela altura diante de Esparta, apoiada por Tebas na guerra do Peloponeso (como se sabe, historicamente, a rivalidade entre Tebas e Atenas remonta às guerras persas e atinge seu auge em 431 a. C., no conhecido episódio de Platéia. Quanto à guerra do Peloponeso, cabe a registrar que, com a vitória de Esparta, Tebas manifestou-se a favor da destruição total de Atenas):

> Recordo que também cresci no exílio
> como tu; mais do que ninguém, no exílio,
> minha própria cabeça pus em risco:
> não posso agora te virar as costas,
> negar ajuda a quem provém de alhures.
>
> (*vv*. 562-566)

Pelo menos nesse primeiro contato com Édipo, Teseu vê semelhança entre a resistência do herói tebano, submetido à penúria da vida andarilha, e as agruras sofridas por ele mesmo no exterior. Entretanto, a função de Teseu em *Édipo em Colono* não se resume a esse traço. Os atenienses julgaram esse personagem mitológico um herói civilizador, símbolo da história multiempreendedora da cidade. Seria difícil resumir num breve espaço suas peripécias prodigiosas, sobre as quais Eurípides também escreveu em *As Suplicantes* e no *Hipólito*. Mencione-se, a título de

exemplo, que Teseu foi o responsável pelo extermínio do minotauro no labirinto de Creta. Voluntarioso, perspicaz, curioso, sensível à diversidade cultural, arrogante, justo, são alguns dos adjetivos que caberiam igualmente a Édipo e a Teseu, ou a Édipo e a Atenas, na visão desse amigo e colaborador de Péricles durante a revolta de Samos (441/0 a. C.) que foi Sófocles.

Di Benedetto traça um paralelo entre o retorno de Ulisses a Ítaca e a peregrinação de Édipo[1]. Em ambos os casos, haveria a associação de dois temas: errância e sofrimento. O estudioso italiano elege o verso 165 da peça como fio condutor de sua análise: *polymokhth' alâta*, "andarilho pluri-sofrente". *Alâta* ("andarilho", "errante") é um termo comum na *Odisséia*. Quanto a *polymothos* ("pluri-sofrente"), o crítico aproxima de *polyponos* ("pluripenoso"), epíteto de Ulisses. Ele cita ainda uma possível relação entre o seguinte trecho do *Édipo em Colono* (vv. 203-6):

> CORO:
> Sem a tensão de antes, miserável,
> fala: és filho de quem?
> Quem se deixa levar, multi-sofrido?
> Tua pátria, podes nos dizer ao menos?

e a indagação que Penélope formula ao marido recém-chegado:

> Qual o teu povo e o teu nome, teus pais, a cidade em que moras?
>
> *Odisséia* 19, 105
> (trad. Carlos Alberto Nunes)

A viagem de retorno de Ulisses tem a ver, todavia, com sua reintegração no cosmos humano, depois de concluída a guerra de Tróia. Seu talento astucioso se depura solitariamente diante das situações que o acaso lhe coloca, preparando sua volta ao ambiente familiar e aos encargos palacianos. Ulisses padece em função de sua futura vida doméstica. Édipo, diferentemente, nos é apresentado ao final de um longo e amargurado périplo, cujo papel é expor seu estado deplorável. Uma mesma paisagem se lhe repete, as insuperadas privações, que o tornam desinteressado pela vida. Desde a sua saída de Tebas, o herói sabe que o único episódio que lhe resta é a morte. Sua viagem tem a força de uma imagem, da representação de um herói injustamente submetido à miséria por sua própria cidade. A chegada a uma cidade de valores éticos elevados conta mais do que as

privações experimentadas por ele ao longo dos dias. Vê-lo integrar-se nesse novo universo para morrer com a mesma dignidade e altivez de antes, é um dos pontos altos dessa tragédia. Como escreveu Nietzsche, comentando *Édipo em Colono*, "o herói, em seu comportamento puramente passivo, alcança a suprema atividade, que se estende muito além da vida, enquanto que a sua busca e empenho conscientes apenas o conduziram à passividade"[2]. O filósofo considera Édipo o "puro *sofredor*", protagonista do "hino triunfal do *santo*", que não alcança seu *telos* na função pública, mas na condição de potência ctônica, que protege eternamente sua nova *pólis*, Atenas.

Não seria equivocado definir *Édipo em Colono* como um drama, mais do que como uma tragédia. Nele não encontramos nenhuma ação que provoque a ruína do personagem central. É justamente a falta de ação (não retorno a Tebas) que causa a desgraça de um personagem secundário (Polinices). O infortúnio de Édipo é um dado irreversível. Nada pode agravá-lo ou remediá-lo. Nem mesmo o fato de o personagem não ser criminoso. Se, por um lado, a reviravolta do destino está ausente desse texto – elemento fundamental na tragédia, segundo Aristóteles –, por outro, nele não faltam situações dramáticas, desencadeadas particularmente pelos diálogos. É o que permite a Édipo manter presente, até o fim, a imagem vigorosa, contrastada com seu físico debilitado. Trata-se de um drama moral, em que a grandeza do personagem se destaca sobretudo diante da pequenez de seus interlocutores antagonistas, Creonte e Polinices. Como registra o velho rei exilado, ele se tornou alguém quando já não era ninguém. E esse alguém em quem ele se torna, que, aos olhos dos chefes tebanos, vive nele apesar dele, se deve à sua função tutelar *post-mortem*. Creonte e Polinices requerem a proteção do personagem, não a sua pessoa. O oportunismo político eclode em diálogos de construção admirável, nos quais Édipo alude não só à sordidez atual, mas também a fatos antigos, quando seus parentes assistiram passivamente à sua expulsão de Tebas. Anos transcorreram entre o banimento de Tebas e os diálogos mantidos na peça, mas esse longo hiato não altera em nada a índole do herói e a vilania dos dois membros de sua estirpe. Não à toa, encontramos nessa obra dois comentários extraordinários sobre o tempo, nos quais entrevemos o pessimismo acerca da instabilidade das decisões humanas e da predominância da experiência negativa na vida:

ÉDIPO:

Cronos, panforte, a tudo o mais consome.
A terra perde o viço; o corpo, idem;
confiança morre, desconfiança aflora
e mesmo o sopro da alma entre os fraternos
é mutável, como o é intercidades.
A uns no presente, a outros mais à frente,
o afeto azeda e logo após readoça.
Teu convívio com Tebas te parece
um dia de sol, mas Cronos, infinito
em seu curso, infinita noite e dia,
e a sintonia das mãos hoje estendidas,
a lança anula-a por motivo frívolo.
(vv. 609-620)

CORO:

…
O não ser nato
vence todo argumento. Mas,
advindo à luz,
o rápido retroceder
ao ponto de origem
é o bem de segunda magnitude.
Quando a neofase passa e a vanidade
da irreflexão,
qual golpe pluridor se exclui,
qual pesar não se inclui?

(*vv.* 1224-1232)

Consideradas da perspectiva presente de Édipo, piores do que as ações que lhe causaram desgraça no passado, foram as atitudes tomadas por seus familiares diante de sua ruína. As primeiras – defende-se Édipo – foram ditadas pelos deuses; as segundas, pela ambição desmesurada. O que torna possível a Édipo fazer essa reflexão é que de certo modo também ele possui uma dimensão eterna, divinizada, enquanto futuro herói protetor. Não tivesse recebido esse poder perene, estaria reduzido à débil imagem com que se apresenta no início da peça. Esse aspecto acentua o tom patético dos diálogos que Édipo trava com seus inimigos. É evidente, em seu encontro com Creonte e Polinices, que, aos olhos dos dois, ele nada vale pelo que foi ou é, mas pelo que será, apesar dele. É em relação a essa situação que os debates adquirem maior tensão.

Édipo em Colono é a mais extensa tragédia grega que chegou até nós.

Para helenistas eminentes do início do século XX, como Ulrich von Wilamowitz-Moellendorff[3] e Adolf von Mueller[4], a peça careceria de unidade e de tensão dramática, defeitos que atribuem à idade avançada de Sófocles ou à intervenção de um autor menor, responsável pela alteração de características originais da obra. Wilamowitz considera, por exemplo, desnecessária a presença de Ismene (um mensageiro teria sido suficiente), e excessivamente longa a distância que separa o anúncio da morte de Édipo de sua ocorrência. Mueller, no mesmo sentido, opina que tampouco Polinices influi na ação, e que nada haveria de dramático no fato de um velho "querer acabar com sua vida miserável". Cabe indagar se, ainda hoje, nos devemos restringir a critérios de unidade da ação e de tensão dramática na leitura da peça. Se partirmos do princípio de que nenhum revés poderia agravar a condição de Édipo, seremos levados a buscar o interesse da tragédia em outro ponto. E esse interesse não é pequeno. Aos 90 anos de idade, Sófocles compôs um réquiem. A melancolia de Édipo não deriva da reavaliação de sua própria situação, nem de algum episódio inusitado, que pareceria artificial no caso de alguém chegado ao extremo da privação. Presenciamos a amargura serena de um olhar em perspectiva, voltado para o passado tebano e para o seu presente, no qual perdura a mesma sordidez moral de outrora. A persistência do vício no âmago de sua família, entre sua saída de Tebas e sua chegada a Colono, não deve ser considerada um dado insignificante na estrutura do drama, pois é ela que permite a Édipo e ao coro formularem comentários pesarosos sobre o tempo e a experiência humana. Assistimos sobretudo a um personagem que, prestes a alcançar a sobrevida, observa pela última vez o poder devastador da ambição que corrói o governo em Tebas e destrói sua família. É a grandeza de sua manifestação indignada e inflexível que constitui – pode-se dizer – a grandeza da última tragédia de Sófocles.

ÉDIPO EM COLONO, DE SÓFOCLES

ÉDIPO:

Filha de um velho enceguecido, Antígone!
Aonde chegamos, quem habita a pólis?
Alguém acolherá com dons exíguos
Édipo, agora, um vagamundo, em casa?
Requeiro um mínimo e consigo um ínfimo
do mínimo pedido. A mim me basta.
Pathos, o padecer, me ensina, e Cronos,
delongado magíster, e a nobreza.
Se um posto avistas, filha, num recinto
pisado por humano, em bosque sacro,
me assenta ali. Mister é conhecer
o logradouro. Forasteiros, quanto
os cidadãos nos ditem, cumpriremos.

ANTÍGONE:

Ó malfadado pai! Diviso mal
as torres protetoras da cidade.
Vinhas viçam, olivas, louros: este
sítio é sagrado. Trinam rouxinóis
na parte interna, arrufam a plumagem.
Dobra os membros na rude penha! Sênex,
padeces da distância percorrida.

ÉDIPO:

Acomoda-me, pois, cuida do cego!

ANTÍGONE:

O tempo fez-me veterana nisso.

ÉDIPO:

Podes me esclarecer onde é que estamos?

ANTÍGONE:

Desconheço o local; avisto Atenas.

ÉDIPO:

Os transeuntes já nos tinham dito.

ANTÍGONE:

Indago a toponímia no arrabalde?

ÉDIPO:

Exato, e se alguém mora no local.

ANTÍGONE:

Mora. Não é preciso ir atrás
da informação: um homem vem chegando.

ÉDIPO:

Aperta o passo em nossa direção?

ANTÍGONE:

Ei-lo presente. Fala o que julgares
adequado falar, que o tens à frente.

ÉDIPO:

Estrangeiro, quem vê por si e por mim
me diz que és um perquisidor propício:

mergulhados em dúvidas, ajuda-nos!

ESTRANGEIRO:

Nada perguntes do lugar que ocupas,
pois pisas num espaço proibido.

ÉDIPO:

Onde estamos? Que deus cultuam aqui?

ESTRANGEIRO:

Solar inabordável! Têm-no as filhas
da Treva e Terra, deusas terroríficas.

ÉDIPO:

Como invocá-las? Qual seu nome augusto?

ESTRANGEIRO:

Panvisivas, o povo as chama Eumênides,
Afáveis. Têm mais apelidos lindos.

ÉDIPO:

Acolham favoravelmente um súplice:
não abandono o abrigo desta terra.

ESTRANGEIRO:

Será que entendo bem?

ÉDIPO:

Minha desdita dita.

ESTRANGEIRO:

Banir-te ou não banir-te? Sem que a pólis
avalize, vacilo. O que farei?

ÉDIPO:

Não me desonres, pelos deuses! Rogo
que elucides um erradio aflito!

ESTRANGEIRO:

Falas do quê? Tua honra ninguém tira.

ÉDIPO:

Qual o nome do espaço onde pisamos?

ESTRANGEIRO:

Se me ouves, saberás tudo o que sei.
O sítio todo é santo. Nele mora
Posêidon, venerável, e o titã
Prometeu porta-fogo. Umbral de Bronze,
Alicerce de Atenas, chamam onde
pisas. O arqui-senhor Colono, o eqüestre,
domina o campo vicinal. Orgulham-se!
O nome dele a todos, em comum,
os denomina, qual seu protetor.
É tudo, peregrino. Sem a pompa
da história, o conto no local vigora.

ÉDIPO:

Então há residentes nestas glebas?

ESTRANGEIRO:

Há sim e são epônimos do deus.

ÉDIPO:

O povo tem voz? Vez? Alguém o rege?

ESTRANGEIRO:

O basileu da pólis reina aqui.

ÉDIPO:

E quem, mais forte, impõe a própria fala?

ESTRANGEIRO:

Filho do ancestre Egeu; Teseu se chama.

ÉDIPO:

Algum de vós transmite-lhe um recado?

ESTRANGEIRO:

Para fazê-lo vir ou dar-lhe as novas?

ÉDIPO:

Com pouca ajuda, muito há de colher.

ESTRANGEIRO:

O que pode esperar de quem não vê?

ÉDIPO:

O que eu disser se tornará visível.

ESTRANGEIRO:

Sabes como evitar o passo em falso?
És um bem-nato, vê-se, de má sorte.
Não te removas de onde me surgiste,

até que eu tope e fale com terrícolas
(não buscarei nenhum cosmopolita).
Decidirão se ficas ou se partes.

ÉDIPO:

O estrangeiro, menina, já se foi?

ANTÍGONE:

Sim, fala sem temor, meu pai; além
de mim ninguém te poderá ouvir.

ÉDIPO:

Ó venerandas, olho-torvo, quando
cheguei aqui, me recostei primeiro
em vosso espaço. Não me renegueis,
a mim e a Foibos, que ao prever meus males,
anunciou-me o repouso, após longuíssimo
período, ao atingir região distante:
deusas magnas me acolheriam onde
se romperia o fio da triste vida.
Benesses a quem me acolhesse em casa;
Ate, a Desgraça, a quem me renegasse!
O advento de um sinal me indicaria:
sismo, trovão, relâmpago de Zeus.
Agora dou-me conta de que só houve
viagem porque vosso presságio alado
e fiável conduziu-me ao bosque sacro.
Senão, em minha errância, não teríamos
nos encontrado – um sóbrio junto a deusas
que não bebem –, vazio o assento sacro
da laje não-lavrada. Ouvi Apolo,
deixai que a minha vida aqui termine,
se sou merecedor de alguma ajuda,

sempre sujeito à hiperdor humana!
Filhas-dulçor da imêmore Penumbra!
Magna Palas, cognominada Atenas,
palma-honor no universo das cidades!
Não vos dá pena um ser fantasmagórico,
Édipo, ex-corpo do que outrora foi?

ANTÍGONE:

Silêncio! Chegam homens avançados
em cronos. Vêm inspecionar teu posto.

ÉDIPO:

Me calarei. No bosque à beira-estrada,
ocultarás meus passos. Lá me inteiro
do tema da parlenda. A salvaguarda
do que fazemos é o conhecimento.

CORO:

Esquadrinha! Quem era? Onde está?
Acuado, excêntrico, onde se enfiou
o mais audaz,
o mais audaz
de todos?
Escruta! Busca!
Perscruta cada ângulo!
Vagamundo um vagamundo, um sênex, um intruso! Ninguém daqui aborda o bosque inabordável das virgens in-
submissas.
Trêmulos, nomeamo-las.
Desfitando-as, ladeamo-las,
áfonos,
tácitos

movendo o lábio do pio pensar.
Corre agora o rumor
sobre a vinda de um sem-pudor.
O exame exaustivo do templo
não o trouxe a mim.

ÉDIPO:

Eu sou aquele! Enxergo pela voz,
como se diz.

CORO:

Oh!
Pavor de aparição! Pavor de voz!

ÉDIPO:

Rogo não ser tratado como anômalo!

CORO:

Zeus protetor, quem é este senhor?

ÉDIPO:

Alguém que não merece cumprimentos
por seu destino, ó éforos da terra;
caso contrário, não me arrastaria
com olhos de terceiros, escorando
meu corpo enorme em bases diminutas.

CORO:

Olhos ocos!
Acaso os tens de berço?
Pareces veterano em contratempo.
De minha parte,

não incorporas outras maldições.
Pervasivo invasor,
pretendes alcançar o arbóreo vale
do silêncio,
onde à cratera pleniaquosa do lago
o eflúvio-mel se mescla, delibado?
Evita-o, peregrino pan-sinistro!
Afasta-te! Desloca-te! A desmesura
das veredas nos aparta.
Escuta-me, andarilho pluri-sofrente!
Portas palavra ao parlatório?
De onde a lei veta, evade-te!
Fala de onde é lícito!
Lacra os lábios antes disso!

ÉDIPO:

Filha, como orientar meu pensamento?

ANTÍGONE:

É aconselhável proceder segundo
os cidadãos, cedendo em tudo e ouvindo-os.

ÉDIPO:

Segura a minha mão.

ANTÍGONE:

Toco-a.

ÉDIPO:

Estrangeiros, me fio em vós. A justa
Dike não há de me punir: me afasto!

CORO:

Ninguém te arranca, velho,
do posto onde recosta-te.

ÉDIPO:

Avanço?

CORO:

Um passo a mais.

ÉDIPO:

Mais?

CORO:

Guia-o, moça, à frente!
Tens olhos, vês!

ANTÍGONE:

Adianta, pai, adianta o passo turvo
por onde eu te conduzo!
…

CORO:

Não hesites, ó mísero!
Estranho em terra estranha,
aceita dizer *não*
ao que a pólis nega e *sim*
ao que venera!

ÉDIPO:

Guia-me, filha!
Sobrepisando o solo puro,
falemos e escutemos!

É inútil combater o imperativo!

CORO:

Basta! Não apóies
os pés além-degrau pétreo.

ÉDIPO:

Assim?

CORO:

Não ouves? Pára!

ÉDIPO:

Devo sentar-me?

CORO:

Arcado à beira-rocha,
de cócoras, abaixo.

ANTÍGONE:

Te oriento, pai. Com calma,
harmoniza teu passo na passagem.

ÉDIPO:

Tristeza!

ANTÍGONE:

Reclina o corpo idoso
nos meus braços de filha.

ÉDIPO:

Atra Ate, Ruinosa!

CORO:

Sem a tensão de antes, miserável,
fala: de quem és filho?
Quem se deixa levar, multi-sofrido?
Tua pátria, podes nos dizer ao menos?

ÉDIPO:

Forasteiros,
um sem urbe, porém não…

CORO:

Desafirmas o quê, velho?

ÉDIPO:

Não! Não! Não me interrogues o nome;
não dês prosseguimento ao teu inquérito!

CORO:

Por qual motivo?

ÉDIPO:

Horror de nascimento.

CORO:

Fala!

ÉDIPO:

Filha, o que há de ser?

CORO:

De que sêmen provéns? Quem é teu pai?

ÉDIPO:

Ó minha filha, o que padecerei?

CORO:

Fala! Andas sobre o fio de uma navalha!

ÉDIPO:

Direi, já que ocultar não me é possível.

CORO:

Os dois retardam. Quero rapidez!

ÉDIPO:

Algum de vós conhece a laia de Laio?

CORO:

Ai de Laio!

ÉDIPO:

A família dos Labdácidas?

CORO:

Ai! Zeus!

ÉDIPO:

Édipo, o desditoso?

CORO:

Ele és tu?

ÉDIPO:

Não vos traga temor a minha fala.

CORO:

Horror!

ÉDIPO:

Desdouro!

CORO:

Ai!

ÉDIPO:

O que há de suceder, Antígone?

CORO:

Fora! Longe! Deixai este país!

ÉDIPO:

É assim que empenhas tua palavra?

CORO:

A moira punidora não persegue
o punidor de um prévio padecer.
Engano pago com engano,
um pelo outro, como paga
obtém a pena, não o júbilo.
Remove-te
de volta,
de novo,
excêntrico,
das sedes!

Some do meu solo!
Dispenso o acréscimo de males
à cidade natal!

ANTÍGONE:

Estrangeiros, ânima-pureza!
Ele, o velho pai, o meu,
não tolerais,
ao relatar ações involuntárias?
Por mim, inútil, o par suplica:
piedade!
Por meu pai – meu único! – rogo,
rogo, fixando, não-cega, meus olhos
em vossos olhos,
qual fora consangüínea:
respeitai o mísero!
Malfadados, buscamo-vos,
como a um deus.
O imprevisto favor, nos concedei!
Rogo-te, pelo que toca o íntimo –
filho, tálamo, deus, tesouro!
Ninguém logra evadir-se
– me aponte um só! –,
se um nume o norteia.

CORO:

O horror que acometeu a dupla faz
com que soframos igualmente, Antígone;
tememos, entretanto, ações divinas.
Esmoreço: falar mais me é impossível.

ÉDIPO:

Para que serve a fama e o belo nome,

se o que resulta é vão? Atenas (dizem)
é uma pólis divino-devotíssima.
Só ela abriga o forasteiro aflito,
só ela sabe como defendê-lo.
Não sou merecedor do benefício?
Desalojado, agora me banis?
Meu nome atemoriza? Nem meus atos
remotos amedrontam, nem meu corpo.
Os atos padeci, não cometi,
se posso mencionar meus genitores,
que fomentam o atual pavor. Bem sei.
Nada macula minha natureza:
reagi ao que sofri. Acaso fui
agente ciente? Quem me diz que errei?
Cheguei aonde cheguei nada sabendo;
sofri por quem, sabendo, me arruinou.
Não me constrange, pois, vos suplicar:
salvai-me, como há pouco me afastastes!
Honrar os deuses e negar aos deuses
sua moira é um contra-senso. Recordai
que com os mesmos olhos deuses vêem
o impuro e o puro. Alguém pode citar-me
um homem ímpio, prófugo dos numes?
A boa estrela de Atenas, sem os deuses,
obnubilas, autor de ações sacrílegas.
Houve promessas: resguardar o súplice!
Defende-me! Protege-me! O que é duro
de olhar, mira, sem desonrar-me: o rosto!
Sou puro, consagrado, e trago à gente
daqui vantagens. Vindo o líder mor,
seja quem for que vos comande, tudo
conhecerás, ouvindo-me o relato.
Nesse ínterim, não sejas pusilânime!

CORO:

Teus entimemas, velho, metem medo;
profere-os com linguagem ponderada.
Mas devo te informar que a decisão
será tomada por quem rege o país.

ÉDIPO:

E onde se encontra o líder soberano?

CORO:

Habita a pólis pátria. O mesmo núncio
responsável por minha vinda busca-o.

ÉDIPO:

Ouvindo o próprio íntimo, ele zela
por um enceguecido, vindo aqui?

CORO:

Assim que pronunciem teu nome, parte.

ÉDIPO:

E quem vai ser o anjo mensageiro?

CORO:

Longa é a rota. As palavras dos viajores
amam se propagar. Quando as ouvir –
coragem! – ele vem. Teu nome, velho,
pervade cada canto! Mesmo se
dormir em paz, tão logo saiba, acorre.

ÉDIPO:

Nos traga a boa sorte, a mim e à pólis:

o homem de estirpe é amigo de si mesmo.

ANTÍGONE:

Ó Zeus! O que dizer, pensar, meu pai?

ÉDIPO:

O que se passa, Antígone?

ANTÍGONE:

Avisto uma mulher vindo a galope
em potra étnea.
O sol estéril bate em seu chapéu
tessálio, toldo de seu rosto.
O que dizer?
É? Não é? Desvario?
Digo, desdigo sem saber o quê!
Infeliz!
Não mais duvido! Chispam olhos
afáveis na chegada. Sinais familiares!
Só pode ser, sim, é: Ismene!

ÉDIPO:

O que dizes, Antígone?

ANTÍGONE:

Eu vejo minha irmã,
tua filha. Reconhecerás sua voz.

ISMENE:

Duplo nome aprazível: minha irmã,
meu pai! Custou-me tanto vos achar,
me sobrecusta – ó dor! – vos ter à frente!

ÉDIPO:

Filha, estás entre nós?

ISMENE:

Vislumbro a moira má!

ÉDIPO:

Filha! Que aparição!

ISMENE:

Não sem sofrer.

ÉDIPO:

Toca-me, filha!

ISMENE:

Abraço simultaneamente os dois.

ÉDIPO:

Filhas-irmãs!

ISMENE:

Duplo viver sofrível!

ÉDIPO:

Eu. Ela.

ISMENE:

E a terceira, sem destino!

ÉDIPO:

O que te traz aqui?

ISMENE:

Me inquietava por ti, ó pai!

ÉDIPO:

Saudade?

ISMENE:

E notícias, das quais sou portadora
eu mesma, com o servo em que me fiei.

ÉDIPO:

E onde se encontram teus irmãos? Não sofrem?

ISMENE:

Onde estiverem, dores lhes sobejam.

ÉDIPO:

Aos dois moldaram hábitos do Egito,
no estilo de viver, no próprio ser,
pois lá o varão, sentado em casa, tece
ao tear, enquanto sua consorte sai
à rua em busca de sustento, sempre.
No que vos tange, o encargo caberia
a quem mora em morada feito moça,
mas ao invés dos dois, vós duas – tristeza! –
suportais a desgraça. Uma, bem nova,
corpo rijo, comigo desde a infância,
companheira num périplo sem moira,
gerontocondutora em bosque virgem,
jejuna e sem calçado andando ao léu.

Trovões estrondam, sóis estuam, mas
para a infeliz sofrente é secundário
o aconchego do lar, se o pai se nutre.
E tu, garota, ao pai trouxeste outrora
os oráculos todos (à socapa
dos cádmios), quantos concerniam a mim.
Verdadeira guardiã, quando enxotaram-me.
Que história, Ismene, vens contar-me agora?
Deixaste o teu conforto com que escopo?
Tua vinda não é um vácuo, pois me trazes
– eu posso pressenti-lo! – horríveis novas.

ISMENE:

Padecimentos, pai, eu padeci,
buscando onde abrigavas teu viver.
Poupo a mim mesma desse assunto: em dobro
me afligiria, rememorando os fatos.
Teus dois filhos sem moira, o mal os ronda!
É isso o que me fez agora vir.
O acordo era doar o trono a Creonte
e preservar assim a urbe imácula.
Tinham em mente a ruína da família,
o horror que fulminara tua morada.
Obra de um deus, de mente maquiavélica,
a negra Erínia fez dos dois rivais:
a dupla agora quer poder e cetro.
Cronologicamente júnior, um
do anterior Polinices usurpou
o trono, desterrando-o da cidade.
Este, segundo o boato lá corrente,
fugiu para a concavidade argiva.
Recém-marido, arregimenta amigos
armados. Argos predomina em Tebas,
ou Tebas ergue ao céu-urânio a glória!

Não vejas nisso, pai, um vanilóquio,
os próprios fatos horrorizam. Deuses
se apiedam de tua pena. Quando? Ignoro.

ÉDIPO:

Os deuses olharão por mim? Crês nisso?
Hão de querer me resgatar um dia?

ISMENE:

Sim, pai, segundo oráculos de agora.

ÉDIPO:

E o que, proféticos, nos anunciam?

ISMENE:

Morto ou vivo, os tebanos devem vir
te resgatar. Só assim eles prosperam.

ÉDIPO:

Um homem como eu lhes traz sucesso?

ISMENE:

De ti emana a força, eis o que afirmam.

ÉDIPO:

Me fiz alguém ao me tornar ninguém?

ISMENE:

Pré-ruinosos, os numes ora te erguem.

ÉDIPO:

Tombei na flor-da-idade. Erguer-me é inútil.

ISMENE:

É iminente a chegada de Creonte.
É bom que saibas que ele vem por isso.

ÉDIPO:

Por que motivo? Explica-te, menina!

ISMENE:

Vem para te alojar vizinho a Tebas;
sem que entres na cidade, te dominam.

ÉDIPO:

Como lucram, se me sepultam fora?

ISMENE:

Tombam se se descuidam do teu túmulo.

ÉDIPO:

Não é preciso um deus para ver isso.

ISMENE:

Essa é a razão por que te querem ter
à beira-Tebas, de onde não comandas.

ÉDIPO:

Merecerei o pó tebano ao menos?

ISMENE:

O sangue de um parente, ó pai, impede-o.

ÉDIPO:

Pois sobre mim jamais terão poder.

ISMENE:

Isso fará sofrer um dia os cádmios.

ÉDIPO:

Em que sentido? Sabes me explicar?

ISMENE:

Do sepulcro, tua cólera os atinge.

ÉDIPO:

De quem ouviste o que agora dizes?

ISMENE:

De quem esteve no santuário délfico.

ÉDIPO:

Assim falou Apolo sobre mim?

ISMENE:

Conforme quem de lá voltou a Tebas.

ÉDIPO:

E meus filhos puderam escutá-lo?

ISMENE:

Ambos os dois estão a par de tudo.

ÉDIPO:

E ciente, a dupla de canalhas ante-
põe o poder à sua afeição por mim?

ISMENE:

Te escuto, sofro e mais não sei falar.

ÉDIPO:

Que os numes não anulem a disputa
fatal! Que o desenlace da batalha
travada pelos dois, cruzando espadas,
seja prerrogativa minha! O dono
atual do trono e cetro assistirá
em breve à própria queda. Quanto ao outro,
expatriado, não mais retornará.
Quando, humilhado, me defenestraram,
nem um nem outro defendeu-me – o pai! –,
frente à proclamação do arauto: "exílio!"
Dirás talvez que a pólis me outorgava
corretamente o que eu reivindicara.
Não foi assim. Naquele mesmo dia,
minh'alma delirava e doce a morte
teria sido, por seixos lapidado.
Ninguém correspondeu ao meu querer.
O tempo foi passando e a dor com ele.
Dava-me conta de que o coração
se excedera ao punir prévios errores.
Então, depois de longo tempo, a urbe
baniu-me à bruta, e os dois – meus filhos! –, aptos
a agirem pelo pai, ao pai negaram
ajuda. A meu favor, uma palavra
sequer foi proferida, um erramundo
no ostracismo. Das duas, moças, quanto
a natureza lhes faculta, vem
meu pão. Guardam meu sono – amor de filha!

Inimigos do pai, os dois preferem
subir ao sólio, obter o cetro: o império!
Jamais hão de contar com meu auxílio,
jamais hão de gozar do mando em Tebas!
Baseio-me no que me disse Ismene
do oráculo e em antigas profecias
que Apolo fez surgir a meu favor.
Mandem Creonte vir me capturar,
um outro figurão em seu lugar.
Estrangeiros, se intercedeis por mim,
tal qual as magnas deusas tutelares
do país, um salvador de vulto vossa
urbe ganha, e os odiados, só pesar!

CORO:

Mereces comiseração, tuas filhas
também. Te autoproclamas salvador
de nossa terra. Escuta o meu conselho
que poderá render-te benefícios.

ÉDIPO:

Me ajuda, amigo; sigo tudo à risca.

CORO:

Oferta um rito puro de catarse
às deusas cujo espaço antes violaste.

ÉDIPO:

De que maneira, forasteiro? Ensina-me!

CORO:

Começa por trazer água lustral
de fonte eterna, com mãos depuradas.

ÉDIPO:

E quando eu dispuser da água límpida?

CORO:

Recobre a borda das crateras, obra
de um mestre, e o dúplice bocal alado.

ÉDIPO:

Cobrir com quê? Felpas de lã? Ramagens?

CORO:

Pega um recém-cordeiro e tosa o pelo.

ÉDIPO:

E, depois, como eu devo proceder?

CORO:

Verte a oferenda, firme, pró-levante!

ÉDIPO:

Derramo-a das crateras mencionadas?

CORO:

Sim, três vezes. Deliba tudo à última.

ÉDIPO:

Devo enchê-la com quê? Me instrui, magíster!

CORO:

Com hidromel. Não adiciones vinho!

ÉDIPO:

E quando a folha negra umedecer-se?

CORO:

Três ramos vezes nove de oliveira
depõe – cuidado! – e entoa a litania!

ÉDIPO:

Desejo ouvi-la, tal sua relevância.

CORO:

"Conclamo as Beneméritas Eumênides
a receberem bem o sóter súplice!"
Faze a prece ou alguém no teu lugar;
baixando o tom, emite o som secreto.
E parte sem voltar a face! Assim
agindo, me encorajo e te auxilio.
De outro modo, por ti eu me apavoro.

ÉDIPO:

Filhas, o morador daqui foi claro?

ANTÍGONE:

Perfeitamente. Ordena, que o faremos!

ÉDIPO:

Um duplo mal me impede a ida: a falta
de vigor e visão. Uma das duas,
indo até lá, assuma o meu lugar!
Uma ânima-psiquê vale por mil,
se, jubilosa, homenageia o deus.
Rejeito atrasos, mas não quero estar

só. Impotente, o corpo do eremita
não se desloca, sem que alguém o guie.

ISMENE:

Irei cumpri-lo. Quero antes saber
em que ponto se localiza o sítio.

CORO:

Além-floresta, peregrina. Alguém
de lá, caso precises, te instruirá.

ISMENE:

Já me encaminho. Irmã, cuidar do pai
é encargo teu. Se pelos pais padece-se,
mister é deslembrar o padecer.

CORO:

O mal que há muito jaz, ó forasteiro,
horror é despertá-lo.
Mas a curiosidade…

ÉDIPO:

De quê?

CORO:

Do agudo sofrimento
com que te deparaste, incontornável.

ÉDIPO:

É papel do anfitrião revolver
o sofrimento horrível?

CORO:

Desejo ouvir de tua própria boca
o raconto que nunca se calou.

ÉDIPO:

Ai!

CORO:

Suplico! Satisfaze-me!

ÉDIPO:

Dor!

CORO:

Cede! Quanto o desejes, cumprirei.

ÉDIPO:

Arquei com o pior, ó forasteiro,
arquei sem o querer
– saiba o deus! –,
malgrado meu.

CORO:

Em relação a quê?

ÉDIPO:

Num leito infame,
a pólis me enlaçou, nada sabendo,
na ruína de um matrimônio.

CORO:

Te deitaste, conforme eu escutei,

no impronunciável leito maternal?

ÉDIPO:

Ó dor! Te ouvir é equivalente à morte,
ó estrangeiro! E essas duas, de mim…

CORO:

Como?

ÉDIPO:

… filhas, dupla desgraça …

CORO:

Zeus!

ÉDIPO:

… que a mãe delas – a minha! – deu à luz.

CORO:

Ambas são filhas e …

ÉDIPO:

… irmãs do próprio pai.

CORO:

Horror!

ÉDIPO:

A profusão de males me confunde!

CORO:

Sofreste…

ÉDIPO:

…o que não me esqueceu!

CORO:

Cometeste…

ÉDIPO:

De modo algum!

CORO:

Estranho.

ÉDIPO:

Útil à pólis,
sofrido-coração, ganhei um dom.
Nunca o tomara!

CORO:

Aziago! Então mataste…

ÉDIPO:

Queres que eu elucide o quê?

CORO:

Teu pai?

ÉDIPO:

Ai! Pai! Segundo golpe: feres a ferida!

CORO:

Mataste…

ÉDIPO:

Matei, mas…

CORO:

O quê?

ÉDIPO:

… posso justificar-me.

CORO:

Como?

ÉDIPO:

Direi:
Matei sem o saber, dei cabo dele.
Sou puro frente à lei, pois ignorava-o.

CORO:

Mas eis que chega nosso rei Teseu,
filho de Egeu, sensível a teus rogos.

TESEU:

Muita gente falou-me no passado
da sangüínea mutilação dos olhos;
por isso eu sei quem és, filho de Laio;
e o que escutei ao vir só me confirma.
Teus andrajos, teu rosto decomposto
denunciam: és quem és! Compadecido,
te interrogo, Édipo funesto: súplice,

recorres à urbe e a mim querendo o quê,
amparado por moça sem fortuna?
Teu ato terá sido assim terrível,
a ponto de eu recuar? Ouço o relato.
Recordo que também cresci no exílio
como tu; mais do que ninguém, no exílio,
minha própria cabeça pus em risco:
não posso agora te virar as costas,
negar ajuda a quem provém de alhures.
Sou ser humano e sei que o amanhã
não me pertence mais do que a ti mesmo.

ÉDIPO:

Teseu, tuas palavras breves mostram
o quanto és nobre. Poderei ser curto:
quem sou, que nome tem meu genitor,
de onde provim, acabas de dizê-lo.
Me sobra muito pouco a esclarecer:
o motivo de estar aqui. E encerro.

TESEU:

Pois, sem demora, vai direto ao cerne!

ÉDIPO:

Venho te oferecer o dom de um corpo
torpe. Aparentemente sem valor,
é bem mais útil do que a forma esbelta.

TESEU:

Imaginas trazer-me que vantagem?

ÉDIPO:

Não deves conhecê-la antes do tempo.

TESEU:

Mas quando se revela tua dádiva?

ÉDIPO:

Quando eu morrer e então me sepultares.

TESEU:

Teu pedido se circunscreve à morte?
A vida nada vale ou a esqueces?

ÉDIPO:

Tudo fará sentido em meu *post-mortem*.

TESEU:

É menos que um favor o que me pedes.

ÉDIPO:

Não te iludas: requeiro algo de vulto!

TESEU:

Em relação a quem: a mim? Teus filhos?

ÉDIPO:

Farão de tudo para me raptar.

TESEU:

Se desejas voltar, o exílio é ruim.

ÉDIPO:

Os dois não permitiram quando eu quis.

TESEU:

Seu tolo! A ira é inútil no infortúnio.

ÉDIPO:

Critica-me depois de eu me explicar!

TESEU:

Fala! Não posso comentar se ignoro.

ÉDIPO:

Não padeci, Teseu, um mal, mas muitos!

TESEU:

Aludes à desgraça da família?

ÉDIPO:

Não. Disso a Grécia toda tem ciência.

TESEU:

O que provoca dor tão desumana?

ÉDIPO:

Eis o caso: procriei quem me expatriou.
Devido à condição de matador-
-do-pai, não poderei pisar em Tebas.

TESEU:

Mas não te querem arrastar à força?

ÉDIPO:

Foi uma imposição da voz divina.

TESEU:

Que sofrimento o oráculo predisse?

ÉDIPO:

Atenas vai destruí-los. Eis o aviso!

TESEU:

E qual será a causa desse atrito?

ÉDIPO:

Meu fraternal Egeide, o envelhecer
e a morte só os deuses desconhecem.
Cronos, panforte, a tudo o mais consome.
A terra perde o viço; o corpo, idem;
confiança morre, desconfiança aflora
e mesmo o sopro da alma entre os fraternos
é mutável, como o é intercidades.
A uns no presente, a outros mais à frente,
o afeto azeda e logo após readoça.
Teu convívio com Tebas te parece
um dia de sol, mas Cronos, infinito
em seu curso, infinita noite e dia,
e a sintonia das mãos hoje estendidas,
a lança anula-a por motivo frívolo.
Meu gélido cadáver encoberto
irá sorver o sangue deles, tépido,
se Zeus ainda for Zeus, e o filho seu,
Foibos, veraz. Mistério de sua fala
não me apraz mencionar. Volto ao começo:
mantém-te fiel! Jamais dirás que um hóspede
sem préstimo acolheste em casa – Édipo! –,
se, contra mim, os numes não me iludem.

CORO:

Há muito ele se mostra, rei, capaz
de cumprir sua palavra em prol de Atenas.

TESEU:

E quem renegaria o bem-querer
de alguém assim? Devemos partilhar
com hóspedes o fogo da lareira.
Um suplicante pio recorre a nós,
quer dar-me o sumo dom e à nossa pólis.
Merecedor do meu respeito, o arvoro
em residente. Acolho o seu favor.
Se o estrangeiro prefere estar aqui,
zela por ele! Mas, se tens em mente
ficar comigo, ancião, farei cumprir
tua decisão. Será tal qual escolhas.

ÉDIPO:

Concede, Zeus, o bem a gente assim!

TESEU:

O que decides? Vens comigo ao paço?

ÉDIPO:

Se me fosse possível. Mas aqui…

TESEU:

Deves fazer o quê? Não me oporei.

ÉDIPO:

Aqui enfrento e venço meus algozes.

TESEU:

Dizias ser grande o dom de tua presença.

ÉDIPO:

Se cumprires o que me prometeste.

TESEU:

Confia em quem jamais te irá faltar.

ÉDIPO:

Impomos jura a quem não confiamos.

TESEU:

Minha palavra então há de bastar.

ÉDIPO:

Como agirás?

TESEU:

O que provoca em ti temor tamanho?

ÉDIPO:

Homens virão…

TESEU:

Mas eles cuidam disso.

ÉDIPO:

Se me abandonas…

TESEU:

Não queiras me ensinar o que fazer!

ÉDIPO:

Me impele o medo…

TESEU:

Mas não temas meu coração.

ÉDIPO:

Não sabes das ameaças…

TESEU:

Mas sei perfeitamente bem
que ninguém te remove sem que anuas.
À fúria furibunda sobra ameaça
e termos vãos. Mas quando a luz retorna
à mente, ameaças logo se dissipam.
Isso lhes diz respeito: falem duro
no afã de te arrastar, e o mar – garanto! –
lhes abrirá sua face inavegável!
Rogo não desanimes! Mesmo se eu
não desse apoio, Apolo te mandou.
Mesmo comigo ausente, meu renome
impede que te abata o sofrimento.

CORO:

Belos corcéis –
eis, forasteiro, o país a que chegaste,
estábulo mais seguro da terra,
Colono branco-argênteo!
Seu hóspede contumaz é o rouxinol
docetrino,
sob os ramos dos vales:

pousa
em heras cor-de-vinho,
em copas de mil frutas,
invioláveis, divinas,
sem sol, sem vento da viragem,
por onde Baco,
Dionísio,
sempre adentra,
ciceroneando
suas nutrizes divinas.
Sob o orvalho urânio,
aflora, diário,
o narciso de lindas corolas
(arcaico diadema das deusas magnas),
o cróceo açafrão, raios-ouro.
Insones,
fontes não minguam
arroios nômades do Céfiso;
alcançam, ágeis fecundando
com o cristal das águas,
o campo amplictônio.
Nem o coro das Musas desdenha
o lugar,
nem Afrodite, rédeas-de-ouro.
Ali germina planta nunca vista
na Ásia,
na mega ínsula dórica de Pélops:
se auto-refaz, intocada,
terror da lança adversa.
Floresce, enorme, no lugar:
folhame da oliveira glauca,
nutriz-de-infantes!
Mãos exterminadoras, jovens ou velhos
não a erradicam.

Zeus, Moira do olival,
mantém aberto o círculo
de pupilas vigilantes,
também Atena, olhos glaucos.
Farei outro louvor magnânimo
à urbe máter,
dom do mega deus,
mega orgulho ctônio:
belos eqüinos, belos potros, belo mar talásseo!
Filho de Cronos, Posêidon
potente, alçaste-a
ao ápice,
introduzindo nestas ruas, primeiro,
o freio modera-corcéis,
e o remo bem-lavrado às mãos:
sobrevoa o salso mar,
ímpeto milagroso,
seguidor das Nereidas,
cem-pés!

ANTÍGONE:

Ó solo multicelebrado!
Revela agora o brilho da tua história!

ÉDIPO:

O que há de novo, filha?

ANTÍGONE:

Creonte, ó pai,
se avizinha, escoltado por sua gente!

ÉDIPO:

Caríssimos anciãos! Se intercedeis

por mim – só assim! –, a salvação existe.

CORO:

Mantém a fibra! Vês um velho, mas
nosso vigor não vês envelhecido!

CREONTE:

Moradores do país de fina cepa,
noto que minha vinda trouxe um medo
repentino, que vos congela a vista.
Evitai o temor e termos rudes!
Não vim movido por motivo torpe;
sou velho e sei que chego a uma cidade
megapoderosíssima, sem par
na Grécia. Embora idoso, me mandaram
com a missão de convencê-lo à volta.
A determinação partiu de todos,
não de alguém isolado. Sou parente,
me apiedo de tua pena, mais que a pólis.
Ó Édipo infeliz, retorna ao lar!
Deves me acompanhar! O chamamento
do povo é unânime – clamor justíssimo! –,
mais justa é minha dor, senhor (o pior
dentre os mortais seria não condoído).
Vejo no exílio um ser perder o prumo,
erramundo, esfaimado divagante
escorado em menina. Sofro! Nunca
a imaginara cair numa ruína
assim, como ela agora cai, sem moira,
sempre solícita contigo, atrás
de um prato de comida. Jovem, nada
sabe das núpcias, à mercê de quem
primeiro a tome. Teu ultraje ultraja-me –
a ti, a mim, a toda nossa estirpe!

Eclipsar evidências é impossível!
Persuadido por divindade ancestre,
oculta o horror, retorna ao paço e à pátria
ancestre! Terno, diz adeus à pólis
digna! À própria morada sobretudo
devemos honorar: matriz nutriz!

ÉDIPO:

Que multivalentão! Como se fora
justa, tua fala multifária ilude!
Por que pretendes me reaprisionar
onde, se preso, eu sofreria mais?
Quando me acometeu o mal doméstico,
teria deixado a pátria satisfeito;
mas me negaste a graça, a grata Kháris.
Com o passar do tempo eu me acalmava
e me agradava já ficar em casa.
Foi quando resolveste me expulsar.
Nada valeu então o parentesco.
Ao ver que esta cidade inteira apóia-me,
tentas me remover dourando a pílula,
cruel de fala mansa! Tens prazer
em amar quem não te deseja o bem,
como se alguém a ti, necessitado
de algo, negasse ajuda e nada desse,
e a ti, já possuidor do que faltara,
doasse, quando favor favor não fosse.
Um tal prazer carece de valor.
O que me queres dar é nobre só
da boca para fora; é um mal de fato.
Agora mostro aos outros que és um mau.
Vens para conduzir-me não ao lar,
mas me enfiar nos confins; assim, a pólis,
imune ao mal, não correrá mais riscos.

Ganhas de mim algo diverso: Alástor,
o gênio vingador, se perpetua
lá. Meus filhos terão de minha terra
o espaço necessário para a cova.
Quem de nós dois melhor conhece Tebas?
Não dá nem para comparar! Eu! Disse-me
quem é veraz: Apolo e o próprio Zeus.
Trazes aqui tua boca subornada,
oca bocarra! Um palrador de causas
perdidas é o que és. A ninguém salvas.
Vai! Larga do meu pé! Sei bem que não
te dobro. Mesmo em meu estado, a vida
não pesará, se eu alcançar o júbilo!

CREONTE:

Imaginas prejudicar-me mais
do que a ti mesmo com a logorréia?

ÉDIPO:

Eu folgo em constatar que és impotente:
não convences a mim nem a ninguém!

CREONTE:

Infeliz! Cronos passa e não te ajuíza!
Alimentas de lixo tua velhice.

ÉDIPO:

Sua cascavel! Eu não conheço alguém
de bem que sobre tudo fale bem.

CREONTE:

Falta ao falaz falar o que é oportuno.

ÉDIPO:

Olha quem fala! És breve? És oportuno?

CREONTE:

Não para alguém com tua visão de mundo.

ÉDIPO:

Some! Falo também em nome deles:
deixa de policiar onde eu me fixo!

CREONTE:

Evoco o testemunho deles, não
de quem maltrata amigos. Se eu te prendo…

ÉDIPO:

Com meus aliados, quem ousa prender-me?

CREONTE:

Não é na própria carne que padeces.

ÉDIPO:

E como concretizas tua ameaça?

CREONTE:

Há pouco seqüestrei uma de tuas
filhas. Agora levo a outra: as duas!

ÉDIPO:

Ai de mim!

CREONTE:

Aos teus ais logo somas outros ais…

ÉDIPO:

Tens minha filha?

CREONTE:

E em breve a outra.

ÉDIPO:

O que fareis, amigos? Atraiçoando-me,
não expulsais daqui o homem ímpio?

CORO:

Fora daqui, estrangeiro! Chispa! Agora,
como antes, ages contra Dike, a Justa!

CREONTE:

Soldados, é hora de levá-la, mesmo
à força, se oferece resistência.

ANTÍGONE:

Pobre de mim! Fugir? Mas aonde? Quem
irá me socorrer: mortal ou deus?

CORO:

Estrangeiro, o que fazes?

CREONTE:

Com ele, nada, mas com ela: é minha!

ÉDIPO:

Ó reis do país!

CORO:

É injusto agir assim, seu forasteiro!

CREONTE:

É justo!

CORO:

Justo? Como?

CREONTE:

Levo quem me pertence.

ÉDIPO:

Ó pólis!

CORO:

Fazes o quê? Solta-a! Meus braços pesam!

CREONTE:

Fica longe!

CORO:

Mas não de ti, se é isso o que pretendes!

CREONTE:

Se me fizeres mal, os meus revidam!

ÉDIPO:

Não foi o que eu falei?

CORO:

Tira as mãos da menina!

CREONTE:

Mandas em quem comandas.

CORO:

Ordeno ao guarda: deixa-a!

CREONTE:

E eu: segue o teu caminho!

CORO:

Vinde, colonos!, vinde aqui!
A pólis, minha pólis, sofre! Arrasam-na!
Vinde!

ANTÍGONE:

Fado funesto! Arrastam-me, amigos!

ÉDIPO:

Onde estás, filha… minha?

ANTÍGONE:

Levam-me à força!

ÉDIPO:

Me estende as mãos, menina!

ANTÍGONE:

Não tenho condições!

CREONTE:

O que esperais?

ÉDIPO:

Infeliz, infeliz de mim!

CREONTE:

Não mais te apóias sobre duplo cetro
humano! Mas, se insistes em vencer
tua pátria e teus confrades, mandatários
de minha vinda (embora um rei-tirano),
vença! Com tempo saberás (eu sei!):
não praticas o bem, nem praticaste-o,
a despeito de amigos, contra quem
ofereces tua fúria – eterna mácula!

CORO:

Alto lá, forasteiro!

CREONTE:

Não ponhas tuas mãos em mim!

CORO:

Sem que eu as tenha, não irás embora!

CREONTE:

Logo hás de impor à pólis megamulta,
pois não vou restringir-me a ter a dupla.

CORO:

O que pretendes?

CREONTE:

Irei levá-lo preso.

CORO:

Falas o horror!

CREONTE:

A realidade!

CORO:

Se o rei deste país não te impedir.

ÉDIPO:

Voz desavergonhada! Vais prender-me?

CREONTE:

Cala tua boca!

ÉDIPO:

Que as deusas não me calem
antes que eu te maldiga: és um canalha!
Violento, me arrancaste olhos fragílimos,
que viam pelos que um dia tive. E partes.
Que Hélio-Sol, nume panvisivo, dê
a ti e aos outros membros da família
viver uma velhice como a minha.

CREONTE:

Vedes, ó moradores da região?

ÉDIPO:

Vêem a nós dois e sabem que eu, sofrendo

em tuas mãos, me defendo verbalmente.

CREONTE:

Pois não contenho meu furor. Sou velho
e lento, mas te levo à força e só.

ÉDIPO:

Tristeza!

CORO:

Imaginas concluir teu plano? Empáfia!

CREONTE:

Imagino!

CORO:

Só se Atenas deixar de ser cidade!

CREONTE:

Aliado ao justo, o débil vence o forte.

ÉDIPO:

É claro o que ele diz?

CORO:

Mas ele não fará.
…

CREONTE:

Zeus sabe e mais ninguém.

CORO:

Mas não personifica a petulância?

CREONTE:

Petulância que deves suportar!

CORO:

Ó povo! Ó chefes do país!
Rápido! Rápido! Já nos afrontam
a fronteira!

TESEU:

Que grito é esse? O que se passa? Sus-
pendi o rito ao deus do mar, patrono
de Colono, no altar. Temeis o quê?
Meus pés não me são gratos, pois vim rápido!

ÉDIPO:

Amigo, tua voz me é conhecida!
Esse homem vem de impor-me o horror do ultraje.

TESEU:

Ultraje? Quem te fez sofrer? Me indica!

ÉDIPO:

Esse Creonte aí, a quem avistas,
retirou-me o tesouro: as duas filhas.

TESEU:

O quê?

ÉDIPO:

Sabes o que me aflige.

TESEU:

Algum ministro meu vá logo ao templo!
Arregimente quem achar, ginetes,
não-ginetes! Que o povo pare o rito!
À brida solta, devem dirigir-se
ao ponto onde confluem duas sendas:
as meninas de lá não passam! Esse
homem de alhures, gargalhando, não
me verga. Já mandei: vai! Se eu me irasse
na proporção em que merece Creonte,
os golpes do meu punho sentiria.
As normas que nos trouxe agora aplico-lhe,
– as mesmas! –, não recorrerei a outras.
Desiste de transpor nossas fronteiras,
sem antes me trazê-las, sãs e salvas!
Não passas de um canalha que age contra
mim, contra teus ancestres, contra a pátria!
Mas Dike, a Justa, é a bússola da pólis,
onde nada se cumpre ao arrepio
da lei. Com menoscabo do poder
daqui, chegaste aos trancos e barrancos,
impondo o teu desejo. Achavas frouxa
a cidade, sem homens e, eu, um verme?
Tebas não te educou para ser mau,
ela também renega o filho injusto.
Informada, reprovaria o modo
como predas meu reino e o consagrado –
o seqüestro do bem de um pobre súplice!
Fosse eu o usurpador do teu país,
mesmo amparado pela justa Dike,
contra o rei do lugar, fosse quem fosse,
não levaria ninguém à força, adepto

que sou de leis que regem estrangeiros.
Envergonhas tua pólis, ela não
merece alguém assim. O tempo avança,
te envelhece, te rouba a sensatez.
Repito o que há bem pouco já dizia:
as donzelas, alguém as traga logo,
se não queres, a contragosto, escravo
ficar no meu país. E o que me sai
da boca o dita minha mente lúcida.

CORO:

Vês no que deu? Tens o ar de justo (diz
tua origem); foste pego agindo mal.

CREONTE:

Deserta de homens tua urbe, abúlica?
Jamais ninguém me ouviu falar assim,
Egeide, como agora afirmas. Fiz
o que fiz sem supor que a um dos meus
dariam guarida, contra mim nutrindo-o.
A um matador-do-pai, um maculado
– pensei –, alguém cujo himeneu mostrou-se
tão impuro, jamais acolheriam.
No pico de Ares – sei – o sábio Areópago,
em conselho, não deixa a um vagabundo
morar qual fora cidadão, na pólis.
Fiando-me nisso, pus as mãos na presa.
Não teria feito, se Ara, a Imprecação
maldita, ele não invocara contra
mim e os meus. Foi porque reagi. Sou digno.
A ira não envelhece, só com morte
ela esmorece. Ao morto a dor não toca.
Procedas como preferires, pois
o fato de eu estar sozinho, embora

fale o justo, me debilita. Sou
idoso, mas tua ação terá reação!

ÉDIPO:

Seu pulha! Pensas que tua fúria insólita
me atinge, um velho, mais do que a ti mesmo?
Tua bocarra vomita contra mim,
núpcias, delitos, desventuras! Mísero,
busquei o que sofri? Aprouve aos numes,
ira antiga – quem sabe? – contra os meus.
Procura em mim o erro censurável
da hamartia! Não encontras. A hamartia,
erro horrível, nem contra mim, nem contra
os meus eu cometi. Responde: o oráculo
previu ao pai que o filho o mataria;
como vens censurar-me justamente,
se a semente vital máter-paterna
não existia e eu era um não-nato?
Se vim à luz qual vim, alguém sem sorte,
e às vias de fato com meu pai, matei-o,
nada sabendo contra quem agia,
reprovar-me por ato involuntário
é razoável? Forçar-me referir
o conúbio com minha mãe, tua irmã,
é uma vergonha, ó infame! Mas não calo,
pois tua boca imunda o mencionou.
Gerou, gerou-me – triste azar o meu! –
e, me gerando (nada então sabíamos!),
deu vida a nossos filhos, sua insídia!
Eis o que sei: por gosto, a mim e a ela,
enlameias os dois! Contragostando,
casei-me e a contragosto eu falo disso,
mas não aceito ouvir que sou culpado
pelas bodas e pelo assassinato,

assunto em que repisas, crudelíssimo.
Responde a uma pergunta apenas: se
alguém agora viesse te matar,
a ti, tão justo, indagarias se é teu
pai o assassino, ou no ato o punirias?
Se tens amor à vida – penso –, o vil
punirias, sem o exame do direito.
Foi como eu me meti num mal assim,
numes à frente. Se a ânima do pai
vivesse – creio –, não contestaria.
Mas tu, injusto, crente que falar
de tudo é bom, o que se diz e não
se diz, me humilhas diante deles todos.
Achas belo adular Teseu e Atenas –
"que cidade mais bem administrada!".
Chovem louvores, mas não te recordas
de que se algum lugar honora os deuses,
venera-os, nisso Atenas o supera.
E dela queres seqüestrar-me, um súplice
velho, metendo as mãos em mim, roubando-me
as filhas! Eis por que eu invoco as deusas,
suplico-lhes, conjuro-as com meus rogos:
"ajudai um aliado!" Assim conheces
que tipo de homem guarda esta cidade.

CORO:

O forasteiro, rei, é nobre. Agruras
plenianiquilam-no. Merece ajuda.

TESEU:

Já chega de conversa! Quem raptou
se apressa e nós, as vítimas, tardamos!

CREONTE:

E o que deve fazer um indefeso?

TESEU:

Acompanha-me! Exijo que me indiques
a rota. Se tens parte na rapina,
ninguém melhor será meu condutor.
Se quem as sequestrou tiver fugido,
darei um jeito: alguém, em meu lugar,
o prende. Quero ver louvar os deuses!
Sigo-te: foste predador; és presa!
O acaso te caçou quando eras fera!
Fugaz é o que se aufere com o dolo.
Não contes com o apoio de comparsas!
Só, de improviso, não chegaste ao cúmulo
da prepotência como agora. Eu sei.
Um sócio teu ficou na retaguarda,
por isso eu abro os olhos. Não será
um homem só que fragilize a pólis.
Fui claro ou minha fala te parece
pueril, como no instante em que tramavas?

CREONTE:

Nada censuro do que aqui disseres.
Sei como proceder, tornado ao paço.

TESEU:

Que medo! Vamos, já! Não fiques, Édipo,
aflito! Estás em nossa companhia.
Se antes a morte não me tolhe, não
descanso até trazer-te as caras filhas.

ÉDIPO:

És generoso, rei, nada te falte!

Nada te falte pelo teu cuidado!

CORO:

Quisera estar
onde os hostis em breve retrocedem,
confusos
na encosta pítia, sob
o brônzeo clamor de Ares,
o Bélico,
na orla lampadófora,
onde as veneráveis presidem
ritos sigilosos
aos mortais!
Aos Eumólpidas, seus ministros belocanto,
impõem o lacre ouro do silêncio.
Teseu, o instiga-pugna, encontrará
a dupla virginal de irmãs
nesse lugar,
em meio ao grito autárquico dos chefes.

Ou se enveredam rumo à Vésper,
aos rochedos glaciais,
provindos da pastagem de Éa,
em fuga hípica,
em adversas parelhas de carros agílimos?
É certa sua derrota.
Terrível, Ares, nos confins, belicoso!
Terríveis, os Teseides, potentes!
Plurifulgor nos freios!
Rédeas fléxeis, irrompe
o bloco da cavalaria.
Honram a paladina eqüestre, Palas;
honoram o marinho circunterra,
predileto de Réa.

Lutam ou estão a ponto de?
Pensamento de presságio:
rever em breve
quem padeceu horror extremo,
horror do ultraje consangüíneo.
No dia de hoje, Zeus cumpre o telos, o fim do fim?
Sou profeta do triunfo armado.
Fora columba célere de procela,
remontaria à nuvem zenital,
sob
as batalhas
o olhar
pairando!

Ó plenipotenciário olímpico,
ó Zeus multiocular,
concede aos próceres do país
a força triunfal de Nike,
o êxito na emboscada predadora!
Tu e Palas Atena, filha augusta!
E ao caçador Apolo,
e à sua irmã, acossadora de cervos maculados,
pés-velozes,
suplico: vinde, dupla ajuda,
a esta terra!
Socorrei o povo!

Não dirás do guardião, ó vagamundo:
"é um pseudoarúspice!". Vejo as meninas
escoltadas, em nossa direção.

ÉDIPO:

Onde, onde? O que me dizes, me disseste?

ANTÍGONE:

Ó pai! Ó pai!
Que nume – há de haver um! – te deixa ver
esse homem nobre que nos reconduz?

ÉDIPO:

Ambas, as duas, presentes?

ANTÍGONE:

Estas mãos nos salvaram, mãos do rei,
mãos de seus fiéis guardiões.

ÉDIPO:

Eu já perdera, filhas, fé em Élpis,
a Esperança! Abraçai-me as duas! Vinde!

ANTÍGONE:

Não precisas pedir; também queremos!

ÉDIPO:

Mas onde, então, onde est…?

ANTÍGONE:

Aqui, as duas, vizinhas!

ÉDIPO:

Ó seres do meu ser, caríssimas!

ANTÍGONE:

É o que os pais sempre dizem!

ÉDIPO:

Ó cetro de um mortal!

ANTÍGONE:

Sem-moira de um sem-moira!

ÉDIPO:

Tenho o mais caro! Pan-sinistro, Tânatos
não haveria de ser, se eu as tivesse!
Quem vos gerou, para se pôr em pé,
necessita de apoio duplo, Antígone!
Acabe a triste errância de um ser só!
Mas relatai concisamente os fatos,
pois ser sucinto é dádiva nos jovens.

ANTÍGONE:

Eis quem nos resgatou! Deves ouvir
o autor do feito. Encurto minha fala.

ÉDIPO:

Não estranhes, senhor, se fui prolixo,
pois o retorno delas surpreendeu-me.
O júbilo da reaparição,
eu sei que o devo a ti e a mais ninguém.
Nenhum mortal, além de ti, salvou-as.
Os deuses correspondam ao que peço
a ti e ao teu país! Respeito aos numes
somente aqui me foi dado encontrar
e a tolerância e o linguajar não-pseudo.
Aceita o meu discurso de tributo,
graças a mais ninguém tenho o que tenho.
Me estende a mão direita, ó rei, pois quero
tocá-la e te afagar o rosto. Posso?

Mas o que falo? Como a mim, sem sorte,
alguém, livre da nódoa da desgraça,
permitirá que o toque? Eu mesmo não
posso aceitar: só quem provou ruína
igual a minha dela participa.
Saudações, à distância! No futuro,
zela por mim, como hoje o fazes, justo!

TESEU:

Não estranhei que, alegre com as filhas,
tenhas te delongado na conversa,
nem que privilegies quanto elas digam.
São questões de somenos entre nós:
preocupa-me fazer brilhar a vida
não em palavras, mas nos próprios atos!
Comprovo-o: não falseei meu juramento
em nada, sênex! Eis-me aqui presente,
conduzo viva a dupla, nada a ameaça.
Vencida a luta, não farei bravata;
no convívio com elas, tudo aclaras.
Por outro lado, quando vinha aqui…
Dirias o que achas deste caso, fácil
de relatar, embora cause espécie?
Todo fato merece ser sondado!

ÉDIPO:

Do que se trata, Egeide? Deixa claro
a quem não sabe nada do que falas!

TESEU:

Referem-se a um parente teu, embora
não oriundo da mesma pólis: postra-se
ao pé do altar do oceânico Posêidon,

onde eu, antes de vir, sacrificava.

ÉDIPO:

De onde chegou? O que requer com rogos?

TESEU:

Sei só do seu desejo de falar
contigo um pouco, sem te dar fastídio.

ÉDIPO:

É sério o que do templo se profere.

TESEU:

Apenas solicita um breve encontro;
e então refaz, seguro, o seu caminho.

ÉDIPO:

Quem pode estar ali sentado e súplice?

TESEU:

Lembra se tens algum parente em Argos,
a quem seria cara tua ajuda!

ÉDIPO:

Não quero ouvir mais nada, amigo!

TESEU:

O que se passa?

ÉDIPO:

Não me perguntes!

TESEU:

Qual é o problema? Dize!

ÉDIPO:

Teu discurso se me tornou claríssimo!

TESEU:

E quem é esse sujeito censurável?

ÉDIPO:

Meu filho, um vil, senhor! Dói-me escutá-lo,
dói muito mais ouvi-lo que a um outro.

TESEU:

Não podes escutá-lo e então fazer
o que desejes? Sofres de antemão?

ÉDIPO:

Aos ouvidos do pai, sua voz é hostil.
Não me ponhas em situação difícil!

TESEU:

Nada vale sua condição de súplice?
A reverência ao deus não conta mais?

ANTÍGONE:

Permite, pai, que, jovem, te aconselhe!
Deixa-o satisfazer o próprio ânimo
e ao deus, como reclama; a nós, consente
reencontrar o nosso irmão! Coragem!
Não tem como te demover à força,
acaso contrarie os teus propósitos.

Que risco existe em escutar alguém?
Palavras traem complôs. Trouxeste-o à luz;
ainda que ele execute o que há de mais
vil contra ti, nem mesmo assim a lei
de Têmis deixa que revides. Outros
tiveram filhos duros, foram rudes,
mas a magia da amizade lhes
trouxe magicamente paz de espírito.
Os sofrimentos páter-maternais
por ti sofridos no passado mostram
isso. Se pensas neles, saberás
em que resulta a cólera maldita.
Tens em ti mesmo um entimema forte:
olhos ocos, de que furtaste a luz.
Cede! Quem solicita o justo não
deve insistir e quem recebe um bem
deve saber beneficiar também.

ÉDIPO:

Favor pesado, filha, é o que me tira
tua fala vitoriosa. Seja assim!
Garante, amigo, que ninguém me leve
o sopro d'alma. É só o que reivindico.

TESEU:

Me basta ouvir uma só vez. Não sou
de contar prosa, velho. Salvo estás,
enquanto algum dos deuses me salvar.

CORO:

Quem sonha dilatar o seu quinhão
de vida
além do circunscrito

não passa de um guardião da estupidez.
Longos dias
engendram muito
à beira-dor.
O deleite,
como visualizá-lo,
quando se cai no além-devido?
Tânatos, Isoterminal, é um bálsamo,
quando a moira do Hades,
sem-himeneu, sem-lira, sem-coro dançarino
aparece
enfim!
O não ser nato
vence todo argumento. Mas,
advindo à luz,
o rápido retroceder
ao ponto de origem
é o bem de segunda magnitude.
Quando a neofase passa e a vanidade
da irreflexão,
qual golpe pluridor se exclui,
qual pesar não se inclui?
Revolta, inveja, discordância, guerras,
mortes. E o lote conclusivo:
impotente, intratável, execrável,
a desprezível
senescência,
vazia-de-amigos,
onde
sem faltar nenhum
males
geminam
males.
Não estou só. Comigo ele se encontra, mísero!

Como ao cabo boreal, que a escuma
multi-revolta açoita,
escumas na rebentação, terríveis
desde o acúmen, sem trégua, intermitentes,
as dores o fustigam,
umas desde o sol-pôr,
outras do sol-nascente,
outras do sol-a-pino,
outras do Ripeu,
noite fosca.

ANTÍGONE:

Se não me engano, pai, o forasteiro
chega só; nenhum homem o acompanha.
De seus olhos decai um mar de lágrimas.

ÉDIPO:

De quem se trata?

ANTÍGONE:

De quem pensávamos:
Polinices encontra-se entre nós!

POLINICES:

Ignoro o que fazer! Chorar primeiro
os males meus, ou pelo velho pai,
a quem vejo, arrojado, com vós duas,
na ctônia terra de estrangeiros, mal-
roupido como está? Pregada à pele
anciã a escória sórdida lhe rói
os flancos. Sobre o rosto, estéril de olhos,
a cabeleira esvoaça desgrenhada.
Penso que o que lhe entra triste ventre

abaixo não é diferente. Sou
o ser mais vil do mundo! Vejo tarde…
Um homúnculo abjeto presencia
tua indigência! De mim deves ouvi-lo!
Mas Aidós, a Clemência, pan-ativa,
entrona-se com Zeus. Que ela te ajude,
pai! O erro da hamartia é remediável,
mesmo quando é impossível agravá-lo.
Por que te calas?
Não me desdenhes, páter, fala algo!
Nada? Me humilhas, se mandares quieto
que eu me vá, sem saber o que te irrita.
Ó minhas consangüíneas, suas filhas,
abri o lacre desses lábios tácitos!
Não volte desonrado! Supliquei
aos numes. As palavras que eu disser,
renega, pai, mas antipalavreando!

ANTÍGONE:

Expõe tu mesmo o que te traz, ó mísero!
Se a fala instiga dor, prazer ou pena,
e muito se prolonga, faz falar
até quem era anteriormente mudo.

POLINICES:

Me convenceste com teus argumentos.
Reclamo a proteção do próprio deus,
de cujo altar o rei daqui tirou-me
para que eu viesse. Quero ter o aval:
fale, escute, retorne assim: incólume.
Eis o pacto, estrangeiros, que deveis
cumprir, tal qual meu pai e a dupla irmã.
Passo a falar, ó páter, por que vim:
baniram-me do solo pátrio, um prófugo

desde então. Quis sentar-me em trono pleni-
-soberano, ex-teu. Era o primogênito.
Etéocles não deixou, mero cadete:
me exilou, sem vencer-me na palavra,
sem me dobrar no braço. Nada fez
além de convencer a pólis. Digo
que a responsável mor é tua Erínia,
opinião partilhada pelos áugures.
Busquei refúgio em Argos, pólis dórica,
fiz-me genro de Adrasto, se me aliaram
quantos residem na Ápia, os propalados
ases, campeões na lança. Organizei
notável contingente heptoalanceado
contrário a Tebas: ou morrer por Dike,
Justiceira, ou banir quem me expulsara!
Talvez te indagues: "mas por que ele veio?"
Eu vim te apresentar, ó pai, as súplicas,
as minhas pessoalmente e as dos aliados,
que já circundam todos os quadrantes
tebanos, sete tropas, sete lanças.
São eles: Anfiarau, gládio de nome,
cabecilha na guerra, bom no auspício.
Filho de Eneu vem a seguir, o etólio
Tideu. E Etéoclo, cuja estirpe é argiva.
O quarto é Hipomedonte. O pai mandou-o:
Talaos. O quinto, Capaneu blasona:
"Abaixo Tebas! Dela farei pó!"
O sexto é o inquieto Virginal, da Arcádia
(epônimo de mãe rebelde às núpcias
por muito tempo), filho de Atalante.
E eu o teu, se não teu, trazido à luz
por teu destino horrível. Teu, me dizem…
Lidero argivos duros rumo à Tebas.
Pai, por tua alma-psiquê, pelas duas filhas,

súplices, todos nós rogamos: deixa
de ruminar tua fúria contra mim!
Motiva-me a vingança fratricida:
Quem foi meu algoz? Quem me deportou?
Se a fala oracular merece fé,
terá poder aquele a quem te alies.
Invoco as fontes, numes tutelares:
cede, pai, deixa eu convencer-te! Sou
um êxul, êxul és também, mendigos
ambos. Só nos acolhem, se adulamos;
o mesmo deus-demônio nos conduz.
E em casa, o rei-tirano – ó dor! – avesso
a nós, não cobre o riso da soberba.
Se abraças minha causa, sem maior
dispêndio de energia e logo o anulo.
Te reconduzo ao paço; ali te instalo,
ali me instalo, e o irmão, o exilo à força!
Se encontro eco em ti, atinjo o zênite,
senão deserdo a vida, sem deleite.

CORO:

Esse homem, sabes bem quem o mandou;
sem antes lhe falar, não o despaches.

ÉDIPO:

Nobres guardiões do país, não fora o rei
Teseu ter me trazido esse elemento,
considerando justo eu lhe falar,
iria sem me escutar o som da voz!
Se lhe é dado escutar-me, o que eu disser
não deixará sua vida mais alegre:
canalha! Detentor de trono e cetro,
atualmente nas mãos do teu irmão,
a mim mesmo – teu pai! – puseste fora,

pária sem-pátria enroupado em trapos,
alguém por quem lamentas, padecendo
igual, golpeado por azar idêntico.
Não chores, pois; sujeito a tudo, enquanto
eu viva, hei de lembrar: foste um carrasco!
Te culpo, se me humilho: quem baniu-me?
Quem fez de mim um vagamundo, atrás
do prato diário de comida? As duas
filhas me nutrem. Se eu não as tivera,
dependendo de ti, não mais seria.
São minha vida, são meu alimento,
são homens na agonia, não mulheres!
Renego os outros dois! Não sou o pai!
O demônio te espreita em breve (ainda
é cedo), se o exército avançar,
avesso à Tebas. Nunca hás de tomar
a cidadela! Em nódoa hemovermelha
tombarás, como teu irmão-de-sangue.
Roguei outrora às Aras, às Malditas,
agora lhes renovo o apelo, a fim
de que aceiteis honrar quem vos gerou
e não menosprezeis o enceguecido
pai. De outro modo as filhas procederam.
Hei de vencer com maldições teus rogos
e o trono, se Justiça, voz-imêmore,
ladeia Zeus, conforme leis antigas.
Volta sem pai, carrega o meu desprezo,
canalha entre canalhas! Chamo as Aras
mais uma vez: teu gládio não domine
a cidade natal! Não mais retornes
ao vale de Argos, morto pelas mãos
parentes, matador do teu algoz!
Amaldiçoado, invoco o fosco horror
do Tártaro paterno: te receba!

Chamo as demônias do lugar e Ares,
que ódio terrível vomitou na dupla.
Some daqui! E, sumindo, comunica
a todos os cadmeus e à trupe bélica
que te acompanha: esse é o presente que eu,
Édipo, lego aos meus dois filhos machos!

CORO:

Polidiscorde Polinices, parte!
Agora! Não me agrada o teu percurso.

POLINICES:

Me dói a práxis do meu descaminho!
Me dói pelos amigos! Como é árduo
o epílogo da trajetória de Argos!
Chegamos a tal ponto que não posso
falar nada a meus sócios, nem fazê-los
retroceder: me jogo mudo à sorte!
Minhas homossangüíneas filhas dele!
O pai, duro, invocou Ara, a Maldita.
Pelos numes, se a Maldição se cumpre,
e a vós duas couber rever o lar,
não me deixeis o corpo desonrado:
depositai dons fúnebres no túmulo!
Os louvores agora recebidos
por cuidar dele não serão maior
do que ouvireis, prestando-me esse auxílio.

ANTÍGONE:

Polinices, concede o que eu pedir!

POLINICES:

Do que se trata, minha mana amada?

ANTÍGONE:

Que a tropa argiva bata em retirada!
Não aniquiles a ti mesmo e a pólis!

POLINICES:

Impossível! Com que moral de novo
eu chefiaria, se capitulasse?

ANTÍGONE:

Qual o motivo dessa nova ira,
menino? Lucras arrasando a pátria?

POLINICES:

Sou primogênito e o exílio humilha-me!
Não sou de aceitar burlas de cadete!

ANTÍGONE:

Percebes como cumpres seu oráculo,
segundo o qual a morte há de ser mútua?

POLINICES:

Mas o que ele deseja não concedo.

ANTÍGONE:

Lúgubre! Quem abraçará tua causa,
sabendo os vaticínios de teu pai?

POLINICES:

Não sou um anjo-núncio do sinistro;
o líder diz o bem e oculta o inútil.

ANTÍGONE:

A decisão, menino, está tomada?

POLINICES:

Não queiras convencer-me! A mim concerne
percorrer o declive do caminho
ruim, prêmio de meu pai e das Erínias.
Que Zeus conceda a boa estrela às duas,
zelosas de mim, morto! Vivo, em nada
poderíeis me ajudar. Deixai-me! Adeus,
pois nunca mais vereis meu olho aberto.

ANTÍGONE:

Quanta amargura!

POLINICES:

Não me lamentes!

ANTÍGONE:

E quem, irmão, por ti não choraria,
Se visse como agora buscas o ínfero?

POLINICES:

Se for destino, morro!

ANTÍGONE:

Não, irmão, escuta!

POLINICES:

Não posso te escutar.

ANTÍGONE:

Contigo ausente, minha sorte é estéril.

POLINICES:

Se assim será ou de outro modo, assina
o demoníaco. Peço aos deuses: não
permiti que algum mal destrua as duas!
Todos sabem: não mereceis o azar.

CORO:

Me vêm novas de novo,
novos males graves do cego.
O fado atinge o alvo?
Nenhum decreto divino-demoníaco
(direi)
é fortuito.
Cronos olha, olha
sempre:
o que hoje
derruba,
amanhã ao zênite
reergue.
O éter estala! Ó Zeus!

ÉDIPO:

Filhas! Filhas! Está presente alguém
daqui? Chame Teseu, plenimagnânimo!

ANTÍGONE:

Qual o motivo da convocação?

ÉDIPO:

Nas asas do trovão de Zeus em breve
me lanço ao Hades. Conduzi Teseu!

CORO:

Olha: muito… mega… abate-se
o ronco (a voz me falha!),
o bólido-de-Zeus!
Temor sub
adentra
às pontas dos cabelos!
Meu ânimo esmorece.
Fulgor reinflama o céu-urânio.
Será exitoso?
Me apavoro, pois nunca arroja-o
em vão,
vazio de catástrofe!
Etérea imensidão!
Ó Zeus!

ÉDIPO:

A este homem, filhas, chega o fim da vida
divino-assinalado, incontornável.

ANTÍGONE:

O que te dá, meu pai, tanta certeza?

ÉDIPO:

Eu sei. Ninguém faz vir agora
o soberano desta terra?

CORO:

Ai! Ai! De novo, circum-
-recrudesce o estrondo cortante!
Ajuda, ó deus-demônio, ajuda!
À terra máter levas treva?
Sê propício, quando eu te encontrar!
Se eu vi o homem maldito,

não me tornes partícipe
de um favor danoso!
Zeus, senhor, ouve-me!

ÉDIPO:

O rei chegou? Me encontra ainda lúcido?
Minha ânima-psiquê mantém o alento?

ANTÍGONE:

Infundes que segredo em seu espírito?

ÉDIPO:

Provei o bem e ao receber o bem
eu prometi lhe dar um prêmio alvíssaro.

CORO:

Ai! Filho! Aqui! Aqui!
Se ao deus oceânico,
Posêidon,
no oco de uma penha,
preparas o altar do sacrifício
bovino,
vem!
O hóspede quer,
obsequioso,
pagar com justo dom
o recebido,
a ti,
à pólis,
a quem lhe é caro!
Rápido, rei!

TESEU:

Qual o motivo do rumor uníssono?
Claríssimo, provém do povo e de Édipo?
Qual a causa: o corisco do Cronida?
Desaba uma intempérie de granizo?
Tudo ocorre, se um nume tempestua!

ÉDIPO:

Ó rei, clamava pelo encontro! Um deus
pôs Tykhe, a Boa Sorte, em teu caminho!

TESEU:

Filho de Laio, qual a novidade?

ÉDIPO:

Rompeu-se o fio da vida! Abraço Tânatos,
não como um falseador: promessa é dívida!

TESEU:

Que prova recebeste do destino?

ÉDIPO:

Os numes foram núncios de si mesmos,
não desmentindo signos definidos.

TESEU:

E como, sênior, foi que apareceram?

ÉDIPO:

Muitos trovões ecoam, muitos (de mãos
invencíveis) relâmpagos inflamam.

TESEU:

Teus augúrios inúmeros convencem-me!
Não és pseudo-falaz. O que farei?

ÉDIPO:

Te instruo, Egeide: a dor da senescência
não te aniquilará, nem à cidade.
Eu mesmo te conduzo aonde… aonde
devo morrer. Prescindo de terceiros.
Jamais indiques a mortal nenhum
onde se oculta o ponto ou seu entorno.
Baluarte contra os circunvindos, vale
mais que mil lanças, mil escudos juntos.
O enigma puro, que a razão não capta,
conhecerás sozinho, quando ali
estiveres. Não posso divulgá-lo
aos cidadãos, tampouco às minhas filhas.
Nunca reveles nada, e quando o fim
do teu viver chegar, ao primogênito
conta-o, e este ao que vier após, assim
por diante. Não te arrasam a cidade
homens que os dentes do dragão geraram.
Muitas urbes se descontrolam, ainda
que bem geridas. Deuses vêem claríssimo
quando alguém nega o deus e à insensatez
se entrega. Não o imites, caro amigo!
Ensino a quem já sabe! Ao sítio – agora! –
(a presença do deus me apressa) nos
devemos dirigir, sem titubear!
Trocamos de função, meninas: eu
vos encabeço, hegêmone incomum.
Vinde sem me tocar! Deixai que eu mesmo
encontre o túmulo sagrado. É minha
sina me obscurecer no ctônio solo.
Nesta direção, nesta, por onde Hermes,

o núncio, leva-me, e a abissal Perséfone.
Lume-negrume, outrora foste meu,
meu corpo agora tanges, derradeiro.
Me achego ao ômega de bios – da vida! –,
à cripta de Hades. Anfitrião caríssimo,
a ti, a teus confrades, à tua pólis,
vos tenha o bom demônio, e, na bonança,
lembrai de mim, de um morto, afortunados!

CORO:

Se Têmis me permite – a Lícita! –
honrar com preces
Perséfone,
deusa invisível,
e Aidoneu, Aidoneu, rei noturno,
peço que o peregrino
alcance o plurivéu do subcampo
cadavérico
e o domicílio estígio,
sem dor,
sem o pesar da moira.
Das inúmeras
penas imerecidas
que conheceu,
um deus-demo justiceiro
resgate-o,
engrandecido!
Ó deusas ctônias,
ó cérbero, feroz corpo de cão
sem derrotas,
que às portas, antro afora,
dorme e gane
aos pluriforasteiros,
guardião indomável à beira-Hades,

segundo se propala!
Suplico, ó Mortífero filho da Terra e do Tártaro:
o alienígena
subentre,
por veredas puras,
nos baixios cadaverosos!
Te invoco,
torpor eterno!

MENSAGEIRO:

Cidadãos, não preciso que um minuto
para comunicar a morte de Édipo.
Mas o ocorrido, num relato breve
não cabe, nem os fatos foram breves.

CORO:

Morreu o sem-ventura?

MENSAGEIRO:

Deves saber
que ele alcançou a sobrevida eterna.

CORO:

Teve morte indolor? Um deus poupou-o?

MENSAGEIRO:

Foi o que nos deixou embasbacados.
Em sua partida (sabes pois estavas
entre os presentes), prescindiu de guia;
nos guiou, hegêmone, a nós todos. Quando
já circundava o umbral precipitoso,
cujos brônzeos degraus no solo enraízam-se,
numa das sendas pluridivididas

parou, perto da côncava cratera,
onde Teseu selara o pacto eterno
com Pirítoo. Sentou-se entre o rochedo
torício, o túmulo de pedra e a oca
pereira. Se desfez da roupa imunda.
Às filhas demandou que lhe trouxessem
água pura: queria libar, lavar-se.
A dupla foi ao cerro de Deméter,
a Vicejante. O que o pai ordenara,
cumpriram logo. Vestes lhe troxeram
e água lustral. Lavou-se para o rito.
A conclusão do intróito lhe agradou;
já nada mais restava por fazer.
Então o ctônio Zeus troou e as virgens
tremeram com o som. Decaem nos joelhos
paternos, não contêm o choro. O peito,
golpeiam. Os lamentos se acumulam.
E ouvindo o balbucio que irrompe estrídulo,
disse, afagando-as entre os braços: “Filhas,
o pai das duas já não existe mais.
Morreu o que era meu, Não mais tereis
o ônus de meu sustento penosíssimo.
Foi duro, eu sei. Mas uma só palavra
há de trazer alívio ao sofrer:
bem-queridas de mais ninguém sereis
como o fostes deste homem, sem o qual
vivereis de ora em diante, para sempre.”
E assim os três plangiam soluçantes,
entregues aos recíprocos abraços.
Quando o choro serena e o grito cede,
tudo se aquieta, e logo a voz de alguém
o convoca: pavor então eriça
os cabelos de todos os presentes!
De muitos modos, muito, o deus o chama:

"É tempo! É tempo, Édipo! Não faz
sentido retardar a ida. Hesitas?"
Se apercebendo da convocação,
reclamou a presença de Teseu.
A seu lado, falou: "Ó caro, estende
às minhas filhas tua mão, e vice-
-versa! Promete nunca pretender
abandonar Ismene e sua irmã,
cumprindo o que estiver ao teu alcance
e achares bom!" E o rei, um nobre, em lágrimas,
sacramentou seu sim com juramento.
Concluído o compromisso, Édipo busca
as filhas com as mãos enceguecidas:
"Filhas, urge manter a galhardia
no abandono do posto, e não olhar
e não ouvir o que aos mortais é ilícito.
Deixai-me, filhas, já! Comigo fica
Teseu. Presenciará o evento só!"
O quanto disse, todos nós ali
ouvimos. Com as duas, copiosas lágrimas
trocamos, afastando-nos. Já longe,
viramo-nos, depois de um interregno.
O homem já não havia em parte alguma,
o rei estava só, cobria os olhos
alçando as mãos à face, como se
visse um portento horrível, impossível
de fixar. Pouco a pouco, emudecido,
pareceu que adorava a Terra e o Olimpo
divino numa mesma prece. O fim
de sua moira, o rei Teseu apenas,
entre os mortais, nos poderia contar.
Não o atingiu o raio, porta-fogo
divino, nem um furacão formado
em alto-mar naquele instante. Um nume

talvez mandara um emissário ou, no ínfero
fosco, se abrindo a terra, caiu – benvindo!
Partiu sem queixa, sem moléstia ou dor,
fato estarrecedor, se algum existe
entre os mortais. E se pareço louco,
por que insistir com quem pareço louco?

CORO:

As filhas, onde estão, e quem as guia?

MENSAGEIRO:

Não estão longe. O som do pranto nada
obscuro nos indica que avizinham-se.

ANTÍGONE:

Nada, nada nos resta a não ser
chorar o sangue paterno,
inesquecível,
infuso em nosso mau destino.
Por ele, no passado, padecemos
muito
continuamente
e, no desfecho, traremos
incontáveis
racontos
vistos e
sofridos.

CORO:

O que se passa?

ANTÍGONE:

Podeis imaginar, amigos.

CORO:

Ele partiu?

ANTÍGONE:

Tal qual desejarias.
Como não? Nem Ares, belicoso,
nem o mar se lhe antepuseram,
retido por planícies invisíveis,
levado à moira fosca.
Ai! Funérea, a noite
sobrecai em nossos olhos.
Como,
vagando
em que ponto distante,
ou ôndula salina,
sustentaremos a dura vida?

ISMENE:

Ignoro! Que Hades, o sanguinolento,
me leve – ó Tânatos! –
ao velho pai,
infeliz!
A vida vindoura
me é inviável!

CORO:

Dupla de filhas ótimas!
O peso divino sopesa!
Evita a chama do excessivo!
Ninguém critica tua travessia.

ANTÍGONE:

Havia algum dulçor em minha dor:

o que de modo algum apraz, aprouve-me,
quando estreitava o pai em meus abraços.
Ó páter! Ó querido!
Ó tu, eterno subtérreo investido em treva!
Mesmo no ínfero,
nunca hás de ter meu desamor ou dela.

CORO:

Fez?

ANTÍGONE:

Fez o que queria.

CORO:

O quê?

ANTÍGONE:

Morreu na terra estranha que escolheu.
Repousa
no subsolo sempre sombreado,
e não deixou pesar sem lágrima.
Pois este olho sobre – ó pai! – verte
o choro.
Como posso
refrear
tamanha
dor
– ó mísera! –,
que sinto por ti?
Ai de mim! Desejavas morrer
no estrangeiro, mas morreste
só
sem mim!

ISMENE:

Tristeza! O que se nos destina,
a ti, a mim, ó cara,
solitárias de pai?

CORO:

O término da vida, amigas,
se desatou em júbilo!
Cessai, portanto, o pranto! Imune aos males
ninguém está!

ANTÍGONE:

Voltemos para lá, querida!

ISMENE:

Com qual intuito?

ANTÍGONE:

Impele-me o querer.

ISMENE:

Qual?

ANTÍGONE:

Ver a morada subtérrea.

ISMENE:

De quem?

ANTÍGONE:

Do pai! Tristeza!

ISMENE:

Não há como fazer disso algo lícito!
Não te apercebes?

ANTÍGONE:

Por que me censurar?

ISMENE:

Ademais…

ANTÍGONE:

Ademais o quê?

ISMENE:

Longe do mundo, ele tombou sem túmulo!

ANTÍGONE:

Leva-me então, e mata-me lá!

ISMENE:

Ai! Mísera!
Aonde, então, assim, sozinha
e sem saída,
conduzirei a triste vida?

CORO:

Queridas, não deveis tremer!

ANTÍGONE:

Mas para onde fugirei?

CORO:

Já fugistes.

ANTÍGONE:

Do quê?

CORO:

De um mau epílogo.

ANTÍGONE:

Penso.

CORO:

O que ruminas?

ANTÍGONE:

Não sei como tornamos à morada.

CORO:

Não queiras isso!

ANTÍGONE:

O medo me domina.

CORO:

Como antes dominava-te.

ANTÍGONE:

Se outrora era difícil, hoje é mais.

CORO:

À dupla coube um mega pélago!

ANTÍGONE:

Ai! Aonde iremos, ó Zeus!
Para qual esperança,
deus-demônio me conduz agora?

TESEU:

Basta de nênias, filhas!
Não cabe o sofrimento quando o dom
é a noite subsolar. Seria ofensa!

ANTÍGONE:

Filho de Egeu, prostramo-nos!

TESEU:

Quereis o quê, meninas!

ANTÍGONE:

O túmulo queremos ver, nós mesmas,
de nosso pai!

TESEU:

Têmis, a Legislante, não permite!

ANTÍGONE:

Como o disseste, rei, senhor de Atenas?

TESEU:

Meninas, Édipo ordenou:
"ninguém se acerque deste espaço,
ninguém invoque meu sepulcro sacro!"

Garantiu-me livrar o país de agruras
se eu procedesse assim.
O deus notou quanto falávamos
e Horco – o Juramento – filho de Zeus,
que a tudo ouve.

ANTÍGONE:

Se era seu plano,
não me cabe insistir. Garante-nos
a volta a Tebas. Nossos irmãos,
a morte mútua os ronda.
Logramos revertê-la?

TESEU:

Assim farei e cumpro o que for útil
às duas e grato a quem há pouco foi-se
terra abaixo. Não medirei esforços.

CORO:

Cessai as nênias!
Acabe-se o planger!
O feito, soberano, é irreversível!





Οἰ∆ΊΠΟΥΣ ἐΠὶ ΚΟΛΩΝῷ [ÉDIPO EM COLONO]

Ο᾽Ι∆Ί́ΠΟΥΣ

τέκνον τυφλοῦ γέροντος Ἀντιγόνη, τίνας
χώρους ἀφίγμεθ᾽ ἢ τίνων ἀνδρῶν πόλιν;
τίς τὸν πλανήτην Οἰδίπουν καθ᾽ ἡμέραν
τὴν νῦν σπανιστοῖς δέξεται δωρήμασιν;
σμικρὸν μὲν ἐξαιτοῦντα, τοῦ σμικροῦ δ᾽ ἔτι
μεῖον φέροντα, καὶ τόδ᾽ ἐξαρκοῦν ἐμοί·
στέργειν γὰρ αἱ πάθαι με χὠ χρόνος ξυνὼν
μακρὸς διδάσκει καὶ τὸ γενναῖον τρίτον.
ἀλλ᾽, ὦ τέκνον, θάκησιν εἴ τινα βλέπεις
ἢ πρὸς βεβήλοις ἢ πρὸς ἄλσεσιν θεῶν,
στῆσόν με κἀξίδρυσον, ὡς πυθώμεθα
ὅπου ποτ᾽ ἐσμέν· μανθάνειν γὰρ ἥκομεν
ξένοι πρὸς ἀστῶν, ἃν δ᾽ ἀκούσωμεν τελεῖν.

ἌΝΤΙΓΌΝΗ

πάτερ ταλαίπωρ᾽ Οἰδίπους, πύργοι μέν, οἳ
πόλιν στέγουσιν, ὡς ἀπ᾽ ὀμμάτων, πρόσω·
χῶρος δ᾽ ὅδ᾽ ἱερός, ὡς ἀπεικάσαι, βρύων
δάφνης, ἐλαίας, ἀμπέλου· πυκνόπτεροι δ᾽
εἴσω κατ᾽ αὐτὸν εὐστομοῦσ᾽ ἀηδόνες·
οὗ κῶλα κάμψον τοῦδ᾽ ἐπ᾽ ἀξέστου πέτρου·
μακρὰν γὰρ ὡς γέροντι προὐστάλης ὁδόν.

Ο᾽Ι∆Ί́ΠΟΥΣ

κάθιζέ νύν με καὶ φύλασσε τὸν τυφλόν.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

χρόνου μὲν οὕνεκ᾽ οὐ μαθεῖν με δεῖ τόδε.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἔχεις διδάξαι δή μ᾽ ὅποι καθέσταμεν;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

τὰς γοῦν Ἀθήνας οἶδα, τὸν δὲ χῶρον οὔ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

πᾶς γάρ τις ηὔδα τοῦτό γ᾽ ἡμὶν ἐμπόρων.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

ἀλλ᾽ ὅστις ὁ τόπος ἦ μάθω μολοῦσά ποι;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ναί, τέκνον, εἴπερ ἐστί γ᾽ ἐξοικήσιμος.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

ἀλλ᾽ ἐστὶ μὴν οἰκητός· οἴομαι δὲ δεῖν
οὐδέν· πέλας γὰρ ἄνδρα τόνδε νῷν ὁρῶ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἦ δεῦρο προσστείχοντα κἀξορμώμενον;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

καὶ δὴ μὲν οὖν παρόντα· χὤ τί σοι λέγειν
εὔκαιρόν ἐστιν, ἔννεφ᾽, ὡς ἀνὴρ ὅδε.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ ξεῖν᾽, ἀκούων τῆσδε τῆς ὑπέρ τ᾽ ἐμοῦ
αὐτῆς θ᾽ ὁρώσης, οὕνεχ᾽ ἡμὶν αἴσιος
σκοπὸς προσήκεις ὧν ἀδηλοῦμεν φράσαι--

ΞΈΝΟΣ

πρὶν νῦν τὰ πλείον᾽ ἱστορεῖν, ἐκ τῆσδ᾽ ἕδρας
ἔξελθ᾽· ἔχεις γὰρ χῶρον οὐχ ἁγνὸν πατεῖν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τίς δ᾽ ἔσθ᾽ ὁ χῶρος; τοῦ θεῶν νομίζεται;

ΞΈΝΟΣ

ἄθικτος οὐδ᾽ οἰκητός· αἱ γὰρ ἔμφοβοι
θεαί σφ᾽ ἔχουσι, Γῆς τε καὶ Σκότου κόραι.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τίνων τὸ σεμνὸν ὄνομ᾽ ἂν εὐξαίμην κλύων;

ΞΈΝΟΣ

τὰς πάνθ᾽ ὁρώσας Εὐμενίδας ὅ γ᾽ ἐνθάδ᾽ ἂν
εἴποι λεώς νιν· ἄλλα δ᾽ ἀλλαχοῦ καλά.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἀλλ᾽ ἵλεῳ μὲν τὸν ἱκέτην δεξαίατο·
ὡς οὐχ ἕδρας γῆς τῆσδ᾽ ἂν ἐξέλθοιμ᾽ ἔτι.

ΞΈΝΟΣ

τί δ᾽ ἐστὶ τοῦτο;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

--ξυμφορᾶς ξύνθημ᾽ ἐμῆς.

ΞΈΝΟΣ

ἀλλ᾽ οὐδ᾽ ἐμοί τοι τοὐξανιστάναι πόλεως
δίχ᾽ ἐστὶ θάρσος, πρίν γ᾽ ἂν ἐνδείξω τί δρῶ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

πρός νυν θεῶν, ὦ ξεῖνε, μή μ᾽ ἀτιμάσῃς,
τοιόνδ᾽ ἀλήτην, ὧν σε προστρέπω φράσαι.

ΞΈΝΟΣ

σήμαινε, κοὐκ᾽ ἄτιμος ἔκ γ᾽ ἐμοῦ φανεῖ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τίς ἔσθ᾽ ὁ χῶρος δῆτ᾽, ἐν ᾧ βεβήκαμεν;

ΞΈΝΟΣ

ὅσ᾽ οἶδα κἀγὼ πάντ᾽ ἐπιστήσει κλύων·
χῶρος μὲν ἱερὸς πᾶς ὅδ᾽ ἔστ᾽· ἔχει δέ νιν
σεμνὸς Ποσειδῶν· ἐν δ᾽ ὁ πυρφόρος θεὸς
Τιτὰν Προμηθεύς· ὃν δ᾽ ἐπιστείβεις τόπον,
χθονὸς καλεῖται τῆσδε χαλκόπους ὁδός,
ἔρεισμ᾽ Ἀθηνῶν· οἱ δὲ πλησίοι γύαι
τόνδ᾽ ἱππότην Κολωνὸν εὔχονται σφίσιν
ἀρχηγὸν εἶναι καὶ φέρουσι τοὔνομα
τὸ τοῦδε κοινὸν πάντες ὠνομασμένοι.
τοιαῦτά σοι ταῦτ᾽ ἐστίν, ὦ ξέν᾽, οὐ λόγοις
τιμώμεν᾽, ἀλλὰ τῇ ξυνουσίᾳ πλέον.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἦ γάρ τινες ναίουσι τούσδε τοὺς τόπους;

ΞΈΝΟΣ

καὶ κάρτα, τοῦδε τοῦ θεοῦ γ᾽ ἐπώνυμοι.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἄρχει τις αὐτῶν ἢ ᾽πὶ τῷ πλήθει λόγος;

ΞΈΝΟΣ

ἐκ τοῦ κατ᾽ ἄστυ βασιλέως τάδ᾽ ἄρχεται.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

οὗτος δὲ τίς λόγῳ τε καὶ σθένει κρατεῖ;

ΞΈΝΟΣ

Θησεὺς καλεῖται, τοῦ πρὶν Αἰγέως τόκος.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἆρ᾽ ἄν τις αὐτῷ πομπὸς ἐξ ὑμῶν μόλοι;

ΞΈΝΟΣ

ὡς πρὸς τί λέξων ἢ καταρτύσων μολεῖν;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὡς ἂν προσαρκῶν σμικρὰ κερδάνῃ μέγα.

ΞΈΝΟΣ

καὶ τίς πρὸς ἀνδρὸς μὴ βλέποντος ἄρκεσις;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὅσ᾽ ἂν λέγωμεν πάνθ᾽ ὁρῶντα λέξομεν.

ΞΈΝΟΣ

οἶσθ᾽, ὦ ξέν᾽, ὡς νῦν μὴ σφαλῇς; ἐπείπερ εἰ
γενναῖος, ὡς ἰδόντι, πλὴν τοῦ δαίμονος,
αὐτοῦ μέν᾽ οὗπερ κἀφάνης, ἕως ἐγὼ
τοῖς ἐνθάδ᾽ αὐτοῦ μὴ κατ᾽ ἄστυ δημόταις
λέξω τάδ᾽ ἐλθών· οἵδε γὰρ κρινοῦσί σοι
εἰ χρή σε μίμνειν ἢ πορεύεσθαι πάλιν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ τέκνον, ἦ βέβηκεν ἡμὶν ὁ ξένος;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

βέβηκεν, ὥστε πᾶν ἐν ἡσύχῳ, πάτερ,
ἔξεστι φωνεῖν, ὡς ἐμοῦ μόνης πέλας.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ πότνιαι δεινῶπες, εὖτε νῦν ἕδρας
πρώτων ἐφ᾽ ὑμῶν τῆσδε γῆς ἔκαμψ᾽ ἐγώ,
Φοίβῳ τε κἀμοὶ μὴ γένησθ᾽ ἀγνώμονες,
ὅς μοι, τὰ πόλλ᾽ ἐκεῖν᾽ ὅτ᾽ ἐξέχρη κακά,
ταύτην ἔλεξε παῦλαν ἐν χρόνῳ μακρῷ,
ἐλθόντι χώραν τερμίαν, ὅπου θεῶν
σεμνῶν ἕδραν λάβοιμι καὶ ξενόστασιν,
ἐνταῦθα κάμψειν τὸν ταλαίπωρον βίον,
κέρδη μὲν οἰκήσαντα τοῖς δεδεγμένοις,
ἄτην δὲ τοῖς πέμψασιν, οἵ μ᾽ ἀπήλασαν·

σημεῖα δ᾽ ἥξειν τῶνδέ μοι παρηγγύα,
ἢ σεισμὸν ἢ βροντήν τιν᾽ ἢ Διὸς σέλας,
ἔγνωκα μέν νυν ὥς με τήνδε τὴν ὁδὸν
οὐκ ἔσθ᾽ ὅπως οὐ πιστὸν ἐξ ὑμῶν πτερὸν
ἐξήγαγ᾽ εἰς τόδ᾽ ἄλσος· οὐ γὰρ ἄν ποτε
πρώταισιν ὑμῖν ἀντέκυρσ᾽ ὁδοιπορῶν,
νήφων ἀοίνοις, κἀπὶ σεμνὸν ἑζόμην
βάθρον τόδ᾽ ἀσκέπαρνον. ἀλλά μοι, θεαί,
βίου κατ᾽ ὀμφὰς τὰς Ἀπόλλωνος δότε
πέρασιν ἤδη καὶ καταστροφήν τινα,
εἰ μὴ δοκῶ τι μειόνως ἔχειν, ἀεὶ
μόχθοις λατρεύων τοῖς ὑπερτάτοις βροτῶν.
ἴτ᾽, ὦ γλυκεῖαι παῖδες ἀρχαίου Σκότου,
ἴτ᾽, ὦ μεγίστης Παλλάδος καλούμεναι
πασῶν Ἀθῆναι τιμιωτάτη πόλις,
οἰκτίρατ᾽ ἀνδρὸς Οἰδίπου τόδ᾽ ἄθλιον
εἴδωλον· οὐ γὰρ δὴ τόδ᾽ ἀρχαῖον δέμας.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

σίγα· πορεύονται γὰρ οἵδε δή τινες
χρόνῳ παλαιοί, σῆς ἕδρας ἐπίσκοποι.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

σιγήσομαί τε καὶ σύ μ᾽ ἐξ ὁδοῦ πόδα
κρύψον κατ᾽ ἄλσος, τῶνδ᾽ ἕως ἂν ἐκμάθω
τίνας λόγους ἐροῦσιν· ἐν γὰρ τῷ μαθεῖν
ἔνεστιν ηὐλάβεια τῶν ποιουμένων.

ΧΟΡΌΣ

ὅρα. τίς ἄρ᾽ ἦν; ποῦ ναίει;
ποῦ κυρεῖ ἐκτόπιος συθεὶς ὁ πάντων
ὁ πάντων ἀκορέστατος;

προσδέρκου λεῦσσέ νιν,
προσπεύθου πανταχῇ.
πλανάτας πλανάτας τις ὁ πρέσβυς οὐδ᾽
ἔγχωρος· προσέβα γὰρ οὐκ
ἄν ποτ᾽ ἀστιβὲς ἄλσος ἐς
τᾶνδ᾽ ἀμαιμακετᾶν κορᾶν,
ἃς τρέμομεν λέγειν
καὶ παραμειβόμεσθ᾽ ἀδέρκτως,
ἀφώνως, ἀλόγως τὸ τᾶς.
εὐφάμου στόμα φροντίδος
ἱέντες, τὰ δὲ νῦν τιν᾽ ἥκειν
λόγος οὐδὲν ἄζονθ᾽,
ὃν ἐγὼ λεύσσων περὶ πᾶν οὔπω
δύναμαι τέμενος
γνῶναι ποῦ μοί ποτε ναίει.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὅδ᾽ ἐκεῖνος ἐγώ· φωνῇ γὰρ ὁρῶ,
τὸ φατιζόμενον.

ΧΟΡΌΣ

ἰὼ ἰώ,
δεινὸς μὲν ὁρᾶν, δεινὸς δὲ κλύειν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

μή μ᾽, ἱκετεύω, προσίδητ᾽ ἄνομον.

ΧΟΡΌΣ

Ζεῦ ἀλεξῆτορ, τίς ποθ᾽ ὁ πρέσβυς;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

οὐ πάνυ μοίρας εὐδαιμονίσαι
πρώτης, ὦ τῆσδ᾽ ἔφοροι χώρας.
δηλῶ δ᾽· οὐ γὰρ ἂν ὧδ᾽ ἀλλοτρίοις
ὄμμασιν εἶρπον
κἀπὶ σμικροῖς μέγας ὥρμουν.

ΧΟΡΌΣ

ἐή, ἀλαῶν ὀμμάτων
ἆρα καὶ ἦσθα φυτάλμιος; δυσαίων
μακραίων γ᾽, ὅσ᾽ ἐπεικάσαι.
ἀλλ᾽ οὐ μὰν ἔν γ᾽ ἐμοὶ
προσθήσει τάσδ᾽ ἀράς.
περᾷς γάρ, περᾷς· ἀλλ᾽ ἵνα τῷδ᾽ ἐν ἀ-
φθέγκτῳ μὴ προπέσῃς νάπει
ποιάεντι, κάθυδρος οὗ
κρατὴρ μειλιχίων ποτῶν
ῥεύματι συντρέχει,
τόν, ξένε πάμμορ᾽, εὖ φύλαξαι;
μετάσταθ᾽ ἀπόβαθι. πολ-
λὰ κέλευθος ἐρατύει·
κλύεις, ὦ πολύμοχθ᾽ ἀλᾶτα;
λόγον εἴ τιν᾽ οἴσεις
πρὸς ἐμὰν λέσχαν, ἀβάτων ἀποβάς,
ἵνα πᾶσι νόμος,
φώνει· πρόσθεν δ᾽ ἀπερύκου.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

θύγατερ, ποῖ τις φροντίδος ἔλθῃ;

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

ὦ πάτερ, ἀστοῖς ἴσα χρὴ μελετᾶν,
εἴκοντας ἃ δεῖ κἀκούοντας.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

πρόσθιγέ νύν μου.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--ψαύω καὶ δή.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὦ ξένε, μὴ δῆτ᾽ ἀδικηθῶ σοὶ
πιστεύσας καὶ μεταναστάς.

ΧΟΡΌΣ

οὔ τοι μήποτέ σ᾽ ἐκ τῶνδ᾽ ἑδράνων,
ὦ γέρον, ἄκοντά τις ἄξει.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἔτ᾽ οὖν;

ΧΟΡΌΣ

--ἔτι βαῖνε πόρσω.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἔτι;

ΧΟΡΌΣ

--προβίβαζε, κούρα,
πόρσω· σὺ γὰρ ἀΐεις.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

< * >

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

< * >

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

< * >
ἔπεο μάν, ἔπε᾽ ὦδ᾽ ἀμαυρῷ
κώλῳ, πάτερ, σ᾽ ἄγω.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

< * >

ΧΟΡΌΣ

τόλμα ξεῖνος ἐπὶ ξένης,
ὦ τλάμων, ὅ τι καὶ πόλις
τέτροφεν ἄφιλον ἀποστυγεῖν
καὶ τὸ φίλον σέβεσθαι.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἄγε νυν σύ με, παῖ,
ἵν᾽ ἂν εὐσεβίας ἐπιβαίνοντες
τὸ μὲν εἴποιμεν, τὸ δ᾽ ἀκούσαιμεν,
καὶ μὴ χρείᾳ πολεμῶμεν.

ΧΟΡΌΣ

αὐτοῦ· μηκέτι τοῦδ᾽ αὐτοπέτρου
βήματος ἔξω πόδα κλίνῃς.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

οὕτως;

ΧΟΡΌΣ

--ἅλις, ὡς ἀκούεις.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἦ ἑσθῶ;

ΧΟΡΌΣ

--λέχριός γ᾽ ἐπ᾽ ἄκρου
λᾶος βραχὺς ὀκλάσας.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

πάτερ, ἐμὸν τόδ᾽· ἐν ἀσυχαίᾳ

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἰώ μοί μοι.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

βάσει βάσιν ἅρμοσαι,
γεραὸν ἐς χέρα σῶμα σὸν
προκλίνας φιλίαν ἐμάν.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὤμοι δύσφρονος ἄτας.

ΧΟΡΌΣ

ὦ τλάμων, ὅτε νῦν χαλᾷς,
αὔδασον, τίς ἔφυς βροτῶν;

τίς ὁ πολύπονος ἄγει; τίν᾽ ἂν
σοῦ πατρίδ᾽ ἐκπυθοίμαν;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ ξένοι,
ἀπόπτολις· ἀλλὰ μὴ

ΧΟΡΌΣ

τί τόδ᾽ ἀπεννέπεις, γέρον;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

μὴ μὴ μή μ᾽ ἀνέρῃ τίς εἰμι,
μηδ᾽ ἐξετάσῃς πέρα ματεύων.

ΧΟΡΌΣ

τί τόδ᾽;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

αἰνὰ φύσις.

ΧΟΡΌΣ

--αὔδα.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τέκνον, ὤμοι, τί γεγώνω;

ΧΟΡΌΣ

τίνος εἶ σπέρματος, ὦ ξένε, φώνει, πατρόθεν.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὤμοι ἐγώ, τί πάθω, τέκνον ἐμόν;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

λέγ᾽, ἐπείπερ ἐπ᾽ ἔσχατα βαίνεις.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἀλλ᾽ ἐρῶ· οὐ γὰρ ἔχω κατακρυφάν.

ΧΟΡΌΣ

μακρὰ μέλλετον, ἀλλὰ τάχυνε.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

Λαΐου ἴστε τιν᾽; 220

ΧΟΡΌΣ

--ὦ ἰοὺ ἰού.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

τό τε Λαβδακιδᾶν γένος;

ΧΟΡΌΣ

--ὦ Ζεῦ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἄθλιον Οἰδιπόδαν;

ΧΟΡΌΣ

--σὺ γὰρ ὅδ᾽ εἶ;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

δέος ἴσχετε μηδὲν ὅσ᾽ αὐδῶ.

ΧΟΡΌΣ

ἰὼ ὦ ὤ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

δύσμορος.

ΧΟΡΌΣ

--ὦ ὤ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

θύγατερ, τί ποτ᾽ αὐτίκα κύρσει;

ΧΟΡΌΣ

ἔξω πόρσω βαίνετε χώρας.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἃ δ᾽ ὑπέσχεο ποῖ καταθήσεις,

ΧΟΡΌΣ

οὐδενὶ μοιριδία τίσις ἔρχεται
ἂν προπάθῃ τὸ τίνειν· ἀπάτα δ᾽ ἀπά-
ταις ἑτέραις ἑτέρα παραβαλλομέ-
να πόνον, οὐ χάριν, ἀντιδίδωσιν ἔ-
χειν. σὺ δὲ τῶνδ᾽ ἑδράνων πάλιν ἔκτοπος

αὖθις ἄφορμος ἐμᾶς χθονὸς ἔκθορε,
μή τι πέρα χρέος
ἐμᾷ πόλει προσάψῃς.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

ὦ ξένοι
αἰδόφρονες, ἀλλ᾽ ἐπεὶ
γεραὸν πατέρα τόνδ᾽ ἐμὸν
οὐκ ἀνέτλατ᾽, ἔργων
ἀκόντων ἀΐοντες αὐδάν,
ἀλλ᾽ ἐμὲ τὰν μελέαν, ἱκετεύομεν, ὦ ξένοι, οἰκτίραθ᾽, ἃ
πατρὸς ὑπὲρ τοὐμοῦ μόνου
ἄντομαι οὐκ ἀλαοῖς προσορωμένα
ὄμμα σὸν ὄμμασιν, ὥς τις ἀφ᾽ αἵματος
ὑμετέρου προφανεῖσα, τὸν ἄθλιον
αἰδοῦς κῦρσαι· ἐν ὔμμι γὰρ ὡς θεῷ
κείμεθα τλάμονες. ἀλλ᾽ ἴτε, νεύσατε τὰν ἀδόκητον χάριν·
πρός σ᾽ ὅ τι σοι φίλον ἐκ σέθεν ἄντομαι,
ἢ τέκνον ἢ λέχος ἢ χρέος ἢ θεός·
οὐ γὰρ ἴδοις ἂν ἀθρῶν βροτὸν ὅστις ἄν,
εἰ θεὸς ἄγοι,
ἐκφυγεῖν δύναιτο. 253β

ΧΟΡΌΣ

ἀλλ᾽ ἴσθι, τέκνον Οἰδίπου, σέ τ᾽ ἐξ ἴσου
οἰκτίρομεν καὶ τόνδε συμφορᾶς χάριν·
τὰ δ᾽ ἐκ θεῶν τρέμοντες οὐ σθένοιμεν ἂν
φωνεῖν πέρα τῶν πρὸς σὲ νῦν εἰρημένων.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τί δῆτα δόξης ἢ τί κληδόνος καλῆς
μάτην ῥεούσης ὠφέλημα γίγνεται,

εἰ τάς γ᾽ Ἀθήνας φασὶ θεοσεβεστάτας
εἶναι, μόνας δὲ τὸν κακούμενον ξένον
σῴζειν οἵας τε καὶ μόνας ἀρκεῖν ἔχειν;
κἄμοιγε ποῦ τοῦτ᾽ ἐστίν, οἵτινες βάθρων
ἐκ τῶνδέ μ᾽ ἐξάραντες εἶτ᾽ ἐλαύνετε,
ὄνομα μόνον δείσαντες; οὐ γὰρ δὴ τό γε
σῶμ᾽ οὐδὲ τἄργα τἄμ᾽· ἐπεὶ τά γ᾽ ἔργα μου
πεπονθότ᾽ ἐστὶ μᾶλλον ἢ δεδρακότα,
εἴ σοι τὰ μητρὸς καὶ πατρὸς χρείη λέγειν,
ὧν οὕνεκ᾽ ἐκφοβεῖ με· τοῦτ᾽ ἐγὼ καλῶς
ἔξοιδα. καίτοι πῶς ἐγὼ κακὸς φύσιν,
ὅστις παθὼν μὲν ἀντέδρων, ὥστ᾽ εἰ φρονῶν
ἔπρασσον, οὐδ᾽ ἂν ὧδ᾽ ἐγιγνόμην κακός;
νῦν δ᾽ οὐδὲν εἰδὼς ἱκόμην ἵν᾽ ἱκόμην,
ὑφ᾽ ὧν δ᾽ ἔπασχον, εἰδότων ἀπωλλύμην.
ἀνθ᾽ ὧν ἱκνοῦμαι πρὸς θεῶν ὑμᾶς, ξένοι,
ὥσπερ με κἀνεστήσαθ᾽, ὧδε σώσατε,
καὶ μὴ θεοὺς τιμῶντες εἶτα τοὺς θεοὺς
μοίρας ποιεῖσθε μηδαμῶς· ἡγεῖσθε δὲ
βλέπειν μὲν αὐτοὺς πρὸς τὸν εὐσεβῆ βροτῶν,
βλέπειν δὲ πρὸς τοὺς δυσσεβεῖς, φυγὴν δέ του
μήπω γενέσθαι φωτὸς ἀνοσίου βροτῶν.
ξὺν οἷς σὺ μὴ κάλυπτε τὰς εὐδαίμονας
ἔργοις Ἀθήνας ἀνοσίοις ὑπηρετῶν,
ἀλλ᾽ ὥσπερ ἔλαβες τὸν ἱκέτην ἐχέγγυον,
ῥύου με κἀκφύλασσε· μηδέ μου κάρα
τὸ δυσπρόσοπτον εἰσορῶν ἀτιμάσῃς,
ἥκω γὰρ ἱερὸς εὐσεβής τε καὶ φέρων
ὄνησιν ἀστοῖς τοῖσδ᾽· ὅταν δ᾽ ὁ κύριος
παρῇ τις, ὑμῶν ὅστις ἐστὶν ἡγεμών,
τότ᾽ εἰσακούων πάντ᾽ ἐπιστήσει· τὰ δὲ
μεταξὺ τούτου μηδαμῶς γίγνου κακός.

ΧΟΡΌΣ

ταρβεῖν μέν, ὦ γεραιέ, τἀνθυμήματα
πολλή ᾽στ᾽ ἀνάγκη τἀπὸ σοῦ· λόγοισι γὰρ
οὐκ ὠνόμασται βραχέσι· τοὺς δὲ τῆσδε γῆς
ἄνακτας ἀρκεῖ ταῦτά μοι διειδέναι.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

καὶ ποῦ ᾽σθ᾽ ὁ κραίνων τῆσδε τῆς χώρας, ξένοι;

ΧΟΡΌΣ

πατρῷον ἄστυ γῆς ἔχει· σκοπὸς δέ νιν,
ὃς κἀμὲ δεῦρ᾽ ἔπεμψεν, οἴχεται στελῶν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἦ καὶ δοκεῖτε τοῦ τυφλοῦ τιν᾽ ἐντροπὴν
ἢ φροντίδ᾽, ἕξειν, αὐτὸν ὥστ᾽ ἐλθεῖν πέλας;

ΧΟΡΌΣ

καὶ κάρθ᾽, ὅταν περ τοὔνομ᾽ αἴσθηται τὸ σόν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τίς δ᾽ ἔσθ᾽ ὁ κείνῳ τοῦτο τοὔπος ἀγγελῶν;

ΧΟΡΌΣ

μακρὰ κέλευθος· πολλὰ δ᾽ ἐμπόρων ἔπη
φιλεῖ πλανᾶσθαι, τῶν ἐκεῖνος ἀΐων,
θάρσει, παρέσται. πολὺ γάρ, ὦ γέρον, τὸ σὸν
ὄνομα διήκει πάντας, ὥστε κεἰ βραδὺς
εὕδει, κλύων σοῦ δεῦρ᾽ ἀφίξεται ταχύς.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἀλλ᾽ εὐτυχὴς ἵκοιτο τῇ θ᾽ αὑτοῦ πόλει
ἐμοί τε· τίς γὰρ ἐσθλὸς οὐχ αὑτῷ φίλος;

ΑΝΤΙΓΟΝΗ

ὦ Ζεῦ, τί λέξω; ποῖ φρενῶν ἔλθω, πάτερ;

ΟΙΔΙΠΟΥΣ

τί δ᾽ ἔστι, τέκνον Ἀντιγόνη;

ΑΝΤΙΓΟΝΗ

--γυναῖχ᾽ ὁρῶ
στείχουσαν ἡμῶν ἅσσον, Αἰτναίας ἐπὶ
πώλου βεβῶσαν· κρατὶ δ᾽ ἡλιοστεγὴς
κυνῆ πρόσωπα Θεσσαλίς νιν ἀμπέχει.
τί φῶ;
ἆρ᾽ ἔστιν; ἆρ᾽ οὐκ ἔστιν; ἢ γνώμη πλανᾷ;
καὶ φημὶ κἀπόφημι κοὐκ ἔχω τί φῶ.
τάλαινα.
οὐκ ἔστιν ἄλλη· φαιδρὰ γοῦν ἀπ᾽ ὀμμάτων
σαίνει με προσστείχουσα· σημαίνει δ᾽ ὅτι
μόνης τόδ᾽ ἐστὶ δῆλον Ἰσμήνης κάρα.

ΟΙΔΙΠΟΥΣ

πῶς εἶπας, ὦ παῖ;

ΑΝΤΙΓΟΝΗ

--παῖδα σήν, ἐμὴν δ᾽ ὁρᾶν
ὅμαιμον· αὐδῇ δ᾽ αὐτίκ᾽ ἔξεστιν μαθεῖν.

ΙΣΜΗΝΗ

ὦ δισσὰ πατρὸς καὶ κασιγνήτης ἐμοὶ
ἥδιστα προσφωνήμαθ᾽, ὡς ὑμᾶς μόλις
εὑροῦσα λύπῃ δεύτερον μόλις βλέπω.

ΟἼΔΊΠΟΥΣ

ὦ τέκνον, ἥκεις;

ἸΣΜΉΝΗ

--ὦ πάτερ δύσμοιρ᾽ ὁρᾶν.

ΟἼΔΊΠΟΥΣ

τέκνον, πέφηνας;

ἸΣΜΉΝΗ

--οὐκ ἄνευ μόχθου γέ μοι.

ΟἼΔΊΠΟΥΣ

πρόσψαυσον, ὦ παῖ.

ἸΣΜΉΝΗ

--θιγγάνω δυοῖν ὁμοῦ.

ΟἼΔΊΠΟΥΣ

ὦ σπέρμ᾽ ὅμαιμον.

ἸΣΜΉΝΗ

--ὦ δυσάθλιαι τροφαί.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἦ τῆσδε κἀμοῦ;

ἸΣΜΉΝΗ

--δυσμόρου τ᾽ ἐμοῦ τρίτης.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

τέκνον, τί δ᾽ ἦλθες;

ἸΣΜΉΝΗ

--σῇ, πάτερ, προμηθίᾳ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

πότερα πόθοισι;

ἸΣΜΉΝΗ

--καὶ λόγων γ᾽ αὐτάγγελος,
ξὺν ᾧπερ εἶχον οἰκετῶν πιστῷ μόνῳ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

οἱ δ᾽ αὐθόμαιμοι ποῦ νεανίαι πονεῖν; 335

ἸΣΜΉΝΗ

εἴσ᾽ οὖπέρ εἰσι· δεινὰ τἀν κείνοις τανῦν.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὦ πάντ᾽ ἐκείνω τοῖς ἐν Αἰγύπτῳ νόμοις
φύσιν κατεικασθέντε καὶ βίου τροφάς·

ἐκεῖ γὰρ οἱ μὲν ἄρσενες κατὰ στέγας
θακοῦσιν ἱστουργοῦντες, αἱ δὲ σύννομοι
τἄξω βίου τροφεῖα πορσύνουσ᾽ ἀεί.
σφῷν δ᾽, ὦ τέκν᾽, οὓς μὲν εἰκὸς ἦν πονεῖν τάδε,
κατ᾽ οἶκον οἰκουροῦσιν ὥστε παρθένοι,
σφὼ δ᾽ ἀντ᾽ ἐκείνων τἀμὰ δυστήνου κακὰ
ὑπερπονεῖτον. ἡ μὲν ἐξ ὅτου νέας
τροφῆς ἔληξε καὶ κατίσχυσεν δέμας,
ἀεὶ μεθ᾽ ἡμῶν δύσμορος πλανωμένη
γερονταγωγεῖ, πολλὰ μὲν κατ᾽ ἀγρίαν
ὕλην ἄσιτος νηλίπους τ᾽ ἀλωμένη,
πολλοῖσι δ᾽ ὄμβροις ἡλίου τε καύμασιν
μοχθοῦσα τλήμων δεύτερ᾽ ἡγεῖται τὰ τῆς
οἴκοι διαίτης, εἰ πατὴρ τροφὴν ἔχοι.
σὺ δ᾽, ὦ τέκνον, πρόσθεν μὲν ἐξίκου πατρὶ
μαντεῖ᾽ ἄγουσα πάντα, Καδμείων λάθρᾳ,
ἃ τοῦδ᾽ ἐχρήσθη σώματος, φύλαξ τέ μου
πιστὴ κατέστης, γῆς ὅτ᾽ ἐξηλαυνόμην·
νῦν δ᾽ αὖ τίν᾽ ἥκεις μῦθον, Ἰσμήνη, πατρὶ
φέρουσα; τίς σ᾽ ἐξῆρεν οἴκοθεν στόλος;
ἥκεις γὰρ οὐ κενή γε, τοῦτ᾽ ἐγὼ σαφῶς
ἔξοιδα, μὴ οὐχὶ δεῖμ᾽ ἐμοὶ φέρουσά τι.

ΙΣΜΗΝΗ

ἐγὼ τὰ μὲν παθήμαθ᾽ ἅπαθον, πάτερ,
ζητοῦσα τὴν σὴν ποῦ κατοικοίης τροφήν,
παρεῖσ᾽ ἐάσω· δὶς γὰρ οὐχὶ βούλομαι
πονοῦσά τ᾽ ἀλγεῖν καὶ λέγουσ᾽ αὖθις πάλιν.
ἃ δ᾽ ἀμφὶ τοῖν σοῖν δυσμόροιν παίδοιν κακὰ
νῦν ἐστι, ταῦτα σημανοῦσ᾽ ἐλήλυθα.
πρὶν μὲν γὰρ αὐτοῖς ἦν ἔρως Κρέοντί τε
θρόνους ἐᾶσθαι μηδὲ χραίνεσθαι πόλιν,
λόγῳ σκοποῦσι τὴν πάλαι γένους φθοράν,
οἵα κατέσχε τὸν σὸν ἄθλιον δόμον·

νῦν δ᾽ ἐκ θεῶν του κἀλιτηρίου φρενὸς
εἰσῆλθε τοῖν τρὶς ἀθλίοιν ἔρις κακή,
ἀρχῆς λαβέσθαι καὶ κράτους τυραννικοῦ.
χὠ μὲν νεάζων καὶ χρόνῳ μείων γεγὼς
τὸν πρόσθε γεννηθέντα Πολυνείκη θρόνων
ἀποστερίσκει, κἀξελήλακεν πάτρας.
ὁ δ᾽, ὡς καθ᾽ ἡμᾶς ἔσθ᾽ ὁ πληθύων λόγος,
τὸ κοῖλον Ἄργος βὰς φυγὰς προσλαμβάνει
κῆδός τε καινὸν καὶ ξυνασπιστὰς φίλους
ὡς αὐτίκ᾽ Ἄργος ἢ τὸ Καδμείων πέδον
τιμῇ καθέξον ἢ πρὸς οὐρανὸν βιβῶν.
ταῦτ᾽ οὐκ ἀριθμός ἐστιν, ὦ πάτερ, λόγων,
ἀλλ᾽ ἔργα δεινά· τοὺς δὲ σοὺς ὅπου θεοὶ
πόνους κατοικτιοῦσιν οὐκ ἔχω μαθεῖν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἤδη γὰρ ἔσχες ἐλπίδ᾽ ὡς ἐμοῦ θεοὺς
ὥραν τιν᾽ ἔξειν, ὥστε σωθῆναί ποτε;

ΙΣΜΉΝΗ

ἔγωγε τοῖς νὺν γ᾽, ὦ πάτερ, μαντεύμασιν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ποίοισι τούτοις; τί δὲ τεθέσπισται, τέκνον;

ΙΣΜΉΝΗ

σὲ τοῖς ἐκεῖ ζητητὸν ἀνθρώποις ποτὲ
θανόντ᾽ ἔσεσθαι ζῶντά τ᾽ εὐσοίας χάριν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τίς δ᾽ ἂν τοιοῦδ᾽ ὑπ᾽ ἀνδρὸς εὖ πράξειεν ἄν;

ἸΣΜΉΝΗ

ἐν σοὶ τὰ κείνων φασὶ γίγνεσθαι κράτη.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὅτ᾽ οὐκέτ᾽ εἰμί, τηνικαῦτ᾽ ἄρ᾽ εἴμ᾽ ἀνήρ;

ἸΣΜΉΝΗ

νῦν γὰρ θεοί σ᾽ ὀρθοῦσι, πρόσθε δ᾽ ὤλλυσαν.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

γέροντα δ᾽ ὀρθοῦν φλαῦρον ὃς νέος πέσῃ.

ἸΣΜΉΝΗ

καὶ μὴν Κρέοντά γ᾽ ἴσθι σοι τούτων χάριν
ἥξοντα βαιοῦ κοὐχὶ μυρίου χρόνου.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὅπως τί δράσῃ, θύγατερ; ἑρμήνευέ μοι.

ἸΣΜΉΝΗ

ὡς σ᾽ ἄγχι γῆς στήσωσι Καδμείας, ὅπως
κρατῶσι μὲν σοῦ, γῆς δὲ μὴ ᾽μβαίνῃς ὅρων.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἡ δ᾽ ὠφέλησις τίς θύρασι κειμένου;

ἸΣΜΉΝΗ

κείνοις ὁ τύμβος δυστυχῶν ὁ σὸς βαρύς.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

κἄνευ θεοῦ τις τοῦτό γ᾽ ἂν γνώμῃ μάθοι.

ἸΣΜΉΝΗ

τούτου χάριν τοίνυν σε προσθέσθαι πέλας
χώρας θέλουσι, μηδ᾽ ἵν᾽ ἂν σαυτοῦ κρατοῖς.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἦ καὶ κατασκιῶσι Θηβαίᾳ κόνει;

ἸΣΜΉΝΗ

ἀλλ᾽ οὐκ ἐᾷ τοὔμφυλον αἷμά σ᾽, ὦ πάτερ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

οὐκ ἦρ᾽ ἐμοῦ γε μὴ κρατήσωσίν ποτε.

ἸΣΜΉΝΗ

ἔσται ποτ᾽ ἆρα τοῦτο Καδμείοις βάρος.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ποίας φανείσης, ὦ τέκνον, συναλλαγῆς;

ἸΣΜΉΝΗ

τῆς σῆς ὑπ᾽ ὀργῆς, σοῖς ὅταν στῶσιν τάφοις.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἃ δ᾽ ἐννέπεις, κλύουσα τοῦ λέγεις, τέκνον;

ΪΣΜΉΝΗ

ἀνδρῶν θεωρῶν Δελφικῆς ἀφ᾽ ἑστίας.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

καὶ ταῦτ᾽ ἐφ᾽ ἡμῖν Φοῖβος εἰρηκὼς κυρεῖ;

ΪΣΜΉΝΗ

ὥς φασιν οἱ μολόντες εἰς Θήβης πέδον.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

παίδων τις οὖν ἤκουσε τῶν ἐμῶν τάδε;

ΪΣΜΉΝΗ

ἄμφω γ᾽ ὁμοίως, κἀξεπίστασθον καλῶς.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

κᾆθ᾽ οἱ κάκιστοι τῶνδ᾽ ἀκούσαντες, πάρος
τοὐμοῦ πόθου προύθεντο τὴν τυραννίδα;

ΪΣΜΉΝΗ

ἀλγῶ κλύουσα ταῦτ᾽ ἐγώ, φέρω δ᾽ ὅμως.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἀλλ᾽ οἱ θεοί σφιν μήτε τὴν πεπρωμένην
ἔριν κατασβέσειαν, ἔν τ᾽ ἐμοὶ τέλος
αὐτοῖν γένοιτο τῆσδε τῆς μάχης πέρι,
ἧς νῦν ἔχονται κἀπαναίρονται δόρυ·
ὡς οὔτ᾽ ἂν ὃς νῦν σκῆπτρα καὶ θρόνους ἔχει
μείνειεν οὔτ᾽ ἂν οὐξεληλυθὼς πάλιν

ἔλθοι ποτ᾽ αὖθις· οἵ γε τὸν φύσαντ᾽ ἐμὲ
οὕτως ἀτίμως πατρίδος ἐξωθούμενον
οὐκ ἔσχον οὐδ᾽ ἤμυναν, ἀλλ᾽ ἀνάστατος
αὐτοῖς ἐπέμφθην κἀξεκηρύχθην φυγάς.
εἴποις ἂν ὡς θέλοντι τοῦτ᾽ ἐμοὶ τότε
πόλις τὸ δῶρον εἰκότως κατῄνεσεν.
οὐ δῆτ᾽, ἐπεί τοι τὴν μὲν αὐτίχ᾽ ἡμέραν,
ὁπηνίκ᾽ ἔζει θυμός, ἥδιστον δέ μοι
τὸ κατθανεῖν ἦν καὶ τὸ λευσθῆναι πέτροις,
οὐδεὶς ἔρωτ᾽ ἐς τόνδ᾽ ἐφαίνετ᾽ ὠφελῶν·
χρόνῳ δ᾽, ὅτ᾽ ἤδη πᾶς ὁ μόχθος ἦν πέπων,
κἀμάνθανον τὸν θυμὸν ἐκδραμόντα μοι
μείζω κολαστὴν τῶν πρὶν ἡμαρτημένων,
τὸ τηνίκ᾽ ἤδη τοῦτο μὲν πόλις βίᾳ
ἤλαυνέ μ᾽ ἐκ γῆς χρόνιον, οἱ δ᾽ ἐπωφελεῖν,
οἱ τοῦ πατρός, τῷ πατρὶ δυνάμενοι, τὸ δρᾶν
οὐκ ἠθέλησαν, ἀλλ᾽ ἔπους σμικροῦ χάριν
φυγάς σφιν ἔξω πτωχὸς ἠλώμην ἀεί.
ἐκ ταῖνδε δ᾽, οὔσαιν παρθένοιν, ὅσον φύσις
δίδωσιν αὐταῖν, καὶ τροφὰς ἔχω βίου
καὶ γῆς ἄδειαν καὶ γένους ἐπάρκεσιν·
τὼ δ᾽ ἀντὶ τοῦ φύσαντος εἱλέσθην θρόνους
καὶ σκῆπτρα κραίνειν καὶ τυραννεύειν χθονός.
ἀλλ᾽ οὔ τι μὴ λάχωσι τοῦδε συμμάχου,
οὐδέ σφιν ἀρχῆς τῆσδε Καδμείας ποτὲ
ὄνησις ἥξει· τοῦτ᾽ ἐγῷδα, τῆσδέ τε
μαντεῖ᾽ ἀκούων συννοῶν τε τἀξ ἐμοῦ
παλαίφαθ᾽ ἁμοὶ Φοῖβος ἤνυσέν ποτε.
πρὸς ταῦτα καὶ Κρέοντα πεμπόντων ἐμοῦ
μαστῆρα, κεἴ τις ἄλλος ἐν πόλει σθένει.
ἐὰν γὰρ ὑμεῖς, ὦ ξένοι, θέληθ᾽ ὁμοῦ
προστάτισι ταῖς σεμναῖσι δημούχοις θεαῖς
ἀλκὴν ποεῖσθαι, τῇδε τῇ πόλει μέγαν
σωτῆρ᾽ ἀρεῖσθε, τοῖς δ᾽ ἐμοῖς ἐχθροῖς πόνους.

ΧΟΡΌΣ

ἐπάξιος μέν, Οἰδίπους, κατοικτίσαι,
αὐτός τε παῖδές θ᾽ αἵδ᾽· ἐπεὶ δὲ τῆσδε γῆς
σωτῆρα σαυτὸν τῷδ᾽ ἐπεμβάλλεις λόγῳ,
παραινέσαι σοι βούλομαι τὰ σύμφορα.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ φίλταθ᾽, ὡς νῦν πᾶν τελοῦντι προξένει.

ΧΟΡΌΣ

θοῦ νῦν καθαρμὸν τῶνδε δαιμόνων, ἐφ᾽ ἃς
τὸ πρῶτον ἵκου καὶ κατέστειψας πέδον.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τρόποισι ποίοις; ὦ ξένοι, διδάσκετε.

ΧΟΡΌΣ

πρῶτον μὲν ἱερὰς ἐξ ἀειρύτου χοὰς
κρήνης ἐνεγκοῦ, δι᾽ ὁσίων χειρῶν θιγών.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὅταν δὲ τοῦτο χεῦμ᾽ ἀκήρατον λάβω;

ΧΟΡΌΣ

κρατῆρές εἰσιν, ἀνδρὸς εὔχειρος τέχνη,
ὧν κρᾶτ᾽ ἔρεψον καὶ λαβὰς ἀμφιστόμους.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

θαλλοῖσιν ἢ κρόκαισιν, ἢ ποίῳ τρόπῳ;

ΧΟΡΌΣ

οἰός γε νεαρᾶς νεοπόκῳ μαλλῷ λαβών.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

εἶεν· τὸ δ᾽ ἔνθεν ποῖ τελευτῆσαί με χρή;

ΧΟΡΌΣ

χοὰς χέασθαι στάντα πρὸς πρώτην ἕω.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἦ τοῖσδε κρωσσοῖς οἷς λέγεις χέω τάδε;

ΧΟΡΌΣ

τρισσάς γε πηγάς· τὸν τελευταῖον δ᾽ ὅλον.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τοῦ τόνδε πλήσας θῶ; δίδασκε καὶ τόδε.

ΧΟΡΌΣ

ὕδατος, μελίσσης· μηδὲ προσφέρειν μέθυ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὅταν δὲ τούτων γῆ μελάμφυλλος τύχῃ;

ΧΟΡΌΣ

τρὶς ἐννέ᾽ αὐτῇ κλῶνας ἐξ ἀμφοῖν χεροῖν
τιθεὶς ἐλαίας τάσδ᾽ ἐπεύχεσθαι λιτάς.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τούτων ἀκοῦσαι βούλομαι· μέγιστα γάρ.

ΧΟΡΌΣ

ὥς σφας καλοῦμεν Εὐμενίδας, ἐξ εὐμενῶν
στέρνων δέχεσθαι τὸν ἱκέτην σωτήριον,
αἰτοῦ σύ τ᾽ αὐτὸς κεἴ τις ἄλλος ἀντὶ σοῦ,
ἄπυστα φωνῶν μηδὲ μηκύνων βοήν·
ἔπειτ᾽ ἀφέρπειν ἄστροφος. καὶ ταῦτά σοι
δράσαντι θαρσῶν ἂν παρασταίην ἐγώ·
ἄλλως δὲ δειμαίνοιμ᾽ ἄν, ὦ ξέν᾽, ἀμφὶ σοι.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ παῖδε, κλύετον τῶνδε προσχώρων ξένων;

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

ἠκούσαμέν τε χὤ τι δεῖ πρόστασσε δρᾶν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἐμοὶ μὲν οὐχ ὁδωτά· λείπομαι γὰρ ἐν
τῷ μὴ δύνασθαι μήδ᾽ ὁρᾶν, δυοῖν κακοῖν·
σφῷν δ᾽ ἁτέρα μολοῦσα πραξάτω τάδε.
ἀρκεῖν γὰρ οἶμαι κἀντὶ μυρίων μίαν
ψυχὴν τάδ᾽ ἐκτίνουσαν, ἢν εὔνους παρῇ.
ἀλλ᾽ ἐν τάχει τι πράσσετον· μόνον δέ με
μὴ λείπετ᾽· οὐ γὰρ ἄν σθένοι τοὐμὸν δέμας
ἔρημον ἕρπειν οὐδ᾽ ὑφηγητοῦ δίχα.

ΙΣΜΉΝΗ

ἀλλ᾽ εἶμ᾽ ἐγὼ τελοῦσα· τὸν τόπον δ᾽ ἵνα

χρῆσταί μ᾽ ἐφευρεῖν, τοῦτο βούλομαι μαθεῖν.

ΧΟΡΌΣ

τοὐκεῖθεν ἄλσους, ὦ ξένη, τοῦδ᾽· ἦν δέ του
σπάνιν τιν᾽ ἴσχῃς, ἔστ᾽ ἔποικος ὃς φράσει.

ΙΣΜΉΝΗ

χωροῖμ᾽ ἂν ἐς τόδ᾽· Ἀντιγόνη, σὺ δ᾽ ἐνθάδε
φύλασσε πατέρα τόνδε· τοῖς τεκοῦσι γὰρ
οὐδ᾽ εἰ πονεῖ τις, δεῖ πόνου μνήμην ἔχειν.

ΧΟΡΌΣ

δεινὸν μὲν τὸ πάλαι κείμενον ἤδη κακόν, ὦ ξεῖν᾽, ἐπεγείρειν·
ὅμως δ᾽ ἔραμαι πυθέσθαι

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τί τοῦτο;

ΧΟΡΌΣ

τᾶς δειλαίας ἀπόρου φανείσας
ἀλγηδόνος, ξυνέστας.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

μὴ πρὸς ξενίας ἀνοίξῃς
τᾶς σᾶς ἃ πέπονθ᾽ ἀναιδῆ.

ΧΟΡΌΣ

τό τοι πολὺ καὶ μηδαμὰ λῆγον
χρῄζω, ξεῖν᾽, ὀρθὸν ἄκουσμ᾽ ἀκοῦσαι.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὤμοι.

ΧΟΡΌΣ

στέρξον, ἱκετεύω.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

--φεῦ φεῦ.

ΧΟΡΌΣ

πείθου· κἀγὼ γὰρ ὅσον σὺ προσχρῄζεις.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἤνεγκ᾽ οὖν κακότατ᾽, ὦ ξένοι, ἤνεγκ᾽ ἀέκων μέν,
θεὸς ἴστω,
τούτων δ᾽ αὐθαίρετον οὐδέν.

ΧΟΡΌΣ

ἀλλ᾽ ἐς τί;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

κακᾷ μ᾽ εὐνᾷ πόλις οὐδὲν ἴδριν
γάμων ἐνέδησεν ἄτᾳ.

ΧΟΡΌΣ

ἦ ματρόθεν, ὡς ἀκούω,
δυσώνυμα λέκτρ᾽ ἐπλήσω;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὤμοι θάνατος μὲν τάδ᾽ ἀκούειν,
ὦ ξεῖν᾽· αὗται δὲ δύ᾽ ἐξ ἐμοῦ μὲν

ΧΟΡΌΣ

πῶς φῄς;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

παῖδε, δύο δ᾽ ἄτα

ΧΟΡΌΣ

ὦ Ζεῦ. 532β

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ματρὸς κοινᾶς ἀπέβλαστον ὠδῖνος.

ΧΟΡΌΣ

σαί τ᾽ εἴσ᾽ ἄρ᾽ ἀπόγονοί τε καὶ

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

κοιναί γε πατρὸς ἀδελφεαί.

ΧΟΡΌΣ

ἰώ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

--ἰὼ δῆτα μυρίων γ᾽ ἐπιστροφαὶ κακῶν.

ΧΟΡΌΣ

ἔπαθες

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

--ἔπαθον ἄλαστ᾽ ἔχειν.

ΧΟΡΌΣ

ἔρεξας

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

οὐκ ἔρεξα.

ΧΟΡΌΣ

τί γάρ;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

--ἐδεξάμην
δῶρον, ὃ μήποτ᾽ ἐγὼ ταλακάρδιος
ἐπωφέλησας πόλεος ἐξελέσθαι.

ΧΟΡΌΣ

δύστανε, τί γάρ; ἔθου φόνον

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τί τοῦτο; τί δ᾽ ἐθέλεις μαθεῖν;

ΧΟΡΌΣ

πατρός;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

--παπαῖ. δευτέραν ἔπαισας, ἐπὶ νόσῳ νόσον,

ΧΟΡΌΣ

ἔκανες

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

--ἔκανον. ἔχει δέ μοι

ΧΟΡΌΣ

τί τοῦτο;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

πρὸς δίκας τι.

ΧΟΡΌΣ

τί γάρ;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

--ἐγὼ φράσω.
καὶ γὰρ ἄν, οὓς ἐφόνευσ᾽, ἔμ᾽ ἀπώλεσαν·
νόμῳ δὲ καθαρός, ἄϊδρις εἰς τόδ᾽ ἦλθον.

ΧΟΡΌΣ

καὶ μὴν ἄναξ ὅδ᾽ ἡμῖν Αἰγέως γόνος
Θησεὺς κατ᾽ ὀμφὴν σὴν ἐφ᾽ ἁστάλη πάρα.

ΘΗΣΕΎΣ

πολλῶν ἀκούων ἔν τε τῷ πάρος χρόνῳ
τὰς αἱματηρὰς ὀμμάτων διαφθορὰς
ἔγνωκά σ᾽, ὦ παῖ Λαΐου, τανῦν θ᾽ ὁδοῖς
ἐν ταῖσδ᾽ ἀκούων μᾶλλον ἐξεπίσταμαι.
σκευή τε γάρ σε καὶ τὸ δύστηνον κάρα
δηλοῦτον ἡμῖν ὅνθ᾽ ὃς εἶ, καί σ᾽ οἰκτίσας
θέλω ᾽περέσθαι, δύσμορ᾽ Οἰδίπους, τίνα
πόλεως ἐπέστης προστροπὴν ἐμοῦ τ᾽ ἔχων,
αὐτός τε χἠ σὴ δύσμορος παραστάτις.
δίδασκε· δεινὴν γάρ τιν᾽ ἂν πρᾶξιν τύχοις
λέξας ὁποίας ἐξαφισταίμην ἐγώ,
ὃς οἶδα καὐτὸς ὡς ἐπαιδεύθην ξένος,
ὥσπερ σύ, χὡς εἷς πλεῖστ᾽ ἀνὴρ ἐπὶ ξένης
ἤθλησα κινδυνεύματ᾽ ἐν τὠμῷ κάρᾳ·
ὥστε ξένον γ᾽ ἂν οὐδέν᾽ ὄνθ᾽, ὥσπερ σὺ νῦν,
ὑπεκτραποίμην μὴ οὐ συνεκσῴζειν· ἐπεὶ
ἔξοιδ᾽ ἀνὴρ ὢν χὤτι τῆς εἰς αὔριον
οὐδὲν πλέον μοι σοῦ μέτεστιν ἡμέρας.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

Θησεῦ, τὸ σὸν γενναῖον ἐν σμικρῷ λόγῳ
παρῆκεν, ὥστε βραχέα μοι δεῖσθαι φράσαι.
σὺ γάρ μ᾽ ὅς εἰμι κἀφ᾽ ὅτου πατρὸς γεγὼς
καὶ γῆς ὁποίας ἦλθον, εἰρηκὼς κυρεῖς·
ὥστ᾽ ἐστί μοι τὸ λοιπὸν οὐδὲν ἄλλο πλὴν
εἰπεῖν ἃ χρῄζω, χὠ λόγος διοίχεται.

ΘΗΣΕΎΣ

τοῦτ᾽ αὐτὸ νῦν δίδασχ᾽, ὅπως ἂν ἐκμάθω.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

δώσων ἱκάνω τοὐμὸν ἄθλιον δέμας

σοὶ δῶρον, οὐ σπουδαῖον εἰς ὄψιν· τὰ δὲ
κέρδη παρ᾽ αὐτοῦ κρείσσον᾽ ἢ μορφὴ καλή.

ΘΗΣΕΎΣ

ποῖον δὲ κέρδος ἀξιοῖς ἥκειν φέρων;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

χρόνῳ μάθοις ἄν, οὐχὶ τῷ παρόντι που.

ΘΗΣΕΎΣ

ποίῳ γὰρ ἡ σὴ προσφορὰ δηλώσεται;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὅταν θάνω ᾽γὼ καὶ σύ μου ταφεὺς γένῃ

ΘΗΣΕΎΣ

τὰ λοίσθι᾽ αἰτεῖ τοῦ βίου, τὰ δ᾽ ἐν μέσῳ
ἢ λῆστιν ἴσχεις ἢ δι᾽ οὐδενὸς ποεῖ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἐνταῦθα γάρ μοι κεῖνα συγκομίζεται.

ΘΗΣΕΎΣ

ἀλλ᾽ ἐν βραχεῖ δὴ τήνδε μ᾽ ἐξαιτεῖ χάριν.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὅρα γε μήν· οὐ σμικρός, οὔχ, ἁγὼν ὅδε.

ΘΗΣΕΎΣ

πότερα τὰ τῶν σῶν ἐκγόνων κἀμοῦ λέγεις;--

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

κεῖνοι κομίζειν κεῖσ᾽ ἄναξ, χρῄζουσί με.

ΘΗΣΕΎΣ

ἀλλ᾽ εἰ θέλοντά γ᾽ οὐδὲ σοὶ φεύγειν καλόν.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἀλλ᾽ οὐδ᾽, ὅτ᾽ αὐτὸς ἤθελον, παρίεσαν.

ΘΗΣΕΎΣ

ὦ μῶρε, θυμὸς δ᾽ ἐν κακοῖς οὐ ξύμφορον.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὅταν μάθῃς μου, νουθέτει, τανῦν δ᾽ ἔα.

ΘΗΣΕΎΣ

δίδασκ᾽· ἄνευ γνώμης γὰρ οὔ με χρὴ λέγειν.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

πέπονθα, Θησεῦ, δεινὰ πρὸς κακοῖς κακά.

ΘΗΣΕΎΣ

ἦ τὴν παλαιὰν ξυμφορὰν γένους ἐρεῖς;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

οὐ δῆτ᾽, ἐπεὶ πᾶς τοῦτό γ᾽ Ἑλλήνων θροεῖ.

ΘΗΣΕΎΣ

τί γὰρ τὸ μεῖζον ἢ κατ᾽ ἄνθρωπον νοσεῖς;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

οὕτως ἔχει μοι. γῆς ἐμῆς ἀπηλάθην
πρὸς τῶν ἐμαυτοῦ σπερμάτων· ἔστιν δέ μοι
πάλιν κατελθεῖν μήποθ᾽, ὡς πατροκτόνῳ.

ΘΗΣΕΎΣ

πῶς δῆτα σ᾽ ἂν πεμψαίαθ᾽, ὥστ᾽ οἰκεῖν δίχα;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

τὸ θεῖον αὐτοὺς ἐξαναγκάσει στόμα.

ΘΗΣΕΎΣ

ποῖον πάθος δείσαντας ἐκ χρηστηρίων;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὅτι σφ᾽ ἀνάγκη τῇδε πληγῆναι χθονί.

ΘΗΣΕΎΣ

καὶ πῶς γένοιτ᾽ ἂν τἀμὰ κἀκείνων πικρά;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὦ φίλτατ᾽ Αἰγέως παῖ, μόνοις οὐ γίγνεται
θεοῖσι γῆρας οὐδὲ κατθανεῖν ποτε.
τὰ δ᾽ ἄλλα συγχεῖ πάνθ᾽ ὁ παγκρατὴς χρόνος.

φθίνει μὲν ἰσχὺς γῆς, φθίνει δὲ σώματος,
θνῄσκει δὲ πίστις, βλαστάνει δ᾽ ἀπιστία,
καὶ πνεῦμα ταὐτὸν οὔποτ᾽ οὔτ᾽ ἐν ἀνδράσιν
φίλοις βέβηκεν οὔτε πρὸς πόλιν πόλει.
τοῖς μὲν γὰρ ἤδη, τοῖς δ᾽ ἐν ὑστέρῳ χρόνῳ
τὰ τερπνὰ πικρὰ γίγνεται καὖθις φίλα.
καὶ ταῖσι Θήβαις εἰ τανῦν εὐημερεῖ
καλῶς τὰ πρὸς σέ, μυρίας ὁ μυρίος
χρόνος τεκνοῦται νύκτας ἡμέρας τ᾽ ἰών,
ἐν αἷς τὰ νῦν ξύμφωνα δεξιώματα
δόρει διασκεδῶσιν ἐκ σμικροῦ λόγου·
ἵν᾽ οὑμὸς εὕδων καὶ κεκρυμμένος νέκυς
ψυχρός ποτ᾽ αὐτῶν θερμὸν αἷμα πίεται,
εἰ Ζεὺς ἔτι Ζεὺς χὠ Διὸς Φοῖβος σαφής.
ἀλλ᾽ οὐ γὰρ αὐδᾶν ἡδὺ τἀκίνητ᾽ ἔπη,
ἔα μ᾽ ἐν οἷσιν ἠρξάμην, τὸ σὸν μόνον
πιστὸν φυλάσσων, κοὔποτ᾽ Οἰδίπουν ἐρεῖς
ἀχρεῖον οἰκητῆρα δέξασθαι τόπων
τῶν ἐνθάδ᾽, εἴπερ μὴ θεοὶ ψεύσουσί με.

ΧΟΡΌΣ

ἄναξ, πάλαι καὶ ταῦτα καὶ τοιαῦτ᾽ ἔπη
γῇ τῇδ᾽ ὅδ᾽ ἀνὴρ ὡς τελῶν ἐφαίνετο.

ΘΗΣΕΎΣ

τίς δῆτ᾽ ἂν ἀνδρὸς εὐμένειαν ἐκβάλοι
τοιοῦδ᾽, ὅτῳ πρῶτον μὲν ἡ δορύξενος
κοινὴ παρ᾽ ἡμῖν αἰέν ἐστιν ἑστία;
ἔπειτα δ᾽ ἱκέτης δαιμόνων ἀφιγμένος
γῇ τῇδε κἀμοὶ δασμὸν οὐ σμικρὸν τίνει.
ἀγὼ σεβισθεὶς οὔποτ᾽ ἐκβαλῶ χάριν
τὴν τοῦδε, χώρᾳ δ᾽ ἔμπολιν κατοικιῶ.
εἰ δ᾽ ἐνθάδ᾽ ἡδὺ τῷ ξένῳ μίμνειν, σέ νιν

τάξω φυλάσσειν, εἴτ᾽ ἐμοῦ στείχειν μέτα,
τόδ᾽ ἡδύ, τούτων, Οἰδίπους, δίδωμί σοι
κρίναντι χρῆσθαι· τῇδε γὰρ ξυνοίσομαι.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ Ζεῦ, διδοίης τοῖσι τοιούτοισιν εὖ.

ΘΗΣΕΎΣ

τί δῆτα χρῄζεις; ἦ δόμους στείχειν ἐμούς;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

εἴ μοι θέμις γ᾽ ἦν· ἀλλ᾽ ὁ χῶρός ἐσθ᾽ ὅδε,

ΘΗΣΕΎΣ

ἐν ᾧ τί πράξεις; οὐ γὰρ ἀντιστήσομαι.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἐν ᾧ κρατήσω τῶν ἔμ᾽ ἐκβεβληκότων.

ΘΗΣΕΎΣ

μέγ᾽ ἂν λέγοις δώρημα τῆς συνουσίας.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

εἰ σοί γ᾽ ἅπερ φῂς ἐμμενεῖ τελοῦντί μοι.

ΘΗΣΕΎΣ

θάρσει τὸ τοῦδέ γ᾽ ἀνδρός· οὔ σε μὴ προδῶ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

οὔτοι σ᾽ ὑφ᾽ ὅρκου γ᾽ ὡς κακὸν πιστώσομαι.

ΘΗΣΕΎΣ

οὔκουν πέρα γ᾽ ἂν οὐδὲν ἢ λόγῳ φέροις.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

πῶς οὖν ποήσεις;

ΘΗΣΕΎΣ

--τοῦ μάλιστ᾽ ὄκνος σ᾽ ἔχει;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἥξουσιν ἄνδρες

ΘΗΣΕΎΣ

--ἀλλὰ τοῖσδ᾽ ἔσται μέλον.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὅρα με λείπων

ΘΗΣΕΎΣ

--μὴ δίδασχ᾽ ἃ χρή με δρᾶν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὀκνοῦντ᾽ ἀνάγκη.

ΘΗΣΕΎΣ

--τοὐμὸν οὐκ ὀκνεῖ κέαρ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

οὐκ οἶσθ᾽ ἀπειλὰς

ΘΗΣΕΎΣ

--οἶδ᾽ ἐγώ σε μή τινα
ἐνθένδ᾽ ἀπάξοντ᾽ ἄνδρα πρὸς βίαν ἐμοῦ.
πολλαὶ δ᾽ ἀπειλαὶ πολλὰ δὴ μάτην ἔπη
θυμῷ κατηπείλησαν, ἀλλ᾽ ὁ νοῦς ὅταν
αὐτοῦ γένηται, φροῦδα τἀπειλήματα.
κείνοις δ᾽ ἴσως κεἰ δείν᾽ ἐπερρώσθη λέγειν
τῆς σῆς ἀγωγῆς, οἶδ᾽ ἐγώ, φανήσεται
μακρὸν τὸ δεῦρο πέλαγος οὐδὲ πλώσιμον.
θαρσεῖν μὲν οὖν ἔγωγε κἂν ἐμῆς ἄνευ
γνώμης ἐπαινῶ, Φοῖβος εἰ προὔπεμψέ σε·
ὅμως δὲ κἀμοῦ μὴ παρόντος οἶδ᾽ ὅτι
τοὐμὸν φυλάξει σ᾽ ὄνομα μὴ πάσχειν κακῶς.

ΧΟΡΌΣ

εὐίππου, ξένε, τᾶσδε χώρας
ἵκου τὰ κράτιστα γᾶς ἔπαυλα,
τὸν ἀργῆτα Κολωνόν, ἔνθ᾽
ἁ λίγεια μινύρεται
θαμίζουσα μάλιστ᾽ ἀηδὼν
χλωραῖς ὑπὸ βάσσαις,
τὸν οἰνωπὸν ἔχουσα κισσὸν
καὶ τὰν ἄβατον θεοῦ
φυλλάδα μυριόκαρπον ἀνήλιον
ἀνήνεμόν τε πάντων
χειμώνων· ἵν᾽ ὁ βακχιώτας
ἀεὶ Διόνυσος ἐμβατεύει

θεαῖς ἀμφιπολῶν τιθήναις.
θάλλει δ᾽ οὐρανίας ὑπ᾽ ἄχνας
ὁ καλλίβοτρυς κατ᾽ ἦμαρ ἀεὶ
νάρκισσος, μεγάλαιν θεαῖν
ἀρχαῖον στεφάνωμ᾽, ὅ τε
χρυσαυγὴς κρόκος· οὐδ᾽ ἄϋπνοι
κρῆναι μινύθουσιν
Κηφισοῦ νομάδες ῥεέθρων,
ἀλλ᾽ αἰὲν ἐπ᾽ ἤματι
ὠκυτόκος πεδίων ἐπινίσσεται
ἀκηράτῳ σὺν ὄμβρῳ
στερνούχου χθονός· οὐδὲ Μουσᾶν
χοροί νιν ἀπεστύγησαν οὐδ᾽ ἁ
χρυσάνιος Ἀφροδίτα.
ἔστιν δ᾽ οἷον ἐγὼ γᾶς Ἀσίας οὐκ ἐπακούω
οὐδ᾽ ἐν τᾷ μεγάλᾳ Δωρίδι νάσῳ Πέλοπος πώποτε βλαστὸν
φύτευμ᾽ ἀχείρωτον αὐτόποιον,
ἐγχέων φόβημα δαΐων,
ὃ τᾷδε θάλλει μέγιστα χώρᾳ,
γλαυκᾶς παιδοτρόφου φύλλον ἐλαίας·
τὸ μέν τις οὐ νεαρὸς οὐδὲ γήρᾳ
συνναίων ἁλιώσει χερὶ πέρσας· ὁ γὰρ αἰὲν ὁρῶν κύκλος
λεύσσει νιν μορίου Διὸς
χὰ γλαυκῶπις Ἀθάνα.
ἄλλον δ᾽ αἶνον ἔχω ματροπόλει τᾷδε κράτιστον
δῶρον τοῦ μεγάλου δαίμονος, εἰπεῖν, χθονὸς αὔχημα μέγιστον,
εὔιππον, εὔπωλον, εὐθάλασσον.
ὦ παῖ Κρόνου, σὺ γάρ νιν εἰς
τόδ᾽ εἶσας αὔχημ᾽, ἄναξ Ποσειδάν,
ἵπποισιν τὸν ἀκεστῆρα χαλινὸν
πρώταισι ταῖσδε κτίσας ἀγυιαῖς.
ἁ δ᾽ εὐήρετμος ἔκπαγλ᾽ ἁλία χερσὶ παραπτομένα πλάτα
θρῴσκει, τῶν ἑκατομπόδων
Νηρῄδων ἀκόλουθος.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

ὦ πλεῖστ᾽ ἐπαίνοις εὐλογούμενον πέδον,
νῦν σὸν τὰ λαμπρὰ ταῦτα δὴ φαίνειν ἔπη.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

τί δ᾽ ἔστιν, ὦ παῖ, καινόν;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--ἆσσον ἔρχεται
Κρέων ὅδ᾽ ἡμῖν οὐκ ἄνευ πομπῶν, πάτερ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὦ φίλτατοι γέροντες, ἐξ ὑμῶν ἐμοὶ
φαίνοιτ᾽ ἂν ἤδη τέρμα τῆς σωτηρίας.

ΧΟΡΌΣ

θάρσει, παρέσται· καὶ γὰρ εἰ γέρων ἐγώ,
τὸ τῆσδε χώρας οὐ γεγήρακεν σθένος.

ΚΡΈΩΝ

ἄνδρες χθονὸς τῆσδ᾽ εὐγενεῖς οἰκήτορες,
ὁρῶ τιν᾽ ὑμᾶς ὀμμάτων εἰληφότας
φόβον νεώρη τῆς ἐμῆς ἐπεισόδου,
ὃν μήτ᾽ ὀκνεῖτε μήτ᾽ ἀφῆτ᾽ ἔπος κακόν.
ἥκω γὰρ οὐχ ὡς δρᾶν τι βουληθείς, ἐπεὶ
γέρων μέν εἰμι, πρὸς πόλιν δ᾽ ἐπίσταμαι
σθένουσαν ἥκων, εἴ τιν᾽ Ἑλλάδος, μέγα.
ἀλλ᾽ ἄνδρα τόνδε τηλικόσδ᾽ ἀπεστάλην
πείσων ἕπεσθαι πρὸς τὸ Καδμείων πέδον,
οὐκ ἐξ ἑνὸς στείλαντος, ἀλλ᾽ ἀνδρῶν ὑπὸ

πάντων κελευσθείς, οὕνεχ᾽ ἥκέ μοι γένει
τὰ τοῦδε πενθεῖν πήματ᾽ εἰς πλεῖστον πόλεως.
ἀλλ᾽ ὦ ταλαίπωρ᾽ Οἰδίπους, κλύων ἐμοῦ
ἵκοῦ πρὸς οἴκους. πᾶς σε Καδμείων λεὼς
καλεῖ δικαίως, ἐκ δὲ τῶν μάλιστ᾽ ἐγώ,
ὅσῳπερ, εἰ μὴ πλεῖστον ἀνθρώπων ἔφυν
κάκιστος, ἀλγῶ τοῖσι σοῖς κακοῖς, γέρον,
ὁρῶν σε τὸν δύστηνον ὄντα μὲν ξένον,
ἀεὶ δ᾽ ἀλήτην κἀπὶ προσπόλου μιᾶς
βιοστερῆ χωροῦντα· τὴν ἐγὼ τάλας
οὐκ ἄν ποτ᾽ ἐς τοσοῦτον αἰκίας πεσεῖν
ἔδοξ᾽, ὅσον πέπτωκεν ἥδε δύσμορος,
ἀεί σε κηδεύουσα καὶ τὸ σὸν κάρα
πτωχῷ διαίτῃ, τηλικοῦτος, οὐ γάμων
ἔμπειρος, ἀλλὰ τοὐπιόντος ἁρπάσαι.
ἆρ᾽ ἄθλιον τοὔνειδος, ὦ τάλας ἐγώ,
ὠνείδισ᾽ εἰς σὲ κἀμὲ καὶ τὸ πᾶν γένος;
ἀλλ᾽ οὐ γὰρ ἔστι τἀμφανῆ κρύπτειν, σύ νιν
πρὸς θεῶν πατρῴων, Οἰδίπους, πεισθεὶς ἐμοὶ
κρύψον, θελήσας ἄστυ καὶ δόμους μολεῖν
τοὺς σοὺς πατρῴους, τήνδε τὴν πόλιν φίλως
εἰπών· ἐπαξία γάρ· ἡ δ᾽ οἴκοι πλέον
δίκῃ σέβοιτ᾽ ἄν, οὖσα σὴ πάλαι τροφός.

ΟΙΔΙΠΟΥΣ

ὦ πάντα τολμῶν κἀπὸ παντὸς ἂν φέρων
λόγου δικαίου μηχάνημα ποικίλον,
τί ταῦτα πειρᾷ κἀμὲ δεύτερον θέλεις
ἑλεῖν ἐν οἷς μάλιστ᾽ ἂν ἀλγοίην ἁλούς;
πρόσθεν τε γάρ με τοῖσιν οἰκείοις κακοῖς
νοσοῦνθ᾽, ὅτ᾽ ἦν μοι τέρψις ἐκπεσεῖν χθονός,
οὐκ ἤθελες θέλοντι προσθέσθαι χάριν·
ἀλλ᾽ ἡνίκ᾽ ἤδη μεστὸς ἦ θυμούμενος
καὶ τοὺν δόμοισιν ἦν διαιτᾶσθαι γλυκύ,

τότ᾽ ἐξεώθεις κἀξέβαλλες, οὐδέ σοι
τὸ συγγενὲς τοῦτ᾽ οὐδαμῶς τότ᾽ ἦν φίλον·
νῦν τ᾽ αὖθις ἡνίκ᾽ εἰσορᾷς πόλιν τέ μοι
ξυνοῦσαν εὔνουν τήνδε καὶ γένος τὸ πᾶν,
πειρᾷ μετασπᾶν, σκληρὰ μαλθακῶς λέγων.
καίτοι τίς αὕτη τέρψις ἄκοντας φιλεῖν;
ὥσπερ τις εἴ σοι λιπαροῦντι μὲν τυχεῖν
μηδὲν διδοίη μηδ᾽ ἐπαρκέσαι θέλοι,
πλήρη δ᾽ ἔχοντι θυμὸν ὧν χρῄζοις, τότε
δωροῖθ᾽, ὅτ᾽ οὐδὲν ἡ χάρις χάριν φέροι·
ἆρ᾽ ἂν ματαίου τῆσδ᾽ ἂν ἡδονῆς τύχοις;
τοιαῦτα μέντοι καὶ σὺ προσφέρεις ἐμοί,
λόγῳ μὲν ἐσθλά. τοῖσι δ᾽ ἔργοισιν κακά.
φράσω δὲ καὶ τοῖσδ᾽, ὥς σε δηλώσω κακόν.
ἥκεις ἔμ᾽ ἄξων, οὐχ᾽ ἵν᾽ ἐς δόμους ἄγῃς,
ἀλλ᾽ ὡς πάραυλον οἰκίσῃς, πόλις δέ σοι
κακῶν ἄνατος τῆσδ᾽ ἀπαλλαχθῇ χθονός.
οὐκ ἔστι σοι ταῦτ᾽, ἀλλά σοι τάδ᾽ ἔστ᾽, ἐκεῖ
χώρας ἀλάστωρ οὑμὸς ἐνναίων ἀεί·
ἔστιν δὲ παισὶ τοῖς ἐμοῖσι τῆς ἐμῆς
χθονὸς λαχεῖν τοσοῦτον, ἐνθανεῖν μόνον.
ἆρ᾽ οὐκ ἄμεινον ἢ σὺ τἀν Θήβαις φρονῶ;
πολλῷ γ᾽, ὅσῳπερ κἀκ σαφεστέρων κλύω,
Φοίβου τε καὐτοῦ Ζηνός, ὃς κείνου πατήρ.
τὸ σὸν δ᾽ ἀφῖκται δεῦρ᾽ ὑπόβλητον στόμα,
πολλὴν ἔχον στόμωσιν· ἐν δὲ τῷ λέγειν
κάκ᾽ ἂν λάβοις τὰ πλείον᾽ ἢ σωτήρια.
ἡμᾶς δ᾽ ἔα ζῆν ἐνθάδ᾽· οὐ γὰρ ἂν κακῶς
οὐδ᾽ ὧδ᾽ ἔχοντες ζῷμεν, εἰ τερποίμεθα.

ΚΡΕΩΝ

πότερα νομίζεις δυστυχεῖν ἔμ᾽ ἐς τὰ σά,
ἢ σ᾽ εἰς τὰ σαυτοῦ μᾶλλον, ἐς τῷ νῦν λόγῳ;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἐμοὶ μέν ἐσθ᾽ ἥδιστον, εἰ σὺ μήτ᾽ ἐμὲ
πείθειν οἷός τ᾽ εἶ μήτε τούσδε τοὺς πέλας.

ΚΡΈΩΝ

ὦ δύσμορ᾽, οὐδὲ τῷ χρόνῳ φύσας φανεῖ
φρένας ποτ᾽ ἀλλὰ λῦμα τῷ γήρᾳ τρέφει;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

γλώσσῃ σὺ δεινός· ἄνδρα δ᾽ οὐδέν᾽ οἶδ᾽ ἐγὼ
δίκαιον ὅστις ἐξ ἅπαντος εὖ λέγει.

ΚΡΈΩΝ

χωρὶς τό τ᾽ εἰπεῖν πολλὰ καὶ τὰ καίρια.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὡς δὴ σὺ βραχέα, ταῦτα δ᾽ ἐν καιρῷ λέγεις.

ΚΡΈΩΝ

οὐ δῆθ᾽ ὅτῳ γε νοῦς ἴσος καὶ σοὶ πάρα.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἄπελθ᾽, ἐρῶ γὰρ καὶ πρὸ τῶνδε, μηδέ με
φύλασσ᾽ ἐφορμῶν ἔνθα χρὴ ναίειν ἐμέ.

ΚΡΈΩΝ

μαρτύρομαι τούσδ᾽, οὐ σέ· πρὸς δὲ τοὺς φίλους
οἷ᾽ ἀνταμείβει ῥήματ᾽, ἤν σ᾽ ἔλω ποτέ

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

τίς δ᾽ ἄν με τῶνδε συμμάχων ἕλοι βίᾳ;

ΚΡΈΩΝ

ἦ μὴν σὺ κἄνευ τοῦδε λυπηθεὶς ἔσει.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ποίῳ σὺν ἔργῳ τοῦτ᾽ ἀπειλήσας ἔχεις;

ΚΡΈΩΝ

παίδοιν δυοῖν σοι τὴν μὲν ἀρτίως ἐγὼ
ξυναρπάσας ἔπεμψα, τὴν δ᾽ ἄξω τάχα.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

οἴμοι.

ΚΡΈΩΝ

--τάχ᾽ ἔξεις μᾶλλον οἰμώζειν τάδε.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

τὴν παῖδ᾽ ἔχεις μου;

ΚΡΈΩΝ

--τήνδε τ᾽ οὐ μακροῦ χρόνου.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἰὼ ξένοι, τί δράσετ᾽; ἦ προδώσετε,
κοὐκ ἐξελᾶτε τὸν ἀσεβῆ τῆσδε χθονός;

ΧΟΡΌΣ

χώρει, ξέν᾽, ἔξω θᾶσσον. οὔτε γὰρ τὰ νῦν
δίκαια πράσσεις οὔθ᾽ ἃ πρόσθεν εἴργασαι.

ΚΡΈΩΝ

ὑμῖν ἂν εἴη τήνδε καιρὸς ἐξάγειν
ἄκουσαν, εἰ θέλουσα μὴ πορεύεται.

ΆΝΤΙΓΟΝΗ

οἴμοι τάλαινα, ποῖ φύγω; ποίαν λάβω
θεῶν ἄρηξιν ἢ βροτῶν;

ΧΟΡΌΣ

--τί δρᾷς, ξένε;

ΚΡΈΩΝ

οὐχ ἅψομαι τοῦδ᾽ ἀνδρός, ἀλλὰ τῆς ἐμῆς.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ γῆς ἄνακτες.

ΧΟΡΌΣ

--ὦ ξέν᾽, οὐ δίκαια δρᾷς.

ΚΡΈΩΝ

δίκαια.

ΧΟΡΌΣ

πῶς δίκαια;

ΚΡΕΩΝ

--τοὺς ἐμοὺς ἄγω.

ΟΙΔΙΠΟΥΣ

ἰὼ πόλις.

ΧΟΡΟΣ

τί δρᾷς, ὦ ξέν᾽; οὐκ ἀφήσεις; τάχ᾽ εἰς βάσανον εἶ χερῶν. 835

ΚΡΕΩΝ

εἴργου.

ΧΟΡΟΣ

--σοῦ μὲν οὔ, τάδε γε μωμένου.

ΚΡΕΩΝ

πόλει μαχεῖ γάρ, εἴ τι πημανεῖς ἐμέ.

ΟΙΔΙΠΟΥΣ

οὐκ ἠγόρευον ταῦτ᾽ ἐγώ;

ΧΟΡΟΣ

--μέθες χεροῖν
τὴν παῖδα θᾶσσον.

ΚΡΕΩΝ

--μὴ ᾽πίτασσ᾽ ἃ μὴ κρατεῖς.

ΧΟΡΌΣ

χαλᾶν λέγω σοι.

ΚΡΈΩΝ

--σοὶ δ᾽ ἔγωγ᾽ ὁδοιπορεῖν.

ΧΟΡΌΣ

πρόβαθ᾽ ὧδε, βᾶτε βᾶτ᾽, ἔντοποι·
πόλις ἐναίρεται, πόλις ἐμά, σθένει· πρόβαθ᾽ ὧδέ μοι.

ΆΝΤΙΓΌΝΗ

ἀφέλκομαι δύστηνος, ὦ ξένοι ξένοι.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ποῦ, τέκνον, εἴ μοι;

ΆΝΤΙΓΌΝΗ

--πρὸς βίαν πορεύομαι.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὄρεξον, ὦ παῖ, χεῖρας.

ΆΝΤΙΓΌΝΗ

--ἀλλ᾽ οὐδὲν σθένω.

ΚΡΈΩΝ

οὐκ ἄξεθ᾽ ὑμεῖς;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

--ὦ τάλας ἐγώ, τάλας.

ΚΡΈΩΝ

οὔκουν ποτ᾽ ἐκ τούτοιν γε μὴ σκήπτροιν ἔτι
ὁδοιπορήσῃς· ἀλλ᾽ ἐπεὶ νικᾶν θέλεις
πατρίδα τε τὴν σὴν καὶ φίλους, ὑφ᾽ ὧν ἐγὼ
ταχθεὶς τάδ᾽ ἔρδω, καὶ τύραννος ὢν ὅμως,
νίκα. χρόνῳ γάρ, οἶδ᾽ ἐγώ, γνώσει τάδε,
ὁθούνεκ᾽ αὐτὸς αὑτὸν οὔτε νῦν καλὰ
δρᾷς οὔτε πρόσθεν εἰργάσω βίᾳ φίλων,
ὀργῇ χάριν δούς, ἥ σ᾽ ἀεὶ λυμαίνεται.

ΧΟΡΌΣ

ἐπίσχες αὐτοῦ, ξεῖνε.

ΚΡΈΩΝ

--μὴ ψαύειν λέγω.

ΧΟΡΌΣ

οὔτοι σ᾽ ἀφήσω, τῶνδέ γ᾽ ἐστερημένος.

ΚΡΈΩΝ

καὶ μεῖζον ἆρα ῥύσιον πόλει τάχα
θήσεις· ἐφάψομαι γὰρ οὐ ταύταιν μόναιν.

ΧΟΡΌΣ

ἀλλ᾽ ἐς τί τρέψει;

ΚΡΕΩΝ

--τόνδ᾽ ἀπάξομαι λαβών.

ΧΟΡΟΣ

δεινὸν λέγοις ἄν.

ΚΡΕΩΝ

--τοῦτο νῦν πεπράξεται.

ΧΟΡΟΣ

ἦν μή σ᾽ ὁ κραίνων τῆσδε γῆς ἀπειργάθῃ.

ΟΙΔΙΠΟΥΣ

ὦ φθέγμ᾽ ἀναιδές, ἦ σὺ γὰρ ψαύσεις ἐμοῦ;

ΚΡΕΩΝ

αὐδῶ σιωπᾶν.

ΟΙΔΙΠΟΥΣ

--μὴ γὰρ αἵδε δαίμονες
θεῖέν μ᾽ ἄφωνον τῆσδε τῆς ἀρᾶς ἔτι,
ὅς μ᾽, ὦ κάκιστε, ψιλὸν ὄμμ᾽ ἀποσπάσας
πρὸς ὄμμασιν τοῖς πρόσθεν ἐξοίχει βίᾳ.
τοιγὰρ σέ τ᾽ αὐτὸν καὶ γένος τὸ σὸν θεῶν
ὁ πάντα λεύσσων Ἥλιος δοίη βίον
τοιοῦτον οἷον κἀμὲ γηρᾶναί ποτε.

ΚΡΈΩΝ

ὁρᾶτε ταῦτα, τῆσδε γῆς ἐγχώριοι;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὁρῶσι κἀμὲ καὶ σέ, καὶ φρονοῦσ᾽ ὅτι
ἔργοις πεπονθὼς ῥήμασίν σ᾽ ἀμύνομαι.

ΚΡΈΩΝ

οὔτοι καθέξω θυμόν, ἀλλ᾽ ἄξω βίᾳ
κεἰ μοῦνός εἰμι τόνδε καὶ χρόνῳ βραδύς.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἰὼ τάλας.

ΧΟΡΌΣ

ὅσον λῆμ᾽ ἔχων ἀφίκου, ξέν᾽, εἰ τάδε δοκεῖς τελεῖν.

ΚΡΈΩΝ

δοκῶ.

ΧΟΡΌΣ

--τάνδ᾽ ἄρ᾽ οὐκέτι νεμῶ πόλιν.

ΚΡΈΩΝ

τοῖς τοι δικαίοις χὠ βραχὺς νικᾷ μέγαν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἀκούεθ᾽ οἷα φθέγγεται;

ΧΟΡΌΣ

--τά γ᾽ οὐ τελεῖ.
[ἴστω μέγας Ζεύς.]

ΚΡΈΩΝ

--Ζεύς γ᾽ ἂν εἰδείη, σὺ δ᾽ οὔ.

ΧΟΡΌΣ

ἆρ᾽ οὐχ ὕβρις τάδ᾽;

ΚΡΈΩΝ

--ὕβρις, ἀλλ᾽ ἀνεκτέα.

ΧΟΡΌΣ

ἰὼ πᾶς λεώς, ἰὼ γᾶς πρόμοι,
μόλετε σὺν τάχει, μόλετ᾽, ἐπεὶ πέραν περῶσ᾽ οἵδε δή.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

τίς ποθ᾽ ἡ βοή; τί τοὔργον; ἐκ τίνος φόβου ποτὲ
βουθυτοῦντά μ᾽ ἀμφὶ βωμὸν ἔσχετ᾽ ἐναλίῳ θεῷ
τοῦδ᾽ ἐπιστάτῃ Κολωνοῦ; λέξαθ᾽, ὡς εἰδῶ τὸ πᾶν,
οὗ χάριν δεῦρ᾽ ᾖξα θᾶσσον ἢ καθ᾽ ἡδονὴν ποδός.
ὦ φίλτατ᾽, ἔγνων γὰρ τὸ προσφώνημά σου,
πέπονθα δεινὰ τοῦδ᾽ ὑπ᾽ ἀνδρὸς ἀρτίως.

ΘΗΣΕΎΣ

τὰ ποῖα ταῦτα, τίς δ᾽ ὁ πημήνας; λέγε.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

Κρέων ὅδ᾽, ὃν δέδορκας, οἴχεται τέκνων
ἀποσπάσας μου τὴν μόνην ξυνωρίδα.

ΘΗΣΕΎΣ

πῶς εἶπας;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

--οἷά περ πέπονθ᾽ ἀκήκοας.

ΘΗΣΕΎΣ

οὔκουν τις ὡς τάχιστα προσπόλων μολὼν
πρὸς τούσδε βωμούς, πάντ᾽ ἀναγκάσει λεὼν
ἄνιππον ἱππότην τε θυμάτων ἄπο
σπεύδειν ἀπὸ ῥυτῆρος, ἔνθα δίστομοι
μάλιστα συμβάλλουσιν ἐμπόρων ὁδοί,
ὡς μὴ παρέλθωσ᾽ αἱ κόραι, γέλως δ᾽ ἐγὼ
ξένῳ γένωμαι τῷδε, χειρωθεὶς βίᾳ.
ἴθ᾽, ὡς ἄνωγα, σὺν τάχει. τοῦτον δ᾽ ἐγώ,
εἰ μὲν δι᾽ ὀργῆς ἦκον, ἧς ὅδ᾽ ἄξιος,
ἄτρωτον οὐ μεθῆκ᾽ ἂν ἐξ ἐμῆς χερός.
νῦν δ᾽ οὕσπερ αὐτὸς τοὺς νόμους εἰσῆλθ᾽ ἔχων,
τούτοισι κοὐκ ἄλλοισιν ἁρμοσθήσεται.
οὐ γάρ ποτ᾽ ἔξει τῆσδε τῆς χώρας, πρὶν ἂν
κείνας ἐναργεῖς δεῦρό μοι στήσῃς ἄγων·
ἐπεὶ δέδρακας οὔτ᾽ ἐμοῦ καταξίως
οὔθ᾽ ὧν πέφυκας αὐτὸς οὔτε σῆς χθονός·
ὅστις δίκαι᾽ ἀσκοῦσαν εἰσελθὼν πόλιν
κἄνευ νόμου κραίνουσαν οὐδέν, εἶτ᾽ ἀφεὶς
τὰ τῆσδε τῆς γῆς κύρι᾽, ὦδ᾽ ἐπεισπεσὼν
ἄγεις θ᾽ ἃ χρῄζεις καὶ παρίστασαι βίᾳ,
καί μοι πόλιν κένανδρον ἢ δούλην τινὰ
ἔδοξας εἶναι κἄμ᾽ ἴσον τῷ μηδενί.

καίτοι σε Θῆβαί γ᾽ οὐκ ἐπαίδευσαν κακόν·
οὐ γὰρ φιλοῦσιν ἄνδρας ἐκδίκους τρέφειν,
οὐδ᾽ ἄν σ᾽ ἐπαινέσειαν, εἰ πυθοίατο
συλῶντα τἀμὰ καὶ τὰ τῶν θεῶν, βίᾳ
ἄγοντα φωτῶν ἀθλίων ἱκτήρια.
οὔκουν ἔγωγ᾽ ἂν σῆς ἐπεμβαίνων χθονός,
οὐδ᾽ εἰ τὰ πάντων εἶχον ἐνδικώτατα,
ἄνευ γε τοῦ κραίνοντος, ὅστις ἦν, χθονὸς
οὔθ᾽ εἷλκον οὔτ᾽ ἂν ἦγον, ἀλλ᾽ ἠπιστάμην
ξένον παρ᾽ ἀστοῖς ὡς διαιτᾶσθαι χρεών.
σὺ δ᾽ ἀξίαν οὐκ οὖσαν αἰσχύνεις πόλιν
τὴν αὐτὸς αὑτοῦ, καί σ᾽ ὁ πληθύων χρόνος
γέρονθ᾽ ὁμοῦ τίθησι καὶ τοῦ νοῦ κενόν.
εἶπον μὲν οὖν καὶ πρόσθεν, ἐννέπω δὲ νῦν,
τὰς παῖδας ὡς τάχιστα δεῦρ᾽ ἄγειν τινά,
εἰ μὴ μέτοικος τῆσδε τῆς χώρας θέλεις
εἶναι βίᾳ τε κοὐχ ἑκών· καὶ ταῦτά σοι
τῷ νῷ θ᾽ ὁμοίως κἀπὸ τῆς γλώσσης λέγω.

ΧΟΡΌΣ

ὁρᾷς ἵν᾽ ἥκεις, ὦ ξέν᾽; ὡς ἀφ᾽ ὧν μὲν εἰ
φαίνει δίκαιος, δρῶν δ᾽ ἐφευρίσκει κακά.

ΚΡΈΩΝ

ἐγὼ οὔτ᾽ ἄνανδρον τήνδε τὴν πόλιν νέμων,
ὦ τέκνον Αἰγέως, οὔτ᾽ ἄβουλον, ὡς σὺ φῄς,
τοὔργον τόδ᾽ ἐξέπραξα, γιγνώσκων δ᾽ ὅτι
οὐδείς ποτ᾽ αὐτοὺς τῶν ἐμῶν ἂν ἐμπέσοι
ζῆλος ξυναίμων, ὥστ᾽ ἐμοῦ τρέφειν βίᾳ.
ᾔδη δ᾽ ὀθούνεκ᾽ ἄνδρα καὶ πατροκτόνον
κἄναγνον οὐ δεξοίατ᾽, οὐδ᾽ ὅτῳ γάμοι
ξυνόντες ηὑρέθησαν ἀνόσιοι τέκνων.
τοιοῦτον αὐτοῖς Ἄρεος εὔβουλον πάγον

ἐγὼ ξυνῄδη χθόνιον ὄνθ᾽, ὃς οὐκ ἐᾷ
τοιούσδ᾽ ἀλήτας τῇδ᾽ ὁμοῦ ναίειν πόλει·
ᾧ πίστιν ἴσχων τήνδ᾽ ἐχειρούμην ἄγραν.
καὶ ταῦτ᾽ ἂν οὐκ ἔπρασσον, εἰ μή μοι πικρὰς
αὐτῷ τ᾽ ἀρὰς ἠρᾶτο καὶ τὠμῷ γένει·
ἀνθ᾽ ὧν πεπονθὼς ἠξίουν τάδ᾽ ἀντιδρᾶν.
θυμοῦ γὰρ οὐδὲν γῆράς ἐστιν ἄλλο πλὴν
θανεῖν· θανόντων δ᾽ οὐδὲν ἄλγος ἅπτεται.
πρὸς ταῦτα πράξεις οἷον ἂν θέλῃς· ἐπεὶ
ἐρημία με, κεἰ δίκαι᾽, ὅμως λέγω,
σμικρὸν τίθησι· πρὸς δὲ τὰς πράξεις ὅμως,
καὶ τηλικόσδ᾽ ὤν, ἀντιδρᾶν πειράσομαι.

ΟΙΔΙΠΟΥΣ

ὦ λῆμ᾽ ἀναιδές, τοῦ καθυβρίζειν δοκεῖς,
πότερον ἐμοῦ γέροντος ἢ σαυτοῦ, τόδε;
ὅστις φόνους μοι καὶ γάμους καὶ συμφορὰς
τοῦ σοῦ διῆκας στόματος, ἃς ἐγὼ τάλας
ἤνεγκον ἄκων· θεοῖς γὰρ ἦν οὕτω φίλον,
τάχ᾽ ἄν τι μηνίουσιν εἰς γένος πάλαι.
ἐπεὶ καθ᾽ αὑτόν γ᾽ οὐκ ἂν ἐξεύροις ἐμοὶ
ἁμαρτίας ὄνειδος οὐδέν, ἀνθ᾽ ὅτου
τάδ᾽ εἰς ἐμαυτὸν τοὺς ἐμούς θ᾽ ἡμάρτανον.
ἐπεὶ δίδαξον, εἴ τι θέσφατον πατρὶ
χρησμοῖσιν ἱκνεῖθ᾽ ὥστε πρὸς παίδων θανεῖν,
πῶς ἂν δικαίως τοῦτ᾽ ὀνειδίζοις ἐμοί,
ὃς οὔτε βλάστας πω γενεθλίους πατρός,
οὐ μητρὸς εἶχον, ἀλλ᾽ ἀγέννητος τότ᾽ ἦ;
εἰ δ᾽ αὖ φανεὶς δύστηνος, ὡς ἐγὼ ᾽φάνην,
ἐς χεῖρας ἦλθον πατρὶ καὶ κατέκτανον,
μηδὲν ξυνιεὶς ὧν ἔδρων εἰς οὕς τ᾽ ἔδρων,
πῶς ἂν τό γ᾽ ἄκον πρᾶγμ᾽ ἂν εἰκότως ψέγοις;
μητρὸς δέ, τλῆμον, οὐκ ἐπαισχύνει γάμους
οὔσης ὁμαίμου σῆς μ᾽ ἀναγκάζων λέγειν,

οἵους ἐρῶ τάχ᾽· οὐ γὰρ οὖν σιγήσομαι,
σοῦ γ᾽ εἰς τόδ᾽ ἐξελθόντος ἀνόσιον στόμα.
ἔτικτε γάρ μ᾽ ἔτικτεν, ὤμοι μοι κακῶν,
οὐκ εἰδότ᾽ οὐκ εἰδυῖα, καὶ τεκοῦσά με,
αὐτῆς ὄνειδος παῖδας ἐξέφυσέ μοι.
ἀλλ᾽ ἢν γὰρ οὖν ἔξοιδα, σὲ μὲν ἑκόντ᾽ ἐμὲ
κείνην τε ταῦτα δυσστομεῖν· ἐγὼ δέ νιν
ἄκων ἔγημα φθέγγομαί τ᾽ ἄκων τάδε.
ἀλλ᾽ οὐ γὰρ οὔτ᾽ ἐν τοῖσδ᾽ ἁλώσομαι κακὸς
γάμοισιν οὔθ᾽ οὓς αἰὲν ἐμφορεῖς σύ μοι
φόνους πατρῴους ἐξονειδίζων πικρῶς.
ἢν γάρ μ᾽ ἄμειψαι μοῦνον ὧν σ᾽ ἀνιστορῶ.
εἴ τις σὲ τὸν δίκαιον αὐτίκ᾽ ἐνθάδε
κτείνοι παραστάς, πότερα πυνθάνοι᾽ ἂν εἰ
πατήρ σ᾽ ὁ καίνων ἢ τίνοι᾽ ἂν εὐθέως;
δοκῶ μέν, εἴπερ ζῆν φιλεῖς, τὸν αἴτιον
τίνοι᾽ ἂν οὐδὲ τοὔνδικον περιβλέποις.
τοιαῦτα μέντοι καὐτὸς εἰσέβην κακά,
θεῶν ἀγόντων· οἷς ἐγὼ οὐδὲ τὴν πατρὸς
ψυχὴν ἂν οἶμαι ζῶσαν ἀντειπεῖν ἐμοί.
σὺ δ᾽, εἶ γὰρ οὐ δίκαιος, ἀλλ᾽ ἅπαν καλὸν
λέγειν νομίζων ῥητὸν ἄρρητόν τ᾽ ἔπος,
τοιαῦτ᾽ ὀνειδίζεις με τῶνδ᾽ ἐναντίον.
καί σοι τὸ Θησέως ὄνομα θωπεῦσαι καλόν,
καὶ τὰς Ἀθήνας, ὡς κατῴκηνται καλῶς·
κᾆθ᾽ ὧδ᾽ ἐπαινῶν πολλὰ τοῦδ᾽ ἐκλανθάνει,
ὀθούνεκ᾽ εἴ τις γῆ θεοὺς ἐπίσταται
τιμαῖς σεβίζειν, ἥδε τοῦθ᾽ ὑπερφέρει·
ἀφ᾽ ἧς σὺ κλέψας τὸν ἱκέτην γέροντ᾽ ἐμὲ
αὐτόν τ᾽ ἐχειροῦ τὰς κόρας τ᾽ οἴχει λαβών.
ἀνθ᾽ ὧν ἐγὼ νῦν τάσδε τὰς θεὰς ἐμοὶ
καλῶν ἱκνοῦμαι καὶ κατασκήπτω λιταῖς
ἐλθεῖν ἀρωγοὺς ξυμμάχους θ᾽, ἵν᾽ ἐκμάθῃς
οἵων ὑπ᾽ ἀνδρῶν ἥδε φρουρεῖται πόλις.

ΧΟΡΌΣ

ὁ ξεῖνος, ὦναξ, χρηστός· αἱ δὲ συμφοραὶ
αὐτοῦ πανώλεις, ἄξιαι δ᾽ ἀμυναθεῖν.

ΘΗΣΕΎΣ

ἅλις λόγων, ὡς οἱ μὲν ἐξειργασμένοι
σπεύδουσιν, ἡμεῖς δ᾽ οἱ παθόντες ἔσταμεν.

ΚΡΈΩΝ

τί δῆτ᾽ ἀμαυρῷ φωτὶ προστάσσεις ποεῖν;

ΘΗΣΕΎΣ

ὁδοῦ κατάρχειν τῆς ἐκεῖ, πομπὸν δέ με
χωρεῖν, ἵν᾽, εἰ μὲν ἐν τόποισι τοῖσδ᾽ ἔχεις
τὰς παῖδας ἡμῖν αὐτὸς ἐκδείξῃς ἐμοί·
εἰ δ᾽ ἐγκρατεῖς φεύγουσιν, οὐδὲν δεῖ πονεῖν.
ἄλλοι γὰρ οἱ σπεύδοντες, οὓς οὐ μή ποτε
χώρας φυγόντες τῆσδ᾽ ἐπεύξωνται θεοῖς.
ἀλλ᾽ ἐξυφηγοῦ· γνῶθι δ᾽ ὡς ἔχων ἔχει
καί σ᾽ εἶλε θηρῶνθ᾽ ἡ τύχη· τὰ γὰρ δόλῳ
τῷ μὴ δικαίῳ κτήματ᾽ οὐχὶ σῴζεται.
κοὐκ ἄλλον ἕξεις εἰς τάδ᾽· ὡς ἔξοιδά σε
οὐ ψιλὸν οὐδ᾽ ἄσκευον ἐς τοσήνδ᾽ ὕβριν
ἥκοντα τόλμης τῆς παρεστώσης τανῦν,
ἀλλ᾽ ἔσθ᾽ ὅτῳ σὺ πιστὸς ὢν ἔδρας τάδε.
ἃ δεῖ μ᾽ ἀθρῆσαι, μηδὲ τήνδε τὴν πόλιν
ἑνὸς ποῆσαι φωτὸς ἀσθενεστέραν.
νοεῖς τι τούτων, ἢ μάτην τὰ νῦν τέ σοι
δοκεῖ λελέχθαι χὥτε ταῦτ᾽ ἐμηχανῶ;

ΚΡΈΩΝ

οὐδὲν σὺ μεμπτὸν ἐνθάδ᾽ ὧν ἐρεῖς ἐμοί·
οἴκοι δὲ χἠμεῖς εἰσόμεσθ᾽ ἃ χρὴ ποεῖν.

ΘΗΣΕΎΣ

χωρῶν ἀπείλει νῦν· σὺ δ᾽ ἡμίν, Οἰδίπους,
ἔκηλος αὐτοῦ μίμνε, πιστωθεὶς ὅτι,
ἢν μὴ θάνω ᾽γὼ πρόσθεν, οὐχὶ παύσομαι
πρὶν ἄν σε τῶν σῶν κύριον στήσω τέκνων.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὄναιο, Θησεῦ, τοῦ τε γενναίου χάριν
καὶ τῆς πρὸς ἡμᾶς ἐνδίκου προμηθίας.
εἴην ὅθι δαΐων
ἀνδρῶν τάχ᾽ ἐπιστροφαὶ
τὸν χαλκοβόαν Ἄρη
μείξουσιν, ἢ πρὸς Πυθίαις
ἢ λαμπάσιν ἀκταῖς,
οὗ πότνιαι σεμνὰ τιθηνοῦνται τέλη
θνατοῖσιν, ὧν καὶ χρυσέα
κλῃὶς ἐπὶ γλώσσᾳ βέβακε
προσπόλων Εὐμολπιδᾶν·
ἔνθ᾽ οἶμαι τὸν ἐγρεμάχαν
Θησέα καὶ τὰς διστόλους
ἀδμῆτας ἀδελφὰς
αὐτάρκει τάχ᾽ ἐμμίξειν βοᾷ
τούσδ᾽ ἀνὰ χώρους·

ΧΟΡΌΣ

ἤ που τὸν ἐφεσπέρου
πέτρας νιφάδος πελῶσ᾽
Οἰάτιδος εἰς νόμον,
πώλοισιν ἢ ῥιμφαρμάτοις

φεύγοντες ἁμίλλαις.
ἁλώσεται· δεινὸς ὁ προσχώρων Ἄρης,
δεινὰ δὲ Θησειδᾶν ἀκμά.
πᾶς γὰρ ἀστράπτει χαλινός,
πᾶσα δ᾽ ὁρμᾶται καθεῖσ᾽
ἀμπυκτήρια στομίων
ἄμβασις, οἳ τὰν ἱππίαν
τιμῶσιν Ἀθάναν
καὶ τὸν πόντιον γαιάοχον
῾Ρέας φίλον υἱόν.
ἔρδουσ᾽ ἢ μέλλουσιν; ὡς
προμνᾶταί τί μοι
γνώμα τάχ᾽ ἀντάσειν
τᾶν δεινὰ τλασᾶν, δεινὰ δ᾽ εὑρουσᾶν πρὸς αὐθαίμων πάθη.
τελεῖ τελεῖ Ζεύς τι κατ᾽ ἆμαρ
μάντις εἶμ᾽ ἐσθλῶν ἀγώνων.
εἴθ᾽ ἀελλαία ταχύρρωστος πελειὰς
αἰθερίας νεφέλας κύρσαιμ᾽ ἄνωθ᾽ ἀγώνων
αἰωρήσασα τοὐμὸν ὄμμα.
ἰὼ θεῶν πάνταρχε, παντ-
όπτα Ζεῦ, πόροις
γᾶς τᾶσδε δαμούχοις
σθένει ᾽πινικείῳ τὸν εὔαγρον τελειῶσαι λόχον,
σεμνά τε παῖς Παλλὰς Ἀθάνα.
καὶ τὸν ἀγρευτὰν Ἀπόλλω
καὶ κασιγνήταν πυκνοστίκτων ὀπαδὸν
ὠκυπόδων ἐλάφων στέργω διπλᾶς ἀρωγὰς
μολεῖν γᾷ τᾷδε καὶ πολίταις.
ὦ ξεῖν᾽ ἀλῆτα, τῷ σκοπῷ μὲν οὐκ ἐρεῖς
ὡς ψευδόμαντις· τὰς κόρας γὰρ εἰσορῶ
τάσδ᾽ ἆσσον αὖθις ὧδε προσπολουμένας.

ΟΙΔΙΠΟΥΣ

ποῦ ποῦ; τί φής; πῶς εἶπας;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--ὦ πάτερ πάτερ,
τίς ἂν θεῶν σοι τόνδ᾽ ἄριστον ἄνδρ᾽ ἰδεῖν
δοίη, τὸν ἡμᾶς δεῦρο προσπέμψαντά σοι;

Ο᾽ΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ τέκνον, ἦ πάρεστον;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--αἵδε γὰρ χέρες
Θησέως ἔσωσαν φιλτάτων τ᾽ ὀπαόνων.

Ο᾽ΙΔΊΠΟΥΣ

προσέλθετ᾽ ὦ παῖ, πατρὶ καὶ τὸ μηδαμὰ
ἐλπισθὲν ἥξειν σῶμα βαστάσαι δότε.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

αἰτεῖς ἃ τεύξει· σὺν πόθῳ γὰρ ἡ χάρις.

Ο᾽ΙΔΊΠΟΥΣ

ποῦ δῆτα, ποῦ ᾽στόν;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--αἵδ᾽ ὁμοῦ πελάζομεν.

Ο᾽ΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ φίλτατ᾽ ἔρνη.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--τῷ τεκόντι πᾶν φίλον.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὦ σκῆπτρα φωτός.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--δυσμόρου γε δύσμορα.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἔχω τὰ φίλτατ᾽, οὐδ᾽ ἔτ᾽ ἂν πανάθλιος
θανὼν ἂν εἴην σφῷν παρεστώσαιν ἐμοί.
ἐρείσατ᾽, ὦ παῖ, πλευρὸν ἀμφιδέξιον
ἐμφύντε τῷ φύσαντι, κἀναπαύσατον
τοῦ πρόσθ᾽ ἐρήμου τοῦδε δυστήνου πλάνου.
καί μοι τὰ πραχθέντ᾽ εἴπαθ᾽ ὡς βράχιστ᾽, ἐπεὶ
ταῖς τηλικαῖσδε σμικρὸς ἐξαρκεῖ λόγος.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

ὅδ᾽ ἔσθ᾽ ὁ σώσας· τοῦδε χρὴ κλύειν, πάτερ,
οὗ κἄστι τοὔργον· τοὐμὸν ὧδ᾽ ἔσται βραχύ.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ὦ ξεῖνε, μὴ θαύμαζε, πρὸς τὸ λιπαρὲς
τέκν᾽ εἰ φανέντ᾽ ἄελπτα μηκύνω λόγον.
ἐπίσταμαι γὰρ τήνδε τὴν ἐς τάσδε μοι
τέρψιν παρ᾽ ἄλλου μηδενὸς πεφασμένην·
σὺ γάρ νιν ἐξέσωσας, οὐκ ἄλλος βροτῶν.
καί σοι θεοὶ πόροιεν ὡς ἐγὼ θέλω,
αὐτῷ τε καὶ γῇ τῇδ᾽, ἐπεὶ τό γ᾽ εὐσεβὲς

μόνοις παρ᾽ ὑμῖν ηὗρον ἀνθρώπων ἐγὼ
καὶ τοὐπιεικὲς καὶ τὸ μὴ ψευδοστομεῖν.
εἰδὼς δ᾽ ἀμύνω τοῖσδε τοῖς λόγοις τάδε·
ἔχω γὰρ ἄχω διὰ σὲ κοὐκ ἄλλον βροτῶν·
καί μοι χέρ᾽, ὦναξ, δεξιὰν ὄρεξον, ὡς
ψαύσω φιλήσω τ᾽, εἰ θέμις, τὸ σὸν κάρα.
καίτοι τί φωνῶ; πῶς σ᾽ ἂν ἄθλιος γεγὼς
θιγεῖν θελήσαιμ᾽ ἀνδρός, ᾧ τίς οὐκ ἔνι
κηλὶς κακῶν ξύνοικος; οὐκ ἔγωγέ σε,
οὐδ᾽ οὖν ἐάσω· τοῖς γὰρ ἐμπείροις βροτῶν
μόνοις οἷόν τε συνταλαιπωρεῖν τάδε.
σὺ δ᾽ αὐτόθεν μοι χαῖρε καὶ τὰ λοιπά μου
μέλου δικαίως, ὥσπερ ἐς τόδ᾽ ἡμέρας.

ΘΗΣΕΎΣ

οὔτ᾽ εἴ τι μῆκος τῶν λόγων ἔθου πλέον,
τέκνοισι τερφθεὶς τοῖσδε, θαυμάσας ἔχω,
οὔτ᾽ εἰ πρὸ τοὐμοῦ προύλαβες τὰ τῶνδ᾽ ἔπη.
βάρος γὰρ ἡμᾶς οὐδὲν ἐκ τούτων ἔχει.
οὐ γὰρ λόγοισι τὸν βίον σπουδάζομεν
λαμπρὸν ποεῖσθαι μᾶλλον ἢ τοῖς δρωμένοις.
δείκνυμι δ᾽· ὧν γὰρ ὤμοσ᾽ οὐκ ἐψευσάμην
οὐδέν σε, πρέσβυ· τάσδε γὰρ πάρειμ᾽ ἄγων
ζώσας, ἀκραιφνεῖς τῶν κατηπειλημένων.
χὥπως μὲν ἀγὼν ᾑρέθη, τί δεῖ μάτην
κομπεῖν, ἅ γ᾽ εἴσει καὐτὸς ἐκ ταύταιν ξυνών;
λόγος δ᾽ ὃς ἐμπέπτωκεν ἀρτίως ἐμοὶ
στείχοντι δεῦρο, συμβαλοῦ γνώμην, ἐπεὶ
σμικρὸς μὲν εἰπεῖν, ἄξιος δὲ θαυμάσαι·
πρᾶγος δ᾽ ἀτίζειν οὐδὲν ἄνθρωπον χρεών.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τί δ᾽ ἔστι, τέκνον Αἰγέως; δίδασκέ με

ὡς μὴ εἰδότ᾽ αὐτὸν μηδὲν ὧν σὺ πυνθάνει.

ΘΗΣΕΎΣ

φασίν τιν᾽ ἡμῖν ἄνδρα, σοὶ μὲν ἔμπολιν
οὐκ ὄντα, συγγενῆ δέ, προσπεσόντα πως
βωμῷ καθῆσθαι τῷ Ποσειδῶνος, παρ᾽ ᾧ
θύων ἔκυρον, ἡνίχ᾽ ὡρμώμην ἐγώ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ποδαπόν; τί προσχρῄζοντα τῷ θακήματι·

ΘΗΣΕΎΣ

οὐκ οἶδα πλὴν ἕν· σοῦ γάρ, ὡς λέγουσί μοι,
βραχύν τιν᾽ αἰτεῖ μῦθον οὐκ ὄγκου πλέων.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ποῖόν τιν᾽; οὐ γὰρ ἥδ᾽ ἕδρα σμικροῦ λόγου.
σοὶ φασὶν αὐτὸν ἐς λόγους ἐλθεῖν μόνον
αἰτεῖν ἀπελθεῖν τ᾽ ἀσφαλῶς τῆς δεῦρ᾽ ὁδοῦ.
τίς δῆτ᾽ ἂν εἴη τήνδ᾽ ὁ προσθακῶν ἕδραν;

ΘΗΣΕΎΣ

ὅρα κατ᾽ Ἄργος εἴ τις ὑμὶν ἐγγενὴς
ἔσθ᾽, ὅστις ἄν σου τοῦτο προσχρῄζοι τυχεῖν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ φίλτατε, σχὲς οὗπερ εἶ.

ΘΗΣΕΎΣ

--τί δ᾽ ἔστι σοι;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

μή μου δεηθῇς.

ΘΗΣΕΎΣ

--πράγματος ποίου; λέγε.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἔξοιδ᾽ ἀκούων τῶνδ᾽ ὅς ἐσθ᾽ ὁ προστάτης.

ΘΗΣΕΎΣ

καὶ τίς ποτ᾽ ἐστὶν ὅν γ᾽ ἐγὼ ψέξαιμί τι;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

παῖς οὑμός, ὦναξ, στυγνός, οὗ λόγων ἐγὼ
ἄλγιστ᾽ ἂν ἀνδρῶν ἐξανασχοίμην κλύων.

ΘΗΣΕΎΣ

τί δ᾽; οὐκ ἀκούειν ἔστι καὶ μὴ δρᾶν ἃ μὴ
χρῄζεις; τί σοι τοῦτ᾽ ἐστὶ λυπηρὸν κλύειν;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἔχθιστον, ὦναξ, φθέγμα τοῦθ᾽ ἥκει πατρί·
καὶ μή μ᾽ ἀνάγκῃ προσβάλῃς τάδ᾽ εἰκαθεῖν.

ΘΗΣΕΎΣ

ἀλλ᾽ εἰ τὸ θάκημ᾽ ἐξαναγκάζει, σκόπει
μή σοι πρόνοι᾽ ᾖ τοῦ θεοῦ φυλακτέα.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

πάτερ, πιθοῦ μοι, κεἰ νέα παραινέσω.
τὸν ἄνδρ᾽ ἔασον τόνδε τῇ θ᾽ αὑτοῦ φρενὶ
χάριν παρασχεῖν τῷ θεῷ θ᾽ ἃ βούλεται,
καὶ νῷν ὕπεικε τὸν κασίγνητον μολεῖν.
οὐ γάρ σε, θάρσει, πρὸς βίαν παρασπάσει
γνώμης, ἃ μή σοι συμφέροντα λέξεται.
λόγων δ᾽ ἀκοῦσαι τίς βλάβη; τά τοι κακῶς
ηὑρημέν᾽ ἔργα τῷ λόγῳ μηνύεται.
ἔφυσας αὐτόν· ὥστε μηδὲ δρῶντά σε
τὰ τῶν κακίστων δυσσεβέστατ᾽, ὦ πάτερ,
θέμις σέ γ᾽ εἶναι κεῖνον ἀντιδρᾶν κακῶς.
ἀλλ᾽ ἔασον· εἰσὶ χἀτέροις γοναὶ κακαὶ
καὶ θυμὸς ὀξύς, ἀλλὰ νουθετούμενοι
φίλων ἐπῳδαῖς ἐξεπᾴδονται φύσιν.
σὺ δ᾽ εἰς ἐκεῖνα, μὴ τὰ νῦν, ἀποσκόπει
πατρῷα καὶ μητρῷα πήμαθ᾽ ἅπαθες·
κἂν κεῖνα λεύσσῃς, οἶδ᾽ ἐγώ, γνώσει κακοῦ
θυμοῦ τελευτὴν ὡς κακὴ προσγίγνεται.
ἔχεις γὰρ οὐχὶ βαιὰ τἀνθυμήματα,
τῶν σῶν ἀδέρκτων ὀμμάτων τητώμενος.
ἀλλ᾽ ἡμὶν εἶκε· λιπαρεῖν γὰρ οὐ καλὸν
δίκαια προσχρῄζουσιν, οὐδ᾽ αὐτὸν μὲν εὖ
πάσχειν, παθόντα δ᾽ οὐκ ἐπίστασθαι τίνειν.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

τέκνον, βαρεῖαν ἡδονὴν νικᾶτέ με
λέγοντες· ἔστω δ᾽ οὖν ὅπως ὑμῖν φίλον.
μόνον, ξέν᾽, εἴπερ κεῖνος ὧδ᾽ ἐλεύσεται,
μηδεὶς κρατείτω τῆς ἐμῆς ψυχῆς ποτε.

ΘΗΣΕΎΣ

ἅπαξ τὰ τοιαῦτ᾽, οὐχὶ δὶς χρήζω κλύειν,
ὦ πρέσβυ. κομπεῖν δ᾽ οὐχὶ βούλομαι· σὺ δ᾽ ὢν
σῶς ἴσθ᾽, ἐάν περ κἀμέ τις σῴζῃ θεῶν.

ΧΟΡΌΣ

ὅστις τοῦ πλέονος μέρους χρῄζει τοῦ μετρίου παρεὶς
ζώειν, σκαιοσύναν φυλάσσων
ἐν ἐμοὶ κατάδηλος ἔσται.
ἐπεὶ πολλὰ μὲν αἱ μακραὶ ἁμέραι κατέθεντο δὴ
λύπας ἐγγυτέρω, τὰ τέρποντα δ᾽ οὐκ ἂν ἴδοις ὅπου,
ὅταν τις ἐς πλέον πέσῃ
τοῦ δέοντος· ὁ δ᾽ ἐπίκουρος ἰσοτέλεστος,
Ἄϊδος ὅτε μοῖρ᾽ ἀνυμέναιος
ἄλυρος ἄχορος ἀναπέφηνε,
θάνατος ἐς τελευτάν.
μὴ φῦναι τὸν ἅπαντα νικᾷ λόγον· τὸ δ᾽, ἐπεὶ φανῇ,
βῆναι κεῖθεν ὅθεν περ ἥκει,
πολὺ δεύτερον, ὡς τάχιστα.
ὡς εὖτ᾽ ἂν τὸ νέον παρῇ κούφας ἀφροσύνας φέρον,
τίς πλαγὰ πολύμοχθος ἔξω; τίς οὐ καμάτων ἔνι;
φθόνος, στάσεις, ἔρις, μάχαι
καὶ φόνοι· τό τε κατάμεμπτον ἐπιλέλογχε
πύματον ἀκρατὲς ἀπροσόμιλον
γῆρας ἄφιλον, ἵνα πρόπαντα
κακὰ κακῶν ξυνοικεῖ.
ἐν ᾧ τλάμων ὅδ᾽, οὐκ ἐγὼ μόνος,
πάντοθεν βόρειος ὥς τις
ἀκτὰ κυματοπλὴξ χειμερία κλονεῖται,
ὣς καὶ τόνδε κατ᾽ ἄκρας
δειναὶ κυματοαγεῖς
ἆται κλονέουσιν ἀεὶ ξυνοῦσαι,
αἱ μὲν ἀπ᾽ ἀελίου δυσμᾶν,
αἱ δ᾽ ἀνατέλλοντος·
αἱ δ᾽ ἀνὰ μέσσαν ἀκτῖν᾽,

αἱ δ᾽ ἐννυχιᾶν ἀπὸ ῾Ριπᾶν.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

καὶ μὴν ὅδ᾽ ἡμῖν, ὡς ἔοικεν, ὁ ξένος
ἀνδρῶν γε μοῦνος, ὦ πάτερ, δι᾽ ὄμματος
ἀστακτὶ λείβων δάκρυον ὧδ᾽ ὁδοιπορεῖ.

Ο᾽ΙΔΊΠΟΥΣ

τίς οὗτος;
--ὅνπερ καὶ πάλαι κατείχομεν
γνώμῃ, πάρεστι δεῦρο Πολυνείκης ὅδε.

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

οἴμοι, τί δράσω; πότερα τἀμαυτοῦ κακὰ
πρόσθεν δακρύσω, παῖδες, ἢ τὰ τοῦδ᾽ ὁρῶν
πατρὸς γέροντος; ὃς ξένης ἐπὶ χθονὸς
σὺν σφῷν ἐφηύρηκ᾽ ἐνθάδ᾽ ἐκβεβλημένον
ἐσθῆτι σὺν τοιᾷδε, τῆς ὁ δυσφιλὴς
γέρων γέροντι συγκατῴκηκεν πίνος
πλευρὰν μαραίνων, κρατὶ δ᾽ ὀμματοστερεῖ
κόμῃ δι᾽ αὔρας ἀκτένιστος ᾄσσεται·
ἀδελφὰ δ᾽, ὡς ἔοικε, τούτοισιν φορεῖ
τὰ τῆς ταλαίνης νηδύος θρεπτήρια.
ἁγὼ πανώλης ὄψ᾽ ἄγαν ἐκμανθάνω·
καὶ μαρτυρῶ κάκιστος ἀνθρώπων τροφαῖς
ταῖς σαῖσιν ἥκειν· τἀμὰ μὴ ᾽ξ ἄλλων πύθῃ.
ἀλλ᾽ ἔστι γὰρ καὶ Ζηνὶ σύνθακος θρόνων
Αἰδὼς ἐπ᾽ ἔργοις πᾶσι, καὶ πρὸς σοί, πάτερ,
παρασταθήτω· τῶν γὰρ ἡμαρτημένων
ἄκη μέν ἐστι, προσφορὰ δ᾽ οὐκ ἔστ᾽ ἔτι.
τί σιγᾷς;
φώνησον, ὦ πάτερ, τι· μή μ᾽ ἀποστραφῇς.

οὐδ᾽ ἀνταμείβει μ᾽ οὐδέν, ἀλλ᾽ ἀτιμάσας
πέμψεις ἄναυδος, οὐδ᾽ ἃ μηνίεις φράσας;
ὦ σπέρματ᾽ ἀνδρὸς τοῦδ᾽, ἐμαὶ δ᾽ ὁμαίμονες,
πειράσατ᾽ ἀλλ᾽ ὑμεῖς γε κινῆσαι πατρὸς
τὸ δυσπρόσοιστον κἀπροσήγορον στόμα,
ὡς μή μ᾽ ἄτιμον, τοῦ θεοῦ γε προστάτην,
οὕτως ἀφῇ με μηδὲν ἀντειπὼν ἔπος.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

λέγ᾽, ὦ ταλαίπωρ᾽, αὐτὸς ὢν χρείᾳ πάρει·
τὰ πολλὰ γάρ τοι ῥήματ᾽ ἢ τέρψαντά τι,
ἢ δυσχεράναντ᾽ ἢ κατοικτίσαντά πως,
παρέσχε φωνὴν τοῖς ἀφωνήτοις τινά.

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

ἀλλ᾽ ἐξερῶ· καλῶς γὰρ ἐξηγεῖ σύ μοι·
πρῶτον μὲν αὐτὸν τὸν θεὸν ποιούμενος
ἀρωγόν, ἔνθεν μ᾽ ὧδ᾽ ἀνέστησεν μολεῖν
ὁ τῆσδε τῆς γῆς κοίρανος, διδοὺς ἐμοὶ
λέξαι τ᾽ ἀκοῦσαί τ᾽ ἀσφαλεῖ σὺν ἐξόδῳ.
καὶ ταῦτ᾽ ἀφ᾽ ὑμῶν, ὦ ξένοι, βουλήσομαι
καὶ ταῖνδ᾽ ἀδελφαῖν καὶ πατρὸς κυρεῖν ἐμοί.
ἃ δ᾽ ἦλθον, ἤδη σοι θέλω λέξαι, πάτερ.
γῆς ἐκ πατρῴας ἐξελήλαμαι φυγάς,
τοῖς σοῖς πανάρχοις οὕνεκ᾽ ἐνθακεῖν θρόνοις
γονῇ πεφυκὼς ἠξίουν γεραίτερος.
ἀνθ᾽ ὧν μ᾽ Ἐτεοκλῆς, ὢν φύσει νεώτερος,
γῆς ἐξέωσεν, οὔτε νικήσας λόγῳ
οὔτ᾽ εἰς ἔλεγχον χειρὸς οὐδ᾽ ἔργου μολών,
πόλιν δὲ πείσας. ὧν ἐγὼ μάλιστα μὲν
τὴν σὴν ἐρινὺν αἰτίαν εἶναι λέγω.
ἔπειτα κἀπὸ μάντεων ταύτῃ κλύω.
ἐπεὶ γὰρ ἦλθον Ἄργος ἐς τὸ Δωρικόν,

λαβὼν Ἄδραστον πενθερόν, ξυνωμότας
ἔστησ᾽ ἐμαυτῷ γῆς ὅσοιπερ Ἀπίας
πρῶτοι καλοῦνται καὶ τετίμηνται δόρει,
ὅπως τὸν ἑπτάλογχον ἐς Θήβας στόλον
ξὺν τοῖσδ᾽ ἀγείρας ἢ θάνοιμι πανδίκως
ἢ τοὺς τάδ᾽ ἐκπράξαντας ἐκβάλοιμι γῆς.
εἶεν· τί δῆτα νῦν ἀφιγμένος κυρῶ;
σοὶ προστροπαίους, ὦ πάτερ, λιτὰς ἔχων
αὐτός τ᾽ ἐμαυτοῦ ξυμμάχων τε τῶν ἐμῶν,
οἳ νῦν σὺν ἑπτὰ τάξεσιν σὺν ἑπτά τε
λόγχαις τὸ Θήβης πέδιον ἀμφεστᾶσι πᾶν·
οἷος δορυσσοῦς Ἀμφιάρεως, τὰ πρῶτα μὲν
δόρει κρατύνων, πρῶτα δ᾽ οἰωνῶν ὁδοῖς·
ὁ δεύτερος δ᾽ Αἰτωλὸς Οἰνέως τόκος
Τυδεύς. τρίτος δ᾽ Ἐτέοκλος, Ἀργεῖος γεγώς·
τέταρτον Ἱππομέδοντ᾽ ἀπέστειλεν πατὴρ
Ταλαός· ὁ πέμπτος δ᾽ εὔχεται κατασκαφῇ
Καπανεὺς τὸ Θήβης ἄστυ δῃώσειν πυρί·
ἕκτος δὲ Παρθενοπαῖος Ἀρκὰς ὄρνυται,
ἐπώνυμος τῆς πρόσθεν ἀδμήτης χρόνῳ
μητρὸς λοχευθείς, πιστὸς Ἀταλάντης γόνος·
ἐγὼ δὲ σός, κεἰ μὴ σός, ἀλλὰ τοῦ κακοῦ
πότμου φυτευθείς, σός γέ τοι καλούμενος,
ἄγω τὸν Ἄργους ἄφοβον ἐς Θήβας στρατόν.
οἵ σ᾽ ἀντὶ παίδων τῶνδε καὶ ψυχῆς, πάτερ,
ἱκετεύομεν ξύμπαντες ἐξαιτούμενοι
μῆνιν βαρεῖαν εἰκαθεῖν ὁρμωμένῳ
τῷδ᾽ ἀνδρὶ τοὐμοῦ πρὸς κασιγνήτου τίσιν,
ὅς μ᾽ ἐξέωσε κἀπεσύλησεν πάτρας.
εἰ γάρ τι πιστόν ἐστιν ἐκ χρηστηρίων,
οἷς ἂν σὺ προσθῇ, τοῖσδ᾽ ἔφασκ᾽ εἶναι κράτος.
πρὸς νῦν σε κρηνῶν καὶ θεῶν ὁμογνίων
αἰτῶ πιθέσθαι καὶ παρεικαθεῖν, ἐπεὶ
πτωχοὶ μὲν ἡμεῖς καὶ ξένοι, ξένος δὲ σύ.

ἄλλους δὲ θωπεύοντες οἰκοῦμεν σύ τε
κἀγώ, τὸν αὐτὸν δαίμον᾽ ἐξειληχότες.
ὁ δ᾽ ἐν δόμοις τύραννος, ὦ τάλας ἐγώ,
κοινῇ καθ᾽ ἡμῶν ἐγγελῶν ἁβρύνεται·
ὅν, εἰ σὺ τἠμῇ ξυμπαραστήσει φρενί,
βραχεῖ σὺν ὄγκῳ καὶ χρόνῳ διασκεδῶ.
ὥστ᾽ ἐν δόμοισι τοῖσι σοῖς στήσω σ᾽ ἄγων.
στήσω δ᾽ ἐμαυτόν, κεῖνον ἐκβαλὼν βίᾳ.
καὶ ταῦτα σοῦ μὲν ξυνθέλοντος ἔστι μοι
κομπεῖν, ἄνευ σοῦ δ᾽ οὐδὲ σωθῆναι σθένω.

ΧΟΡΌΣ

τὸν ἄνδρα τοῦ πέμψαντος οὕνεκ᾽, Οἰδίπους
εἰπὼν ὁποῖα ξύμφορ᾽ ἔκπεμψαι πάλιν.

ΟἼΔΙΠΟΥΣ

ἀλλ᾽ εἰ μέν, ἄνδρες, τῆσδε δημοῦχοι χθονός
μὴ ᾽τύγχαν᾽ αὐτὸν δεῦρο προσπέμψας ἐμοὶ
Θησεύς, δικαιῶν ὥστ᾽ ἐμοῦ κλύειν λόγους,
οὔ τἄν ποτ᾽ ὀμφῆς τῆς ἐμῆς ἐπῄσθετο·
νῦν δ᾽ ἀξιωθεὶς εἶσι κἀκούσας γ᾽ ἐμοῦ
τοιαῦθ᾽ ἃ τὸν τοῦδ᾽ οὔ ποτ᾽ εὐφρανεῖ βίον·
ὅς γ᾽, ὦ κάκιστε, σκῆπτρα καὶ θρόνους ἔχων,
ἃ νῦν ὁ σὸς ξύναιμος ἐν Θήβαις ἔχει,
τὸν αὐτὸς αὑτοῦ πατέρα τόνδ᾽ ἀπήλασας
κἄθηκας ἄπολιν καὶ στολὰς ταύτας φορεῖν,
ἃς νῦν δακρύεις εἰσορῶν, ὅτ᾽ ἐν πόνῳ
ταὐτῷ βεβηκὼς τυγχάνεις κακῶν ἐμοί.
οὐ κλαυστὰ δ᾽ ἐστίν, ἀλλ᾽ ἐμοὶ μὲν οἰστέα
τάδ᾽, ἕωσπερ ἂν ζῶ, σοῦ φονέως μεμνημένος·
σὺ γάρ με μόχθῳ τῷδ᾽ ἔθηκας ἔντροφον,
σύ μ᾽ ἐξέωσας, ἐκ σέθεν δ᾽ ἀλώμενος
ἄλλους ἐπαιτῶ τὸν καθ᾽ ἡμέραν βίον.

εἰ δ᾽ ἐξέφυσα τάσδε μὴ ᾽μαυτῷ τροφοὺς
τὰς παῖδας, ἦ τἂν οὐκ ἂν ἦ, τὸ σὸν μέρος·
νῦν δ᾽ αἵδε μ᾽ ἐκσῴζουσιν, αἵδ᾽ ἐμαὶ τροφοί,
αἵδ᾽ ἄνδρες, οὐ γυναῖκες, εἰς τὸ συμπονεῖν·
ὑμεῖς δ᾽ ἀπ᾽ ἄλλου κοὐκ ἐμοῦ πεφύκατον.
τοιγάρ σ᾽ ὁ δαίμων εἰσορᾷ μὲν οὔ τί πω
ὡς αὐτίκ᾽, εἴπερ οἵδε κινοῦνται λόχοι
πρὸς ἄστυ Θήβης. οὐ γὰρ ἔσθ᾽ ὅπως πόλιν
κείνην ἐρείψεις, ἀλλὰ πρόσθεν αἵματι
πεσεῖ μιανθεὶς χὠ σύναιμος ἐξ ἴσου.
τοιάσδ᾽ ἀρὰς σφῷν πρόσθε τ᾽ ἐξανῆκ᾽ ἐγὼ
νῦν τ᾽ ἀνακαλοῦμαι ξυμμάχους ἐλθεῖν ἐμοί,
ἵν᾽ ἀξιῶτον τοὺς φυτεύσαντας σέβειν
καὶ μὴ ᾽ξατιμάζητον, εἰ τυφλοῦ πατρὸς
τοιώδ᾽ ἐφύτην· αἵδε γὰρ τάδ᾽ οὐκ ἔδρων.
τοιγὰρ τὸ σὸν θάκημα καὶ τοὺς σοὺς θρόνους
κρατοῦσιν, εἴπερ ἐστὶν ἡ παλαίφατος
Δίκη ξύνεδρος Ζηνὸς ἀρχαίοις νόμοις.
σὺ δ᾽ ἔρρ᾽ ἀπόπτυστός τε κἀπάτωρ ἐμοῦ,
κακῶν κάκιστε, τάσδε συλλαβὼν ἀράς,
ἃς σοι καλοῦμαι, μήτε γῆς ἐμφυλίου
δόρει κρατῆσαι μήτε νοστῆσαί ποτε
τὸ κοῖλον Ἄργος, ἀλλὰ συγγενεῖ χερὶ
θανεῖν κτανεῖν θ᾽ ὑφ᾽ οὗπερ ἐξελήλασαι.
τοιαῦτ᾽ ἀρῶμαι καὶ καλῶ τὸ Ταρτάρου
στυγνὸν πατρῷον ἔρεβος, ὥς σ᾽ ἀποικίσῃ,
καλῶ δὲ τάσδε δαίμονας, καλῶ δ᾽ Ἄρη
τὸν σφῷν τὸ δεινὸν μῖσος ἐμβεβληκότα.
καὶ ταῦτ᾽ ἀκούσας στεῖχε, κἀξάγγελλ᾽ ἰὼν
καὶ πᾶσι Καδμείοισι τοῖς σαυτοῦ θ᾽ ἅμα
πιστοῖσι συμμάχοισιν, οὕνεκ᾽ Οἰδίπους
τοιαῦτ᾽ ἔνειμε παισὶ τοῖς αὑτοῦ γέρα.

ΧΟΡΌΣ

Πολύνεικες, οὔτε ταῖς παρελθούσαις ὁδοῖς
ξυνήδομαί σοι, νῦν τ᾽ ἴθ᾽ ὡς τάχος πάλιν.

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

οἴμοι κελεύθου τῆς τ᾽ ἐμῆς δυσπραξίας,
οἴμοι δ᾽ ἑταίρων· οἷον ἦρ᾽ ὁδοῦ τέλος
Ἄργους ἀφωρμήθημεν, ὦ τάλας ἐγώ,
τοιοῦτον οἷον οὐδὲ φωνῆσαί τινι
ἔξεσθ᾽ ἑταίρων, οὐδ᾽ ἀποστρέψαι πάλιν,
ἀλλ᾽ ὄντ᾽ ἄναυδον τῇδε συγκῦρσαι τύχῃ.
ὦ τοῦδ᾽ ὅμαιμοι παῖδες, ἀλλ᾽ ὑμεῖς, ἐπεὶ
τὰ σκληρὰ πατρὸς κλύετε ταῦτ᾽ ἀρωμένου,
μή τοί με πρὸς θεῶν σφώ γ᾽, ἐὰν αἱ τοῦδ᾽ ἀραὶ
πατρὸς τελῶνται καί τις ὑμῖν ἐς δόμους
νόστος γένηται, μή μ᾽ ἀτιμάσητέ γε,
ἀλλ᾽ ἐν τάφοισι θέσθε κἀν κτερίσμασιν.
καὶ σφῷν ὁ νῦν ἔπαινος, ὃν κομίζετον
τοῦδ᾽, ἀνδρὸς οἷς πονεῖτον, οὐκ ἐλάσσονα
ἔτ᾽ ἄλλον οἴσει τῆς ἐμῆς ὑπουργίας.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

Πολύνεικες, ἱκετεύω σε πεισθῆναί τί μοι.

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

ὦ φιλτάτη, τὸ ποῖον, Ἀντιγόνη; λέγε.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

στρέψαι στράτευμ᾽ ἐς Ἄργος ὡς τάχιστά γε,
καὶ μὴ σέ τ᾽ αὐτὸν καὶ πόλιν διεργάσῃ.

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

ἀλλ᾽ οὐχ οἷόν τε· πῶς γὰρ αὖθις ἂν πάλιν
στράτευμ᾽ ἄγοιμι ταὐτόν. εἰσάπαξ τρέσας;

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

τί δ᾽ αὖθις, ὦ παῖ, δεῖ σε θυμοῦσθαι; τί σοι
πάτραν κατασκάψαντι κέρδος ἔρχεται;

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

αἰσχρὸν τὸ φεύγειν καὶ τὸ πρεσβεύοντ᾽ ἐμὲ
οὕτω γελᾶσθαι τοῦ κασιγνήτου πάρα.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

ὁρᾷς τὰ τοῦδ᾽ οὖν ὡς ἐς ὀρθὸν ἐκφέρει
μαντεύμαθ᾽, ὃς σφῷν θάνατον ἐξ ἀμφοῖν θροεῖ;

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

χρῄζει γάρ· ἡμῖν δ᾽ οὐχὶ συγχωρητέα.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

οἴμοι τάλαινα· τίς δὲ τολμήσει κλύων
τὰ τοῦδ᾽ ἔπεσθαι τἀνδρός, οἳ᾽ ἐθέσπισεν;

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

οὐκ ἀγγελοῦμεν φλαῦρ᾽· ἐπεὶ στρατηλάτου
χρηστοῦ τὰ κρείσσω μηδὲ τἀνδεᾶ λέγειν.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

οὕτως ἄρ᾽, ὦ παῖ, ταῦτά σοι δεδογμένα;

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

καὶ μή μ᾽ ἐπίσχῃς γ᾽· ἀλλ᾽ ἐμοὶ μὲν ἥδ᾽ ὁδὸς
ἔσται μέλουσα δύσποτμός τε καὶ κακὴ
πρὸς τοῦδε πατρὸς τῶν τε τοῦδ᾽ ἐρινύων·
σφῷν δ᾽ εὖ διδοίη Ζεύς, τάδ᾽ εἰ θανόντι μοι
τελεῖτ᾽, ἐπεὶ οὔ μοι ζῶντί γ᾽ αὖθις ἔξετον.
μέθεσθε δ᾽ ἤδη χαίρετόν τ᾽· οὐ γάρ μ᾽ ἔτι
βλέποντ᾽ ἐσόψεσθ᾽ αὖθις.

ΆΝΤΙΓΟΝΗ

--ὦ τάλαιν᾽ ἐγώ.

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

μή τοί μ᾽ ὀδύρου.

ΆΝΤΙΓΟΝΗ

--καὶ τίς ἄν σ᾽ ὁρμώμενον
εἰς προῦπτον Ἅιδην οὐ καταστένοι, κάσι;

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

εἰ χρή, θανοῦμαι.

ΆΝΤΙΓΟΝΗ

--μὴ σύ γ᾽, ἀλλ᾽ ἐμοὶ πιθοῦ.

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

μὴ πεῖθ᾽ ἃ μὴ δεῖ.

ΆΝΤΙΓΟΝΗ

--δυστάλαινά τἄρ᾽ ἐγώ,
εἴ σου στερηθῶ.

ΠΟΛΥΝΕΊΚΗΣ

--ταῦτα δ᾽ ἐν τῷ δαίμονι
καὶ τῇδε φῦναι χἀτέρᾳ. σφὼ δ᾽ οὖν ἐγὼ
θεοῖς ἀρῶμαι μή ποτ᾽ ἀντῆσαι κακῶν·
ἀνάξιαι γὰρ πᾶσίν ἐστε δυστυχεῖν.

ΧΟΡΌΣ

νέα τάδε νεόθεν ἦλθέ μοι
κακὰ βαρύποτμὰ παρ᾽ ἀλαοῦ ξένου,
εἴ τι μοῖρα μὴ κιγχάνει.
μάταν γὰρ οὐδὲν ἀξίωμα δαιμόνων ἔχω φράσαι.
ὁρᾷ ὁρᾷ ταῦτ᾽ ἀεὶ χρόνος, τρέχων μὲν ἕτερα,
τὰ δὲ παρ᾽ ἦμαρ αὖθις αὔξων ἄνω.
ἔκτυπεν αἰθήρ, ὦ Ζεῦ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ τέκνα τέκνα, πῶς ἄν, εἴ τις ἔντοπος,
τὸν πάντ᾽ ἄριστον δεῦρο Θησέα πόροι;
Ἀ
ντιγόνη
πάτερ, τί δ᾽ ἐστὶ τἀξίωμ᾽ ἐφ᾽ ᾧ καλεῖς;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

Διὸς πτερωτὸς ἥδε μ᾽ αὐτίκ᾽ ἄξεται
βροντὴ πρὸς Ἅιδην· ἀλλὰ πέμψαθ᾽ ὡς τάχος.

ΧΟΡΌΣ

μέγας, ἴδε, μάλ᾽ ὅδ᾽ ἐρείπεται

κτύπος ἄφατος διόβολος· ἐς δ᾽ ἄκραν
δεῖμ᾽ ὑπῆλθε κρατὸς φόβαν.
ἔπτηξα θυμόν· οὐρανία γὰρ ἀστραπὴ φλέγει πάλιν.
τί μὰν ἀφήσει τέλος; δέδοικα δ᾽· οὐ γὰρ ἅλιον
ἀφορμᾷ ποτ᾽, οὐκ ἄνευ ξυμφορᾶς.
ὦ μέγας αἰθήρ, ὦ Ζεῦ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ὦ παῖδες, ἥκει τῷδ᾽ ἐπ᾽ ἀνδρὶ θέσφατος
βίου τελευτὴ κοὐκέτ᾽ ἔστ᾽ ἀποστροφή.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

πῶς οἶσθα; τῷ δὲ τοῦτο συμβαλὼν ἔχεις;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

καλῶς κάτοιδ᾽· ἀλλ᾽ ὡς τάχιστά μοι μολὼν
ἄνακτα χώρας τῆσδέ τις πορευσάτω.

ΧΟΡΌΣ

ἔα ἔα, ἰδοὺ μάλ᾽ αὖθις ἀμφίσταται διαπρύσιος ὄτοβος.
ἴλαος, ὦ δαίμων, ἴλαος εἴ τι γᾷ
ματέρι τυγχάνεις ἀφεγγὲς φέρων.
ἐναισίου δὲ σοῦ τύχοιμι, μηδ᾽ ἄλαστον ἄνδρ᾽ ἰδὼν
ἀκερδῆ χάριν μετάσχοιμί πως. Ζεῦ ἄνα σοὶ φωνῶ.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἆρ᾽ ἐγγὺς ἀνήρ; ἆρ᾽ ἔτ᾽ ἐμψύχου, τέκνα,
κιχήσεταί μου καὶ κατορθοῦντος φρένα;

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

τί δ᾽ ἂν θέλοις τὸ πιστὸν ἐμφῦναι φρενί;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἀνθ᾽ ὧν ἔπασχον εὖ, τελεσφόρον χάριν
δοῦναί σφιν, ἥνπερ τυγχάνων ὑπεσχόμην.

ΧΟΡΌΣ

ἰὼ ἰὼ παῖ, βᾶθι βᾶθ᾽, εἴτ᾽ ἄκρα,
περὶ γύαλ᾽ ἐναλίῳ Ποσειδωνίῳ θεῷ, τυγχάνεις
βούθυτον ἑστίαν ἀγίζων, ἱκοῦ.
ὁ γὰρ ξένος σε καὶ πόλισμα καὶ φίλους ἐπαξιοῖ
δικαίαν χάριν παρασχεῖν παθών.
[σπεῦσον] ἄϊσσ᾽, ὦναξ.

ΘΗΣΕΎΣ

τίς αὖ παρ᾽ ὑμῶν κοινὸς ἠχεῖται κτύπος,
σαφὴς μὲν ἀστῶν, ἐμφανὴς δὲ τοῦ ξένου;
μή τις Διὸς κεραυνὸς ἤ τις ὀμβρία
χάλαζ᾽ ἐπιρράξασα; πάντα γὰρ θεοῦ
τοιαῦτα χειμάζοντος εἰκάσαι πάρα.

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ἄναξ, ποθοῦντι προυφάνης, καί σοι θεῶν
τύχην τις ἐσθλὴν τῆσδ᾽ ἔθηκε τῆς ὁδοῦ.

ΘΗΣΕΎΣ

τί δ᾽ ἐστίν, ὦ παῖ Λαΐου, νέορτον αὖ;

ΟΙΔΊΠΟΥΣ

ῥοπὴ βίου μοι· καί σ᾽ ἅπερ ξυνήνεσα

θέλω πόλιν τε τήνδε μὴ ψεύσας θανεῖν.

ΘΗΣΕΎΣ

τῷ δ᾽ ἐκπέπεισαι τοῦ μόρου τεκμηρίῳ;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

αὐτοὶ θεοὶ κήρυκες ἀγγέλλουσί μοι,
ψεύδοντες οὐδὲν σῆμα τῶν προκειμένων.

ΘΗΣΕΎΣ

πῶς εἶπας, ὦ γεραιέ, δηλοῦσθαι τάδε;

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

αἱ πολλὰ βρονταὶ διατελεῖς τὰ πολλά τε
στράψαντα χειρὸς τῆς ἀνικήτου βέλη.

ΘΗΣΕΎΣ

πείθεις με· πολλὰ γάρ σε θεσπίζονθ᾽ ὁρῶ
κοὐ ψευδόφημα· χὤ τι χρὴ ποιεῖν λέγε.

ΟἸΔΊΠΟΥΣ

ἐγὼ διδάξω, τέκνον Αἰγέως, ἅ σοι
γήρως ἄλυπα τῇδε κείσεται πόλει.
χῶρον μὲν αὐτὸς αὐτίκ᾽ ἐξηγήσομαι,
ἄθικτος ἡγητῆρος, οὗ με χρὴ θανεῖν.
τοῦτον δὲ φράζε μή ποτ᾽ ἀνθρώπων τινί,
μήθ᾽ οὗ κέκευθε μήτ᾽ ἐν οἷς κεῖται τόποις·
ὥς σοι πρὸ πολλῶν ἀσπίδων ἀλκὴν ὅδε
δορός τ᾽ ἐπακτοῦ γειτονῶν ἀεὶ τιθῇ.
ἃ δ᾽ ἐξάγιστα μηδὲ κινεῖται λόγῳ,

αὐτὸς μαθήσει, κεῖσ᾽ ὅταν μόλῃς μόνος·
ὡς οὔτ᾽ ἂν ἀστῶν τῶνδ᾽ ἂν ἐξείποιμί τῳ
οὔτ᾽ ἂν τέκνοισι τοῖς ἐμοῖς, στέργων ὅμως.
ἀλλ᾽ αὐτὸς αἰεὶ σῷζε, χὥταν εἰς τέλος
τοῦ ζῆν ἀφικνῇ, τῷ προφερτάτῳ μόνῳ
σήμαιν᾽, ὁ δ᾽ αἰεὶ τὠπιόντι δεικνύτω.
χοὕτως ἀδῇον τήνδ᾽ ἐνοικήσεις πόλιν
σπαρτῶν ἀπ᾽ ἀνδρῶν· αἱ δὲ μυρίαι πόλεις,
κἂν εὖ τις οἰκῇ, ῥᾳδίως καθύβρισαν.
θεοὶ γὰρ εὖ μέν, ὀψὲ δ᾽ εἰσορῶσ᾽, ὅταν
τὰ θεῖ᾽ ἀφείς τις εἰς τὸ μαίνεσθαι τραπῇ·
ὃ μὴ σύ, τέκνον Αἰγέως, βούλου παθεῖν.
τὰ μὲν τοιαῦτ᾽ οὖν εἰδότ᾽ ἐκδιδάσκομεν.
χῶρον δ᾽, ἐπείγει γάρ με τοὐκ θεοῦ παρόν,
στείχωμεν ἤδη μηδ᾽ ἔτ᾽ ἐντρεπώμεθα.
ὦ παῖδες, ὧδ᾽ ἕπεσθ᾽· ἐγὼ γὰρ ἡγεμὼν
σφῷν αὖ πέφασμαι καινός, ὥσπερ σφὼ πατρί.
χωρεῖτε καὶ μὴ ψαύετ᾽, ἀλλ᾽ ἐᾶτέ με
αὐτὸν τὸν ἱερὸν τύμβον ἐξευρεῖν, ἵνα
μοῖρ᾽ ἀνδρὶ τῷδε τῇδε κρυφθῆναι χθονί.
τῇδ᾽ ὧδε, τῇδε βᾶτε· τῇδε γάρ μ᾽ ἄγει
Ἑρμῆς ὁ πομπὸς ἥ τε νερτέρα θεός.
ὦ φῶς ἀφεγγές, πρόσθε πού ποτ᾽ ἦσθ᾽ ἐμόν,
νῦν δ᾽ ἔσχατόν σου τοὐμὸν ἅπτεται δέμας.
ἤδη γὰρ ἕρπω τὸν τελευταῖον βίον
κρύψων παρ᾽ Ἅιδην. ἀλλά, φίλτατε ξένων,
αὐτός τε χώρα θ᾽ ἥδε πρόσπολοί τε σοὶ
εὐδαίμονες γένοισθε, κἀπ᾽ εὐπραξίᾳ
μέμνησθέ μου θανόντος εὐτυχεῖς ἀεί.

ΧΟΡΟΣ

εἰ θέμις ἐστί μοι τὰν ἀφανῆ θεὸν
καὶ σὲ λιταῖς σεβίζειν,
ἐννυχίων ἄναξ,

Αἰδωνεῦ Αἰδωνεῦ, λίσσωμαι
ἄπονα μήτ᾽ ἐπὶ βαρυαχεῖ
ξένον ἐξανύσαι
μόρῳ τὰν παγκευθῆ κάτω
νεκρῶν πλάκα καὶ Στύγιον δόμον.
πολλῶν γὰρ ἂν καὶ μάταν
πημάτων ἱκνουμένων
πάλιν σφε δαίμων δίκαιος αὔξοι.

ΧΟΡΌΣ

ὦ χθόνιαι θεαὶ σῶμά τ᾽ ἀνικάτου
θηρός, ὃν ἐν πύλαισι
ταῖσι πολυξένοις
εὐνᾶσθαι κνυζεῖσθαί τ᾽ ἐξ ἄντρων
ἀδάματον φύλακα παρ᾽ Ἀίδᾳ
λόγος αἰὲν ἔχει·
τόν, ὦ Γᾶς παῖ καὶ Ταρτάρου,
κατεύχομαι ἐν καθαρῷ βῆναι
ὁρμωμένῳ νερτέρας
τῷ ξένῳ νεκρῶν πλάκας·
σέ τοι κικλήσκω τὸν αἰένυπνον.

ἌΓΓΕΛΟΣ

ἄνδρες πολῖται, ξυντομωτάτως, μὲν ἂν
τύχοιμι λέξας Οἰδίπουν ὀλωλότα·
ἃ δ᾽ ἦν τὰ πραχθέντ᾽, οὔθ᾽ ὁ μῦθος ἐν βραχεῖ
φράσαι πάρεστιν οὔτε τἄργ᾽ ὅσ᾽ ἦν ἐκεῖ.

ΧΟΡΌΣ

ὄλωλε γὰρ δύστηνος;

ἌΓΓΕΛΟΣ

--ὡς λελοιπότα
κεῖνον τὸν ἀεὶ βίοτον ἐξεπίστασο.

ΧΟΡΌΣ

πῶς; ἆρα θείᾳ κἀπόνῳ τάλας τύχῃ;

ἌΓΓΕΛΟΣ

ταῦτ᾽ ἐστὶν ἤδη κἀποθαυμάσαι πρέπον.
ὡς μὲν γὰρ ἐνθένδ᾽ εἶρπε, καὶ σύ που παρὼν
ἔξοισθ᾽, ὑφηγητῆρος οὐδενὸς φίλων,
ἀλλ᾽ αὐτὸς ἡμῖν πᾶσιν ἐξηγούμενος.
ἐπεὶ δ᾽ ἀφῖκτο τὸν καταρράκτην ὁδὸν
χαλκοῖς βάθροισι γῆθεν ἐρριζωμένον,
ἔστη κελεύθων ἐν πολυσχίστων μιᾷ,
κοίλου πέλας κρατῆρος, οὗ τὰ Θησέως
Περίθου τε κεῖται πίστ᾽ ἀεὶ ξυνθήματα.
ἀφ᾽ οὗ μέσος στὰς τοῦ τε Θορικίου πέτρου
κοίλης τ᾽ ἀχέρδου κἀπὸ λαΐνου τάφου,
καθέζετ᾽· εἶτ᾽ ἔλυσε δυσπινεῖς στολάς.
κἄπειτ᾽ ἀΰσας παῖδας ἠνώγει ῥυτῶν
ὑδάτων ἐνεγκεῖν λουτρὰ καὶ χοάς ποθεν·
τὼ δ᾽ εὐχλόου Δήμητρος εἰς προσόψιον
πάγον μολοῦσαι τάσδ᾽ ἐπιστολὰς πατρὶ
ταχεῖ ᾽πόρευσαν σῦν χρόνῳ, λουτροῖς τέ νιν
ἐσθῆτί τ᾽ ἐξήσκησαν ᾗ νομίζεται.
ἐπεὶ δὲ παντὸς εἶχε δρῶντος ἡδονὴν
κοὐκ ἦν ἔτ᾽ οὐδὲν ἀργὸν ὧν ἐφίετο,
κτύπησε μὲν Ζεὺς χθόνιος αἱ δὲ παρθένοι
ῥίγησαν, ὡς ἤκουσαν· ἐς δὲ γούνατα
πατρὸς πεσοῦσαι ᾽κλαιον οὐδ᾽ ἀνίεσαν
στέρνων ἀραγμοὺς οὐδὲ παμμήκεις γόους.
ὁ δ᾽ ὡς ἀκούει φθόγγον ἐξαίφνης πικρόν,
πτύξας ἐπ᾽ αὐταῖς χεῖρας εἶπεν· ὦ τέκνα,

οὐκ ἔστ᾽ ἔθ᾽ ὑμῖν τῇδ᾽ ἐν ἡμέρᾳ πατήρ.
ὄλωλε γὰρ δὴ πάντα τἀμά, κοὐκέτι
τὴν δυσπόνητον ἕξετ᾽ ἀμφ᾽ ἐμοὶ τροφήν·
σκληρὰν μέν, οἶδα, παῖδες· ἀλλ᾽ ἓν γὰρ μόνον
τὰ πάντα λύει ταῦτ᾽ ἔπος μοχθήματα.
τὸ γὰρ φιλεῖν οὐκ ἔστιν ἐξ ὅτου πλέον
ἢ τοῦδε τἀνδρὸς ἔσχεθ᾽, οὗ τητώμεναι
τὸ λοιπὸν ἤδη τὸν βίον διάζετον.

ἌΓΓΕΛΟΣ

τοιαῦτ᾽ ἐπ᾽ ἀλλήλοισιν ἀμφικείμενοι
λύγδην ἔκλαιον πάντες. ὡς δὲ πρὸς τέλος
γόων ἀφίκοντ᾽ οὐδ᾽ ἔτ᾽ ὠρώρει βοή,
ἦν μὲν σιωπή· φθέγμα δ᾽ ἐξαίφνης τινὸς
θώϋξεν αὐτόν, ὥστε πάντας ὀρθίας
στῆσαι φόβῳ δείσαντας ἐξαίφνης τρίχας,
καλεῖ γὰρ αὐτὸν πολλὰ πολλαχῇ θεός·
ὦ οὗτος οὗτος, Οἰδίπους, τί μέλλομεν
χωρεῖν; πάλαι δὴ τἀπὸ σοῦ βραδύνεται.
ὁ δ᾽ ὡς ἐπῄσθετ᾽ ἐκ θεοῦ καλούμενος,
αὐδᾷ μολεῖν οἱ γῆς ἄνακτα Θησέα.
κἀπεὶ προσῆλθεν, εἶπεν· ὦ φίλον κάρα,
δός μοι χερὸς σῆς πίστιν ὁρκίαν τέκνοις,
ὑμεῖς τε, παῖδες, τῷδε· καὶ καταίνεσον
μήποτε προδώσειν τάσδ᾽ ἐκών, τελεῖν δ᾽ ὅσ᾽ ἂν
μέλλῃς φρονῶν εὖ ξυμφέροντ᾽ αὐτοῖς ἀεί.
ὁ δ᾽, ὡς ἀνὴρ γενναῖος, οὐκ οἴκτου μέτα
κατῄνεσεν τάδ᾽ ὅρκιος δράσειν ξένῳ.
ὅπως δὲ ταῦτ᾽ ἔδρασεν, εὐθὺς Οἰδίπους
ψαύσας ἀμαυραῖς χερσὶν ὧν παίδων λέγει·
ὦ παῖδε, τλάσας χρὴ τὸ γενναῖον φρενὶ
χωρεῖν τόπων ἐκ τῶνδε, μηδ᾽ ἃ μὴ θέμις
λεύσσειν δικαιοῦν μηδὲ φωνούντων κλύειν,
ἀλλ᾽ ἕρπεθ᾽ ὡς τάχιστα· πλὴν ὁ κύριος

Θησεὺς παρέστω μανθάνων τὰ δρώμενα.
τοσαῦτα φωνήσαντος εἰσηκούσαμεν
ξύμπαντες· ἀστακτὶ δὲ σὺν ταῖς παρθένοις
στένοντες ὠμαρτοῦμεν. ὡς δ᾽ ἀπήλθομεν,
χρόνῳ βραχεῖ στραφέντες ἐξαπείδομεν
τὸν ἄνδρα τὸν μὲν οὐδαμοῦ παρόντ᾽ ἔτι,
ἄνακτα δ᾽ αὐτὸν ὀμμάτων ἐπίσκιον
χεῖρ᾽ ἀντέχοντα κρατός, ὡς δεινοῦ τινος
φόβου φανέντος οὐδ᾽ ἀνασχετοῦ βλέπειν.
ἔπειτα μέντοι βαιὸν οὐδὲ σὺν χρόνῳ
ὁρῶμεν αὐτὸν γῆν τε προσκυνοῦνθ᾽ ἅμα
καὶ τὸν θεῶν Ὄλυμπον ἐν ταὐτῷ λόγῳ.
μόρῳ δ᾽ ὁποίῳ κεῖνος ὤλετ᾽, οὐδ᾽ ἂν εἷς
θνητῶν φράσειε, πλὴν τὸ Θησέως κάρα.
οὐ γάρ τις αὐτὸν οὔτε πυρφόρος θεοῦ
κεραυνὸς ἐξέπραξεν οὔτε ποντία
θύελλα κινηθεῖσα τῷ τότ᾽ ἐν χρόνῳ,
ἀλλ᾽ ἤ τις ἐκ θεῶν πομπὸς ἢ τὸ νερτέρων
εὔνουν διαστὰν γῆς ἀλύπητον βάθρον.
ἀνὴρ γὰρ οὐ στενακτὸς οὐδὲ σὺν νόσοις
ἀλγεινὸς ἐξεπέμπετ᾽, ἀλλ᾽ εἴ τις βροτῶν
θαυμαστός. εἰ δὲ μὴ δοκῶ φρονῶν λέγειν,
οὐκ ἂν παρείμην οἷσι μὴ δοκῶ φρονεῖν.

ΧΟΡΌΣ

ποῦ δ᾽ αἵ τε παῖδες χοὶ προπέμψαντες φίλων;

ἌΓΓΕΛΟΣ

αἵδ᾽ οὐχ ἑκάς· γόων γὰρ οὐκ ἀσήμονες
φθόγγοι σφε σημαίνουσι δεῦρ᾽ ὁρμωμένας.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

αἰαῖ, φεῦ, ἔστιν ἔστι νῷν δὴ
οὐ τὸ μέν, ἄλλο δὲ μή, πατρὸς ἔμφυτον
ἄλαστον αἷμα δυσμόροιν στενάζειν,
ᾧτινι τὸν πολὺν
ἄλλοτε μὲν πόνον ἔμπεδον εἴχομεν,
ἐν πυμάτῳ δ᾽ ἀλόγιστα παροίσομεν
ἰδόντε καὶ παθόντε.

ΧΟΡΌΣ

τί δ᾽ ἔστιν;

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

ἔστιν μὲν εἰκάσαι, φίλοι.

ΧΟΡΌΣ

βέβηκεν;

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

--ὡς μάλιστ᾽ ἂν ἐν πόθῳ λάβοις.
τί γάρ, ὅτῳ μήτ᾽ Ἄρης
μήτε πόντος ἀντέκυρσεν,
ἄσκοποι δὲ πλάκες ἔμαρψαν
ἐν ἀφανεῖ τινι μόρῳ φερόμενον.
τάλαινα· νῶν δ᾽ ὀλεθρία
νὺξ ἐπ᾽ ὄμμασιν βέβακε.
πῶς γὰρ ἥ τιν᾽ ἀπίαν
γᾶν ἢ πόντιον κλύδων᾽ ἀλώμεναι, βίου δύσοιστον ἔξομεν τροφάν;

ΙΣΜΉΝΗ

οὐ κάτοιδα. κατά με φόνιος
Ἅΐδας ἕλοι πατρὶ ξυνθανεῖν γεραιῷ

τάλαιναν, ὡς ἔμοιγ᾽ ὁ μέλλων βίος οὐ βιωτός.

ΧΟΡΌΣ

ὦ διδύμα τέκνων ἀρίστα,
τὸ φέρον ἐκ θεοῦ φέρειν,
μηδὲν ἄγαν φλέγεσθον· οὔ τοι κατάμεμπτ᾽ ἔβητον.

ΆΝΤΙΓΟΝΗ

πόθος τοὶ καὶ κακῶν ἄρ᾽ ἦν τις.
καὶ γὰρ ὃ μηδαμὰ δὴ φίλον ἦν φίλον,
ὁπότε γε καὶ τὸν ἐν χεροῖν κατεῖχον.
ὦ πάτερ, ὦ φίλος,
ὦ τὸν ἀεὶ κατὰ γᾶς σκότον είμένος·
οὐδέ γ᾽ ἔνερθ᾽ ἀφίλητος ἐμοί ποτε
καὶ τᾷδε μὴ κυρήσῃς.

ΧΟΡΌΣ

ἔπραξεν;

ΆΝΤΙΓΟΝΗ

--ἔπραξεν οἷον ἤθελεν.

ΧΟΡΌΣ

τὸ ποῖον;

ΆΝΤΙΓΟΝΗ

--ἃς ἔχρῃζε γᾶς ἐπὶ ξένας
ἔθανε· κοίταν δ᾽ ἔχει
νέρθεν εὐσκίαστον αἰέν,
οὐδὲ πένθος ἔλιπ᾽ ἄκλαυτον.

ἀνὰ γὰρ ὄμμα σε τόδ᾽, ὦ πάτερ, ἐμὸν
στένει δακρῦον, οὐδ᾽ ἔχω
πῶς με χρὴ τὸ σὸν τάλαιναν
ἀφανίσαι τοσόνδ᾽ ἄχος.
ὤμοι, γᾶς ἐπὶ ξένας θανεῖν ἔχρῃζες ἀλλ᾽
ἔρημος ἔθανες ὧδέ μοι.

ΪΣΜΉΝΗ

ὦ τάλαινα, τίς ἄρα με πότμος αὖθις ὧδ᾽
< * >
ἐπαμμένει σέ τ᾽, ὦ φίλα, τὰς πατρὸς ὧδ᾽ ἐρήμας;

ΧΟΡΌΣ

ἀλλ᾽ ἐπεὶ ὀλβίως γ᾽ ἔλυσεν
τὸ τέλος, ὦ φίλαι, βίου,
λήγετε τοῦδ᾽ ἄχους· κακῶν γὰρ δυσάλωτος οὐδείς.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

πάλιν, φίλα, συθῶμεν.

ΪΣΜΉΝΗ

--ὡς τί ῥέξομεν;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

ἵμερος ἔχει με.

ΪΣΜΉΝΗ

--τίς;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

τὰν χθόνιον ἑστίαν ἰδεῖν 1725

ἸΣΜΉΝΗ

τίνος;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--πατρός, τάλαιν᾽ ἐγώ.

ἸΣΜΉΝΗ

θέμις δὲ πῶς τάδ᾽ ἐστί; μῶν
οὐχ ὁρᾷς; 1730

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--τί τόδε ἐπέπληξας;

ἸΣΜΉΝΗ

καὶ τόδ᾽, ὡς

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--τί τόδε μάλ᾽ αὖθις;

ἸΣΜΉΝΗ

ἄταφος ἔπιτνε δίχα τε παντός.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

ἄγε με, καὶ τότ᾽ ἐπενάριξον.

ἸΣΜΉΝΗ

αἰαῖ, δυστάλαινα, ποῦ δῆτ᾽
αὖθις ὧδ᾽ ἔρημος ἄπορος
αἰῶνα τλάμον᾽ ἕξω;

ΧΟΡΌΣ

φίλαι, τρέσητε μηδέν.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--ἀλλὰ ποῖ φύγω;

ΧΟΡΌΣ

καὶ πάρος ἀπέφυγε

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

--τί;

ΧΟΡΌΣ

τὰ σφῷν τὸ μὴ πίτνειν κακῶς.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

φρονῶ.

ΧΟΡΌΣ

--τί δῆθ᾽ ὅπερ νοεῖς;

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

ὅπως μολούμεθ᾽ ἐς δόμους
οὐκ ἔχω.

ΧΟΡΌΣ

--μηδέ γε μάτευε.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

μόγος ἔχει.

ΧΟΡΌΣ

--καὶ πάρος ἐπεῖχε.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

τοτὲ μὲν ἄπορα, τοτὲ δ᾽ ὕπερθεν.

ΧΟΡΌΣ

μέγ᾽ ἄρα πέλαγος ἐλάχετόν τι.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

ναὶ ναί.

ΧΟΡΌΣ

--ξύμφημι καὐτός.

ἈΝΤΙΓΌΝΗ

αἰαῖ, ποῖ μόλωμεν, ὦ Ζεῦ;
ἐλπίδων γὰρ ἐς τίν᾽ ἔτι με
δαίμων τανῦν γ᾽ ἐλαύνει;

ΘΗΣΕΎΣ

παύετε θρήνων, παῖδες· ἐν οἷς γὰρ

χάρις ἡ χθονία ξύν᾽ ἀπόκειται,
πενθεῖν οὐ χρή· νέμεσις γάρ.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

ὦ τέκνον Αἰγέως, προσπίτνομέν σοι.

ΘΗΣΕΎΣ

τίνος, ὦ παῖδες, χρείας ἀνύσαι;

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

τύμβον θέλομεν προσιδεῖν αὐταὶ
πατρὸς ἡμετέρου.

ΘΗΣΕΎΣ

--ἀλλ᾽ οὐ θεμιτόν.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

πῶς εἶπας, ἄναξ, κοίραν᾽ Ἀθηνῶν;

ΘΗΣΕΎΣ

ὦ παῖδες, ἀπεῖπεν ἐμοὶ κεῖνος
μήτε πελάζειν ἐς τούσδε τόπους
μήτ᾽ ἐπιφωνεῖν μηδένα θνητῶν
θήκην ἱεράν, ἣν κεῖνος ἔχει.
καὶ ταῦτά μ᾽ ἔφη πράσσοντα καλῶς
χώραν ἔξειν αἰὲν ἄλυπον.
ταῦτ᾽ οὖν ἔκλυεν δαίμων ἡμῶν
χὠ πάντ᾽ ἀΐων Διὸς Ὅρκος.

ΑΝΤΙΓΌΝΗ

ἀλλ᾽ εἰ τάδ᾽ ἔχει κατὰ νοῦν κείνῳ,
ταῦτ᾽ ἂν ἀπαρκοῖ· Θήβας δ᾽ ἡμᾶς
τὰς ὠγυγίους πέμψον, ἐάν πως
διακωλύσωμεν ἰόντα φόνον
τοῖσιν ὁμαίμοις.

ΘΗΣΕΎΣ

δράσω καὶ τάδε καὶ πάνθ᾽ ὁπόσ᾽ ἂν
μέλλω πράσσειν πρόσφορά θ᾽ ὑμῖν
καὶ τῷ κατὰ γῆς, ὃς νέον ἔρρει,
πρὸς χάριν· οὐ δεῖ μ᾽ ἀποκάμνειν.

ΧΟΡΌΣ

ἀλλ᾽ ἀποπαύετε μηδ᾽ ἐπὶ πλείω
θρῆνον ἐγείρετε·
πάντως γὰρ ἔχει τάδε κῦρος.



1 Vincenzo Di Benedetto, *Sofocle*, La Nuova Italia, 1983, p. 217 s.
2 Friedrich Nietzsche, *O Nascimento da Tragédia ou o Helenismo e Pessimismo*, tradução, nota e posfácio de J. Guinsburg, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 64.
3 Cf. estudo incluído no livro de seu filho Tycho von Wilamowitz-Moellendorff, *Die dramatische Technik des Sophokles*, Berlin, 1917, pp. 330-337.
4 Adolf Mueller, *Aesthetischer Kommentar zu den Tragoedien des Sophocles*, 1913, p. 134 s.

COLEÇÃO SIGNOS
(últimos lançamentos)

30. COISAS E ANJOS DE RILKE • Augusto de Campos
31. ÉDIPO REI DE SÓFOCLES • Trajano Vieira
32. A LÓGICA DO ERRO • Affonso Ávila
33. POESIA RUSSA MODERNA • Augusto e Haroldo de Campos e B. Schnaiderman
34. RE VISÃO DE SOUSÂNDRADE • Augusto e Haroldo de Campos
35. NÃO • Augusto de Campos
36. AS BACANTES DE EURÍPIDES • Trajano Vieira
37. FRACTA: ANTOLOGIA POÉTICA • Horácio Costa
38. ÉDEN: UM TRÍPTICO BÍBLICO • Haroldo de Campos
39. ALGO : PRETO • Jacques Roubad
40. FIGURAS METÁLICAS • Claudio Daniel
41. ÉDIPO EM COLONO DE SÓFOCLES • Trajano Vieira
42. POESIA DA RECUSA • Augusto de Campos
43. SOL SOBRE NUVENS • Josely Vianna Baptista
44. AUGUST STRAMM: POEMAS-ESTALACTITES • Augusto de Campos
45. CÉU ACIMA: UM TOMBEAU PARA HAROLDO DE CAMPOS • Leda Tenório Motta (org.)
46. AGAMÊMNON DE ÉSQUILO • Trajano Vieira
47. ESCREVIVER • José Lino Grünewald (José Guilherme Correa, org.)
48. ENTREMILÊNIOS • Haroldo de Campos
49. ANTÍGONE DE SÓFOCLES • Trajano Vieira
50. GUENÁDI AIGUI: SILÊNCIO E CLAMOR • Boris Schnaidermann e Jerus Pires Ferreira (orgs.)
51. POETA POENTE • Affonso Ávila
52. LISÍSTRATA E TESMOFORIANTES DE ARISTÓFANES • Trajano Vieira
53. HEINE, HEIN? POETA DOS CONTRÁRIOS • André Vallias
54. PROFILOGRAMAS • Augusto de Campos
55. OS PERSAS DE ÉSQUILO • Trajano Vieira
56. OUTRO • Augusto de Campos